



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Ciências da Informação**  
**Graduação em Museologia**

**Descobrindo Trajetórias: análises, aspectos e idealizadores do 1º Congresso Nacional de Museus de 1956 em Ouro Preto.**

Nathalia Gianini Reys

**Brasília**  
**2018**

Nathalia Gianini Reys

**Descobrindo Trajetórias: análises, aspectos e idealizadores do 1º Congresso Nacional de Museus de 1956 em Ouro Preto.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Museologia. Orientadora: Ana Lúcia de Abreu Gomes.

**Brasília  
2018**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

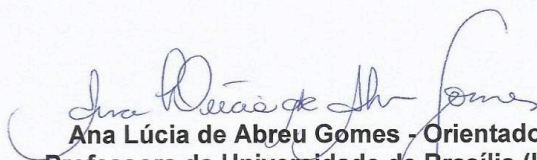
*Descobrindo Trajetórias: análises, aspectos e idealizadores do 1º Congresso Nacional de Museus de 1956 em Ouro Preto.*

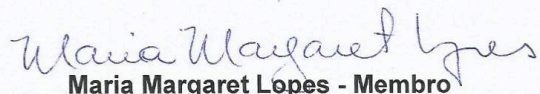
**Aluna:** Nathalia Gianini Reys

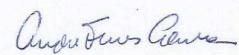
Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

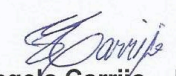
### Banca Examinadora:

Aprovada por:

  
**Ana Lúcia de Abreu Gomes - Orientadora**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutor em História - UnB**

  
**Maria Margaret Lopes - Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Pós- Doutorado em História das Ciências - LSU**

  
**Andrea Fernandes Considera – Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em História - UnB**

  
**Elizângela Carrijo – Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Mestrado em História Cultural - UnB**

Brasília-DF, 03 de julho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade de Brasília (UnB), por ser o maior centro de ensino que já conheci. Refiro-me não a sua ocupação geográfica, mas a excelência de profissionais que lá encontrei. Ingressar na UnB me abriu caminhos inimagináveis e contribuiu muito mais do que apenas na minha formação profissional.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes, pelas incontáveis qualidades, pelo jeito sábio com que conduz as palavras, pelo carinho com o qual recebe seus orientandos, por sua paciência comigo entre tantas “idas e vindas” na escolha do tema, por sua sutileza, por me fazer acreditar que com dedicação, paixão e vontade de pesquisar, podemos ir muito além. Obrigada, professora, por todo acolhimento, carinho e cuidado que teve comigo. Sei que sem você não conseguiria caminhar tanto nessa pesquisa. Obrigada por tudo. Repito sempre que posso, pessoas como você fazem toda a diferença.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margaret Lopes, exemplo de pesquisadora, professora e profissional. A oportunidade de ter sido sua aluna me ajudou a ampliar meus conhecimentos e me possibilitou encontrar meu objeto de pesquisa. Você, professora, é exemplo vivo de que a Museologia tem fôlego para crescer ainda mais dentro das ciências.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Considera, meu agradecimento por todas as vezes que me recebeu de braços abertos em sua sala, mesmo sabendo que eu iria tomar seu tempo falando sem parar. Mesmo assim, mostrava prontidão em me ouvir e ajudar. À senhora, toda a minha admiração. As incríveis Anelise Weingartner e Celina Kunyioshi. Aos queridos professores André Cabral Honor e Elizângela Carrijo. Ao André e suas aulas, que marcaram o meu último ano de universidade, e mesmo que nem tenha notado, seu carisma me deixava entusiasmada. André, você é capaz de tornar divertida e interessante até aulas de 19h às 22h em uma sexta-feira. À Professora Elizângela Carrijo, quem costumo considerar “professora da vida”. Sua postura em sala de aula me fez questionar a minha enquanto sujeito. Seus ensinamentos ultrapassam o ambiente acadêmico.

À Daniele Pestana, minha eterna chefe. Exemplo de ética, paixão, perseverança e profissionalismo. Mostrou-me a museologia na prática, confiou em mim e acreditou no meu trabalho. Os quatro anos de universidade não me



ensinaram tanto quanto a nossa convivência. Descobri que estava no lugar certo, na hora certa. Que bom que no mundo existem pessoas como você, Dani. Muita admiração pela museóloga que é, e muito respeito por toda a sua história. Obrigada por tudo, pelo apoio e principalmente por ter compartilhado comigo a paixão pela Conservação, o gosto por objetos empoeirados, pelos papéis mofados e pelo site da *molducenter*.

Meu agradecimento às amigas que a museologia gentilmente me deu, Flávia Mendes e Taiza Naves. A Taiza Naves, meu maior presente nessa trajetória dentro da Museologia. Nosso encontro no curso foi um divisor de águas. Minha admiração por você me fez procurar sempre mais, mais estudo, mais conhecimento... Obrigada por tudo e por tanto, por dividir comigo tantas angústias, tantos sonhos, risadas e aprendizados. E principalmente, por ter sido a primeira leitora do meu trabalho, por me ajudar a estruturá-lo e por contribuir tanto com sua sabedoria nata de "quem parece já saber tudo desde sempre". Jamais esquecerei de você, querida amiga. As colegas de trabalho, Bianca Werneck, Mellyssa Carvalho, Maria Carolina e Alana Louise, que me trouxeram tanta leveza nessa época conturbada de final de curso.

Bárbara Teixeira, Gabriela Bertoloto, Isabel Carvalho, Juliana Pires, Mariana França, Matheus Rocha, Melissa Kobori, Nathália Brilhante, Taíza Naves e Vitor Albuquerque, por todo amor que cultivamos durante todos esses anos. Se eu fosse agradecer por tudo que vocês fazem por mim, esse parágrafo seria do tamanho dessa monografia. Obrigada pela amizade tão bonita, pelo apoio, pela paciência, pelo amor e pelas doses de incentivo diário quando eu menos mereci. É como dizem, não é? "Amizade não é uma questão de presença física; porque amigo não precisa estar. Amigo precisa ser" (autor desconhecido). E a Nathália Salomão, a minha maior saudade. Naty, sei que acompanhou todo meu processo bem de pertinho. Eu observei todos os sinais, e sim, você estava lá. A saudade atrapalha a nossa evolução espiritual, é verdade, mas o amor é ainda maior. Obrigada por ter mudado a minha vida e ter deixado tanto de você aqui conosco.

À Ana Cristina dos Reis, minha mãe, meu pai e meu tudo. Você nunca mediu esforços para que eu alcançasse a erudição. Nunca expressou um descontentamento sequer desde o primeiro dia em que falei sobre meu fascínio pela história e logo depois, pela museologia. A liberdade que você me deu, mãe, eu jamais esquecerei. Sou extremamente grata. Você me deu asas pra voar e voei alto rumo à descoberta de quem sou. Espero ser um dia metade da mulher que você é.

Tudo graças a sua força. E, claro, devemos muito ou quase tudo a grande mestre de nossas vidas, Neide. A Neidinha, minha Neide, a razão de tudo ser belo no meu mundo. Vovó, eu só peço que a senhora permaneça muitos anos ao meu lado. A conclusão dessa etapa é um grande reconhecimento a vocês duas.

E ao meu companheiro, Yuri Saback. Você me estendeu as mãos e caminhou junto comigo. Falar da minha graduação é também um grande pretexto para falar de você e dos nossos sonhos. E até nos momentos em que estive confusa e por vezes, desmotivada, você sempre soube extrair o melhor de mim e ainda mais, me mostrou confiança. Sua paciência, seu carinho... Tenho tanta admiração por ti, acredito que é isso que nutre diariamente esse sentimento lindo que tenho por você. Obrigada por ser minha maior motivação, essa conquista também é sua. “Um dia a mais, também é um dia a menos...”. Obrigada pela felicidade que me proporciona e por nossas filhas caninas Mindi e Frida.

Dedico esse trabalho a todos que aqui citei e aos alunos do curso de Museologia, os quais eu anseio para que procurem mais e mais sobre nossa história. Que encontrem prazer em pesquisar. E que encontrem muita paixão nesse caminho que escolhemos seguir.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, apresenta por meio de análise de fontes documentais primárias e secundárias, o Primeiro Congresso Nacional de Museus realizado em Ouro Preto no ano de 1956. A partir da observação da dificuldade em encontrar bibliografia que tratasse o Congresso, verificou-se a necessidade de iniciar a busca em periódicos presentes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Diante das fontes jornalísticas analisadas, identificou-se um núcleo de pessoas ativas nas decisões culturais dos anos 1950 a que se envolviam os museus e que estas permaneceram quase as mesmas entre os anos 1930 e 1950. As agências que estiveram presentes no I Congresso, bem como seus agentes, revelam trajetórias individuais e coletivas, em prol dos museus e seu desenvolvimento. Percebeu-se durante a realização do trabalho, que os museus desempenharam um caráter internacional, pautado principalmente pelo intercâmbio de seus profissionais. Membros da Organização Nacional do Icom juntamente com demais técnicos e profissionais que atuavam nos museus brasileiros se reuniram pela primeira vez em Ouro Preto, para a realização do evento em 1956, buscando a troca de conhecimentos, discutindo problemáticas e repensando soluções acerca da realidade dos museus brasileiros.

**Palavras-chave:** I Congresso Nacional de Museus. Onicom. Ouro Preto. Museus. Heloísa Alberto Torres. Lygia Martins Costa.

## **ABSTRACT**

The current essay of degree conclusion, presents by analyzing primary and secondary documental sources, the First Museum National Congress took place in Ouro Preto in 1956. Realizing the difficulty finding bibliographies that covered subjects about the Congress, it was then noted the need to start a search in periodics at the Rio de Janeiro's National Library's Digital Newspaper Library. Throughout the journalistic source analyzed, it was found a group of people that were active on behalf of the cultural decisions in the 1950's. The agencies that showed up in the I Congress, as well as their agents, reveal individual and collective trajectories, in favor of the museums and their development. During the making of the essay, it was noted that those museums took an international feature, lined mainly by the exchange of its professionals. Members of the National Organization of Icom, technicians and professionals who worked in the brazilian museums got together for the first time in Ouro Preto, to the realization of the event in 1956, seeking the exchange of knowledge, discussing problematics and rethinking solutions on behalf of the brazilian museums reality.

**Keywords:** First Museum National Congress. Onicom. Ouro Preto. Museums.  
Heloísa Alberto Torres. Lygia Martins Costa.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Primeira reportagem .....	44
Imagem 2 – Rodrigo M. F. de Andrade e o Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	45
Imagem 3 – TCU registra verbas destinadas ao Congresso .....	46
Imagem 4 – Primeiro trabalho apresentado: Guia Comentado dos Museus Brasileiros .....	47
Imagem 5 – Introdução a Museografia Brasileira - Guia Comentado de Museus Brasileiros .....	48
Imagem 6 – Objetivos do Congresso 1 .....	49
Imagem 7 – Temas a serem discutidos no Congresso .....	50
Imagem 8 – Convidados especiais .....	50
Imagem 9 – Primeira reportagem do Diário de Notícias .....	54
Imagem 10 – Primeiras reuniões para discutir organização do Congresso .....	56
Imagem 11 – Preparativos .....	57
Imagem 12 – Continuação .....	58
Imagem 13 – Quadro oficial de temas a serem abordados nos Trabalhos .....	60
Imagem 14 – Reuniões e seus participantes .....	63
Imagem 15 – Entrevista Yolanda Portugal .....	64
Imagem 16 – Continuação.....	65
Imagem 17 – W. Pfeiffer, representante do Estado de São Paulo no Congresso .....	66
Imagem 18 – Membros ativos, observadores e convidados .....	67
Imagem 19 – Mário Barata comenta sobre o Congresso em aula inaugural do curso de museologia .....	69
Imagem 20 – Continuação .....	70
Imagem 21 – Continuação .....	71
Imagem 22 – Apoio de Jânio Quadros e do Estado de São Paulo .....	71
Imagem 23 – Apoio do município de Ribeirão Preto .....	73
Imagem 24 – Reivindicação as Visitas- Guiadas em museus .....	74

Imagem 25 – Participação de Oswaldo Teixeira no Congresso .....	75
Imagem 26 – Principais temas a serem debatidos no Congresso .....	76
Imagem 27 – Temas fundamentais .....	76
Imagem 28 – Continuação .....	77
Imagem 29 – Darcy Ribeiro no Congresso Nacional de Museus .....	78
Imagem 30 – Continuação .....	78
Imagem 31 – Heloísa Alberto Torres e o Congresso Nacional de Museus .....	79
Imagem 32 – Comissões do Primeiro Congresso Nacional de Museus ....	80
Imagem 33 – Comissão organizadora do Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	81
Imagem 34 – Continuação .....	82
Imagem 35 – Campanha pelas visitas guiadas .....	83
Imagem 36 – Outros participantes do Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	84
Imagem 37 – Rodrigo M. F de Andrade fala do Congresso e da cidade de Ouro Preto .....	85
Imagem 38 – Objetivos do Congresso 2 .....	86
Imagem 39 – Matéria noticiada durante a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	86
Imagem 40 – Visitas guiadas em museus brasileiros .....	87
Imagem 41 – Encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	88
Imagem 42 – Perspectivas geradas após o Primeiro Congresso .....	90
Imagem 43 – Continuação .....	90
Imagem 44 – Necessidade de curso superior para conservador .....	91
Imagem 45 – Continuação .....	92
Imagem 46 – Objetivos dos museus de ciência .....	93
Imagem 47 – Continuação .....	93
Imagem 48 – Trabalho apresentado por W. Pfeiffer .....	94
Imagem 49 – Continuação .....	95
Imagem 50 – Criação do Museu de Ciência do Centro de Pesquisas Físicas .....	96

Imagem 51 – Trabalho de Lourival Gomes Machado .....	97
Imagem 52 – Última reportagem .....	98
Imagem 53 - Cartaz oficial do Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – periódicos cariocas contendo citação ao Congresso Nacional de Museus ao longo da década de 1950 .....	38
Quadro 2 – levantamento quantitativo agências .....	109
Quadro 3 – infográfico agências continuação .....	110
Quadro 4 – levantamento quantitativo agentes .....	110
Quadro 5 – infográfico agentes .....	111



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CICI	Comitê Internacional de Cooperação Intelectual
CNM	Cadastro Nacional de Museus
DN	Diário de Notícias
Dphan	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes
Ibecc	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
Icom	International Council of Museums
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IIC	Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual
IMN	Inspetoria de Monumentos Nacionais
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAM	Museu de Arte Moderna
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MES	Ministério Educação e Saúde
MHN	Museu Histórico Nacional
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
MN	Museu Nacional
OIM	Escritório Internacional dos Museus
Onicom	Organização Nacional do Comitê Internacional de Museus
ONU	Organização das Nações Unidas
Phan	Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Sphan	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

TCU	Tribunal de Contas da União
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unic	Organização de Cooperação Intelectual das Nações Unidas

## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice 1 – Mapa de conceitos - relação agentes e agências .....	148
---	-----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1. Antecedentes nacionais e internacionais .....</b>	<b>23</b>
1.1 Contextualização histórica .....	25
1.2 Organizações internacionais e seus efeitos no Brasil dos anos 1950: criação da UNESCO, ICOM e o Primeiro Congresso de Museus.....	27
<b>2. O Congresso .....</b>	<b>38</b>
2.1 Os suplementos literários .....	40
2.2 Jornais cariocas .....	43
2.2.1 Correio da Manhã .....	43
2.2.2 Diário de Notícias .....	51
2.3 O Congresso .....	99
2.4 Membros e participantes .....	102
2.5 Patrocínio e verbas .....	103
2.6 Os trabalhos apresentados .....	104
2.7 O território .....	106
<b>3. Agências e agentes .....</b>	<b>109</b>
3.1 As agências .....	111
3.2 Os agentes .....	117
3.2.1 Rodrigo Melo Franco de Andrade .....	117
3.2.2 Heloísa Alberto Torres .....	120
3.2.3 Gustavo Barroso .....	123
3.2.4 Oswaldo Teixeira .....	126
3.2.5 Agentes no Primeiro Congresso Nacional de Museus .....	127
3.3 A construção da relação entre as agências e agentes .....	131
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do objeto de pesquisa é uma tarefa árdua e que merece desvelo para realizá-la. Por mais prosaico ou romântico que possa parecer, é necessário ter paixão pelo tema a ser pesquisado. Penso que acreditar naquilo que se propõe a trabalhar facilita sua execução. Caso contrário, o processo de elaboração do trabalho pode tornar-se exaustivo para o pesquisador. É possível que ele não avance e não encontre forças para suceder.

O parágrafo anterior define como foi para mim a etapa final do curso de Museologia, e logo, a escolha do tema. No último ano de curso, mudei de tema uma, duas e até três vezes até que encontrasse um material que me causasse inquietação e vontade para ir além.

Durante as aulas de Introdução a Trabalho de Conclusão de Curso (ITCC), lembro-me da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes dizer que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) era o primeiro passo para a carreira acadêmica, e mesmo que os alunos dessem o melhor de si para concluí-lo, no fim, este seria o primeiro e não o mais importante trabalho. Acho que ela queria dizer era que “o melhor ainda estava por vir”. Então, pude entender que a monografia pode ser uma grande porta de entrada para algo ainda maior.

Não poderia imaginar que minha pesquisa me levaria a caminhar por onde caminhei. Surpreendentemente, me vi em busca de entender um pouco mais sobre a história da Museologia. Foi no final de julho de 2017, em uma conversa despretensiosa, que minha orientadora me informou que os alunos que já estavam para se formar poderiam cursar matérias na Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da Informação (PPGCinf/FCI) como alunos especiais. Quando disse a ela que gostaria de dar mais atenção à área do patrimônio, ela me deu este conselho que mudou o rumo da minha pesquisa.

Hoje, sou capaz de afirmar que graças a disciplina *Tópicos da Organização da Informação: museus e patrimônio: agentes e agências*, novas oportunidades de pesquisa foram surgindo. Começamos o semestre discutindo sobre a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), e os protagonistas desta instituição. E naturalmente, nomes foram surgindo. “Heloísa Alberto Torres, vocês da Museologia conhecem?” foi a primeira pergunta da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margareth Lopes direcionada a nós. Fiquei estarrecida. Como? Heloísa? Já tinha

ouvido falar desse nome, mas nada veio a minha cabeça naquele momento. E certamente, o mesmo aconteceu com minhas colegas, uma vez que o silêncio permaneceu. Pois bem, ela - a Heloísa Alberto Torres - foi responsável pela direção do Museu Nacional, participou de seminários e pesquisas, era assídua nas discussões da área e presidente do Comitê Nacional do Icom, ou Icom-Brasil. Também foi etnóloga e comumente conhecida como uma das primeiras mulheres a aparecerem no cenário intelectual do país. Nesse sentido, em meio aos anos 1930, cercada de senhores, foi capaz de alcançar uma posição de prestígio.

Com muita vontade de explorar o campo museal a partir dessa figura feminina, outros eventos foram sendo revelados. O Primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado em 1956 e foco dessa pesquisa, se mostrou como um conteúdo pouco difundido entre as disciplinas da Museologia. Foi um acontecimento que eu até então desconhecia.

Poucas referências bibliográficas respondiam a meus questionamentos. A pesquisa sobre este tema, ainda que incipiente, apresenta a preocupação em discorrer sobre as abordagens políticas e culturais brasileiras dos anos 1950, suprimidos pela falta de reconhecimento e pesquisa sobre suas atuações no campo museológico brasileiro.

Nossas referências indicam então, que o Primeiro Congresso de Museus se insere na categoria de eventos esquecidos. A partir dessa indicação, nos debruçamos sobre o tema para possibilitarmos um melhor entendimento sobre esse Congresso, que aconteceu para atender as demandas da Unesco e do Icom.

Muito embora não se tenha bibliografia que trate do tema com maior atenção, a cobertura de notícias sobre o evento durante os anos de 1955 e 1956 demonstram que o Congresso movimentou uma ampla rede de técnicos e instituições, assim como atraiu o interesse de grupos de intelectuais da época<sup>1</sup>. O

---

<sup>1</sup> Na matéria publicada em 1956, no Diário de Notícias (RJ) com o título "Próximo do fim, o prazo de entrega de teses para o Primeiro Congresso Nacional de Museus", cuja notícia revela a participação notável de técnicos da área: "Presidido, atualmente, pela Dra. Heloísa Alberto Torres, o citado Comitê tem como vice- presidentes os Srs. Gustavo Barroso e Osvaldo Teixeira. Participam, ainda, entre outros, da entidade coordenadora de nosso museografia, o Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (na qualidade de tesoureiro); o embaixador Maurício Nabuco do Museu de Arte Moderna do Rio, José Valadares, do Museu da Bahia, Sérgio Buarque de Holanda, do Museu Paulista; Dante de Laytano, do Museu Julio de Castilhos, do Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife, Américo J. Lacombe, da Casa de Ruy Barbosa, Mário Barata, Lígia Martins Costa, Iolanda Portugal, Regina Real e Lourival Gomes Machado. Entre os coordenadores do Congresso figuram Luís de Castro Faria, do Museu Nacional e o arquiteto

seminário discutiu temáticas diversas a fim de desenvolver um diagnóstico dos museus brasileiros e, assim, conhecer a realidade desse campo, que já existia a mais de 100 anos no Brasil<sup>2</sup>.

A escolha do objeto e da metodologia de pesquisa resultou então da dificuldade em encontrar publicações e estudos referentes ao Primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado em Ouro Preto. A partir dessa dificuldade, nasceu a inquietação acerca do referido seminário: por que ele quase não é mencionado em estudos do campo? O que levou a sua realização? Quais eram seus objetivos?

Acredito que este conteúdo deva ser discutido e disseminado na comunidade acadêmica, mas, para tanto, há a necessidade de produção de material especializado. Dessa forma, apontada a falta de acesso a dados sobre o tema, percebo que os alunos do curso acabam por desconhecer uma parte significativa da gênese do campo museológico no Brasil. Apresento, então, a preocupação em discorrer sobre as abordagens políticas e culturais brasileiras dos anos 1950, suprimidas pela falta de reconhecimento e de pesquisa acerca da atuação no campo museológico brasileiro.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a produção de literatura especializada e, conseqüentemente, para a historiografia da Museologia no Brasil enquanto campo científico. Entre os objetivos específicos estão: 1. Destacar quais personalidades e que instituições estiveram presentes na discussão de temáticas envolvendo museus e portanto, qual a contribuição deles para a realização do Congresso; 2. Analisar a estrutura informacional emitida pelos jornais a partir das matérias<sup>3</sup> escolhidas e assim, apresentar que Congresso foi esse a partir dessas matérias; 3. Apresentar o Primeiro Congresso Nacional de Museus e seus idealizadores.

---

especializado Renato Soeiro. Em São Paulo é secretário da comissão regional, W. Pfeiffer" (Diário de Notícias, p. 67, 20 maio de 1956).

<sup>2</sup> Em dados retirados de Ibram (2011), o Museu Real, hoje Museu Nacional, é considerado o primeiro museu do Brasil, e foi fundado por meio de um decreto do então príncipe regente de Portugal, D. João, em 1818.

<sup>3</sup> O jornalismo engloba diversos gêneros textuais segundo o emprego e a função informativa. Assim, há diferença entre notícia e matéria, reportagem, artigo, editorial e etc. Para mais informações, ver José Marques de Melo (1985) e Nilson Laje (2006).

<sup>4</sup> No sentido de jornalismo que engloba diversos gêneros textuais segundo o emprego e a função informativa. Assim, há diferença entre notícia e matéria, reportagem, artigo, editorial e etc. Para mais informações, ver José Marques de Melo (1985) e Nilson Laje (2006).

Devido à falta de bibliografia especializada e também ao limite de tempo para a realização da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a escolha do objeto se deu a partir do que foi produzido pela imprensa escrita, a fim de que a análise documental dessas fontes possa subsidiar um estudo sistematizado sobre o Congresso e seus precursores/idealizadores.

O uso da análise documental por meio de periódicos é justificada pela falta de historiografia concisa sobre o evento. Embora mencionado em outros Congressos, reuniões de Conselhos, Guias de Museus e até mesmo em teses e dissertações, não foi possível encontrar maiores estudos sobre a temática em questão, isto é, não foram encontradas produções literárias específicas sobre o Primeiro Congresso de Museus.

No texto de Tânia Regina de Luca (2008), destinado à pesquisa por meio de fontes históricas impressas, a autora comenta sobre estudos do historiador Jean-François Sirinelli, que nos diz: “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 1996, p.249 *apud* LUCA, 2008 p.140) observação que se estende aos jornais.

De fato, jornais ou revistas, não são obras isoladas, “mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2008, p.140).

Estudos dessa natureza revelam a importância que essas fontes representam para a construção da historiografia, sendo esta sistematizada por uma análise crítica da fonte. “De forma análoga, publicações classificadas como de cunho estritamente cultural foram espaço privilegiado da articulação e difusão de leituras sobre o país e os caminhos que deveria tomar” (LUCA, 2008, p.126).

A importância da pesquisa documental realizada por meio de jornais impressos é assente nesta pesquisa, uma vez que não foi encontrada uma historiografia sobre o tema em questão. Uma análise documental bem executada pode, dependendo da abordagem, superar dificuldades por vezes impostas pela falta de literatura acessível sobre um determinado objeto ou recorte.

Desta forma, utilizando do texto de Cellard (2008), vemos que sua metodologia justifica e argumenta que uma boa documentação consiste no conhecimento do contexto sobre as relações que se pode tecer entre documentos,



textos e autores. É possível assim, construir uma abordagem teórica que será capaz de elucidar os questionamentos precedentes à análise dessa fonte. Assim, podemos entender que a análise documental também produz conhecimento científico.

A riqueza da análise de fontes e suas multifacetadas abordagens promovem possibilidades de interação e interlocução entre as áreas do conhecimento. Considerada pelo presente trabalho como de maior relevância para o campo museológico brasileiro, o qual apresenta lacunas quanto a sua formação científica.

Está expresso aqui também o desafio da pesquisa acadêmica que a área da museologia enfrenta, o qual se dá devido a problemática da falta de informações que expliquem sua trajetória. Esse trabalho se configura então, como pesquisa básica e exploratória. A metodologia se desenvolveu a partir da análise documental dos periódicos *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* entre os anos de 1955 e 1956 na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A caracterização do estudo como pesquisa exploratória comumente ocorre quando o conhecimento sobre determinada temática é limitada. Gil (1999) destaca que a pesquisa exploratória é desenvolvida para abarcar uma visão mais ampla, ainda que não completa, do problema. Consequentemente, esse tipo de pesquisa é utilizada quando o objeto escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses concretas.

A operacionalidade da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento do pesquisador sobre a temática ainda pouco investigada. Deliberadamente, suscita que questões mais norteadoras sejam levantadas para maior sistematização da área a ser estudada. À medida em que o estudo se integra a essa finalidade, pode se categorizar enquanto pesquisa exploratória. No tocante aos procedimentos, o estudo contempla uma análise documental proposta por André Cellard (2008)

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Segundo o autor, o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social, onde se torna possível observar o desenvolvimento na organização de indivíduos, grupos, comportamentos, conceitos e mecanismos estruturais de uma sociedade.

Dessa forma, sugere que o pesquisador busque erudição apropriada para analisar com profundidade seu material. E quando assim o fizer que se estabeleçam estruturas apropriadas para sua análise.

Cellard (2008) propõe etapas para reconhecimento do documento a ser estudado, ressaltando a importância de verificar a origem da fonte. Classifica o documento em fontes distintas, que operam de maneiras diversas<sup>4</sup>. Por isso, é importante previamente reconhecê-las entre fontes primárias e secundárias<sup>5</sup>.

O interesse em reconhecer esses dispositivos neste trabalho consiste em aferir o melhor tratamento à fonte escolhida para pesquisar um assunto pouco mencionado pela bibliografia atualizada. Assim, diante das possibilidades de discorrer sobre o Primeiro Congresso Nacional de Museus, foi percebida a partir da consulta aos periódicos<sup>6</sup> da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional uma quantidade de dados expressiva, não encontradas em outras referências.

Nessa parte do trabalho, de análise documental, os periódicos serão descritos e analisados diante da metodologia estruturada por Cellard (2008)<sup>7</sup>. É

---

<sup>4</sup> No sentido de reconhecer que existe uma multiplicidade de fontes documentais, “cuja variedade não se compara a informação que elas contêm”. (CELLARD, 2008, p. 298). Portanto, deve-se recorrer a fontes potenciais de informação, e isto não se refere somente ao local onde o pesquisador vai encontrá-las, mas como e qual questionamento fará.

<sup>5</sup> “Tradicionalmente, os historiadores chamam de ‘fontes’ os depoimentos de contemporâneos do acontecimento que eles desejam reconstruir. Distinguem-se, geralmente, as fontes primárias produzidas por testemunhas diretas do fato, das fontes secundárias que provêm de pessoas que não participaram dele, as que o reproduziram posteriormente”. (CELLARD, 2008, p. 297).

<sup>6</sup> Segundo Cellard (2008) a pesquisa em jornais e periódicos está inscrito na subdivisão de Documentos Públicos não Arquivados

<sup>7</sup> Cellard (2008) propõe uma estrutura com cinco etapas para estudar a fonte escolhida, iniciada em uma análise preliminar, ou, um olhar crítico a documentação que se pretende analisar. A estrutura consiste em:

- 1) O contexto: Reconhecer qual o contexto em que o documento foi produzido e a quem ele se destina. Portanto, faz-se necessário o entendimento da conjuntura social, econômica e política.
- 2) O autor ou Autores: Elucidar a identidade do autor é imprescindível para compreender qual a intenção e quais motivos o levaram a escrever. Dessa forma, examinar em nome de quem ou quem ele se expressa (se fala em nome próprio, em nome de um grupo social ou instituição). Sequencialmente, o pesquisador deve também questionar de que maneira

importante também destacar que a aplicabilidade da metodologia sistematizada por André Cellard é limitada, não pela escolha da fonte, mas pelo que se deseja alcançar no produto final do trabalho. Portanto, as bases dessa pesquisa serão sustentadas por meio da análise documental em publicações da década de 1950, bem como a revisão da literatura.

## 1. Antecedentes Nacionais e Internacionais

Ao observar o panorama museológico nacional ao longo do século XX foi possível notar um cenário abrangente e diverso, circundado por iniciativas e mediadores que buscaram proteger e estudar o universo<sup>8</sup> complexo das instituições museológicas e suas múltiplas funções.

---

esse documento, em detrimento a outros, chegou até ele. A resposta requer conhecimento prévio sobre aquela sociedade em questão - se esse meio de informação era acessível somente a classes isoladas ou alcançava domínio público.

- 3) A autenticidade e confiabilidade do texto: O autor ressalta que não basta conhecer somente o contexto social, ideológico ou autoral, uma vez que não se possa verificar a procedência do documento. Essa etapa é capaz de responder ao pesquisador se o documento possui qualidade para ser avaliado. Empenhar-se em descobrir a origem do documento, é revelar quem o escreveu. Assegurar-se de que sua fonte é confiável, faz referência às intenções do autor, ou até dos documentos, que muitas vezes possuíam letras quase que ilegíveis, e há tempos os historiadores aprenderam a desconfiar de possíveis erros de transmissão de leituras feitas anteriormente. Nesse sentido, é importante problematizar questões que possam exprimir dados sobre a relação entre o documento e o/os autor/autores: “Foram testemunhas diretas ou indiretas ao fato? Usaram de argumentos inadequados para formular suas suposições? Quanto tempo se decorre entre o fato acontecido e sua descrição? Eles poderiam estar enganados?” Etc. Esse tipo de questionamento pode nortear o planejamento operacional da pesquisa.
- 4) A Natureza do texto: Cabe ao pesquisador considerar a natureza do documento, ou seu suporte. Este documento configura-se como um texto de natureza médica, jurídica ou religiosa? Não cabe a mesma análise em um documento destinado a autoridades específicas à um diário particular e íntimo; Essa etapa suscita que a produção desse documento pode estar influenciada pelo contexto no qual ele foi redigido.
- 5) Os conceitos-chave e a lógica interna do texto: Envolve a compreensão de conceitos ou termos empregados pelo autor de um texto. Cellard (2008:302) exemplifica que em casos de textos antigos, alguns conceitos se modificam, são esses, termos socialmente construídos, como “tratamento moral” cujo significado difere entre os períodos históricos.

Estes são os cinco passos que antecedem a Análise. Somente após a avaliação preliminar do documento que é possível reunir todas as partes - autores, interesses, autenticidade, natureza do texto e conceitos-chave. O domínio do conteúdo possibilita então uma interpretação mais coesa sobre o documento. “Os elementos que vão preceder a interpretação da fonte devem partir da problematização inicial levantada pelo pesquisador” (CELLARD, 2008, p.303).

<sup>8</sup> Com iniciativas abrangentes da Organização das Nações Unidas (ONU), o Museu, enquanto espaço de cultura e ciência, também foi impactado. Em 1946, foi fundado o *International Council of Museums* - Icom, que na condição de organização não-governamental mantém relações com a Unesco. (Ibiam,

Quando me refiro a iniciativas protecionistas, é válido lembrar que estas permeiam atuações nacionais. De acordo com Ibram (2011), o empreendimento no campo de museus partiu de agências internacionais que, por meio de iniciativas, debates e programas se tornaram capazes de proporcionar encontros que analisassem e comparassem o campo em diferentes localidades, fossem elas regionais, nacionais ou globais.

Essa vinculação é importante para entender os debates dos anos que se seguiram. O trabalho de cooperação entre essas duas redes (Unesco e Icom) gerou a necessidade, a nível internacional de

Registrar informações capazes de auxiliar na padronização de definições, classificações e métodos para a coleta de dados. A experiência foi empreendida em 52 países, entre eles o Brasil (IBRAM, 2011, p. 18).

Nesse sentido, a publicação *Museus em Números* do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011) trouxe ao público o mapeamento feito por meio do Cadastro Nacional de Museus (CNM), contendo informações que visam indicar um panorama nacional dos museus, abordagens e temáticas acerca da localização, do acervo, do público, do espaço físico, da acessibilidade e dos serviços oferecidos pelos museus já cadastrados pelo Ibram.

Na referida publicação a coleta de dados parte de averiguações realizadas por meio do questionário aplicado em 1952. Essas foram divulgadas pela Unesco na publicação *Basic Facts and Figures: Illiteracy, Education libraries, museums, books, newspapers, newsprint, film and radio*, e trazem informações referentes a museus de 26 países.

A publicação *Museus em Números* indica também que em 1953 foi produzido por Heloísa Alberto Torres um guia chamado *Museum of Brazil*, resultado da compilação de dados do arquivo do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional (Sphan). Na obra foram elencadas 175 instituições museológicas.

Dando continuidade à leitura do referido livro elaborado pelo Ibram em 2011, dou destaque à informação de que aconteceu no Brasil em 1958 um seminário que reuniu técnicos<sup>9</sup> de museus. Conhecido como Seminário Regional da Unesco, teve como objetivo discutir o papel educativo dos museus e resultou em estudos

---

2011). Além desses mediadores, vale acrescentar a atuação do Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (Iphan).

<sup>9</sup> O seminário foi dirigido por Guy de Hollanda e composto por Elza Ramos Peixoto, Lygia Martins Costa, Regina Real, Santos Trigueiros e Octávia Corrêa dos Santos (IBRAM, 2011).

sistêmicos na área. Esse, entretanto, não foi o primeiro seminário a possuir esse caráter investigativo.

Dois anos antes, acontecia em Ouro Preto o primeiro congresso brasileiro destinado a estudos do campo, evento esse que desencadearia uma série de outros seminários, por meio dos quais se buscou aprofundar discussões específicas, como é o caso do Seminário de 1958.

As poucas referências ao 1º Congresso foi o que impulsionou o foco e direcionamento da presente pesquisa.

Dessa forma, por meio de levantamento bibliográfico e análise documental, fica nítido o processo de obscurecimento com relação ao congresso realizado em 1956 para atender as demandas da Unesco e do Icom. Mas, primeiramente, é preciso entender o que se almejava com esses encontros e, sequencialmente, identificar as personalidades públicas que participaram de forma ativa nesse contexto, a fim de entender seu papel no âmbito das políticas culturais para o campo dos museus no Brasil.

Para tal, destino a primeira parte deste capítulo à contextualização histórica que antecedeu à difusão mais completa e consolidada dos Museus e seus interlocutores. Somente a partir desse levantamento, é possível apresentar ao leitor o que pode ter influenciado a Unesco, enquanto referência de organização internacional, a dedicar parte de sua atuação aos museus e, posteriormente, o que levou a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus, em Ouro Preto, no ano de 1956.

### 1.1. Contextualização Histórica

As imagens do Novo Mundo foram construídas a partir das experiências e dos relatos de pessoas que viajaram para o continente americano, mas também a partir do imaginário daqueles que nunca saíram da Europa. O novo mundo se fazia presente na Europa não apenas em decorrência de pessoas que atravessavam o oceano, mas, especialmente, por meio de objetos e artefatos.

Os objetos são grandes detentores de simbologias. O ato de colecionar objetos ganha então novo sentido, tornando estes passíveis a investigações de um mundo que acaba de ser descoberto. A esse momento cabe citar brevemente os

Gabinetes de Curiosidades<sup>10</sup>. Espaços de memória, de acúmulo e de poder, inicialmente tendem a um caráter acumulativo e enciclopédico, o que viria a ser refutado mais à frente por meio de outras perspectivas, com foco naquilo que está ao alcance dos olhos, deixando de lado a preocupação com a classificação, nomenclatura e atribuições do objeto em questão. O exotismo e o “desconhecido” revelam um interesse central na investigação e aquisição desses objetos e artefatos.

Em 1683, com a abertura das coleções de Elias Ashmole doadas à Universidade de Oxford os museus europeus começaram a abrir portas para visitantes. A organização desses espaços possuía caráter universal e enciclopédico e segundo Margaret Lopes (2009), tornaram-se “referências obrigatórias” (LOPES, 2009, p.34).

No Brasil, os primeiros vestígios de atividade científica (aqui se refere ao ato de observar, colecionar e pesquisar espécies) tiveram início com a instalação e permanência dos holandeses em Pernambuco, mais precisamente na cidade de Olinda, administrada por Maurício de Nassau (1604- 1679)<sup>11</sup>.

Entretanto, foi no século XIX, que os museus começam a aparecer com maior destaque. O Museu Nacional teve uma atuação efetiva tanto em limites nacionais como internacionais, simbolicamente expressado como o primeiro museu da corte portuguesa no Brasil e o primeiro espaço nacional a difundir conhecimentos científicos dentro e fora de seu terreno, mantendo vínculo com instituições culturais

---

<sup>10</sup> Onde Helga Possas (2005) nos explica que: "As coleções dos gabinetes dos séculos XVI E XVII são, de acordo com Adalgisa Lugli, organizadas em dois grandes eixos – o *Naturalia* e o *Mirabilia*. Do primeiro, fazem parte exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral. Já o segundo, divide-se por sua vez em duas seções: os objetos produtos da ação humana (*Artificialia*) e as antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos desconhecidos, normalmente vendidos aos colecionadores ou apresentados por viajantes e marinheiros" (POSSAS, 2005, p. 153).

<sup>11</sup> Nassau realizou grandes empreendimentos em prol da arte e da ciência e “levou consigo para o Novo Mundo com a tarefa específica de retratar sua fauna, sua flora, seus habitantes e suas paisagens o mais fielmente possível. Faziam parte do grupo os pintores Albert Eckhout e Frans Post, o naturalista Georg Marcgraf (1610-1644) e o médico Willem Piso” (FRANÇOSO, 2009, p. 21). Quanto à proveniência das espécies de animais exóticos, Mariana Francoso (2009), comenta sobre o relato de Frei Manoel Calado, onde ele menciona que muitos desses animais foram dados a Nassau como presente de moradores portugueses do Brasil Holandês: “Como os moradores da terra lhe conheciam a condição e o apetite, cada um lhe trazia a ave, ou animal esquisito que podia achar no sertão.” (apud Calado, 2004 [1648]: 111-112). Eram papagaios, araras, jacis, canindês, jabutis, mutuns, galinhas da Guiné, patos, cisnes, pavões, perus, galinhas, pombas, tigres, onças, tamanduás, quatis, sagüins, cabras do Cabo Verde, carneiros de Angola, cutias, pacas, antas, javalis, coelhos – “não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores lhes mandavam de boa-vontade.” (apud Calado, 2004 [1648]: 112).

e científicas, participando enquanto grande núcleo de estudos e referências. De acordo com Lopes

Afirmar que o Museu Nacional do Rio de Janeiro é inquestionavelmente um dos *loci* privilegiados para o entendimento do que foi o processo de institucionalização das ciências naturais no Brasil, no século XIX, significa reconhecer, além das atividades específicas mais evidentes da produção científica que suas coleções catalisavam, o próprio papel proeminente e aglutinador que o museu exerceu na primeira metade do século (LOPES, 2009, 71).

Compreendendo o cenário que permeia a institucionalização desses espaços, abrimos margem para discussões acerca das pesquisas iniciadas no Museu Nacional e seu reconhecimento internacional para, mais tarde, evidenciarmos, a importância dos agentes que trabalharam ativamente em estudos, projetos e encontros que discutiram a pesquisa científica, o patrimônio e outras temáticas ligadas aos museus no Brasil.

## 1.2 Organizações internacionais e seus efeitos no Brasil dos anos 1950: criação da Unesco, Icom e o Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Os anos 1950 foram marcados por um acelerado processo de mudanças. Dado esse fato, se faz necessário compreendermos os acontecimentos da época. Os museus iniciam nessa década um processo de descentralização, sinalizado pela inclusão de agentes brasileiros na participação efetiva na vida cultural no Brasil.

O cientificismo naturalista tomou fôlego na segunda metade do século XIX, tendo como grande influenciador o positivismo, entre outras vertentes intelectuais que vicejavam no país. A adoção de novos parâmetros intelectuais nas esferas educacionais, científicas e culturais se deu a partir do século XX. No âmbito do Estado brasileiro, novos empreendimentos governamentais foram surgindo, fossem eles museus, universidades ou centros de pesquisa. No século XX também, “uma nova geração de proposições com pretensões de abrangência mundial advém com a criação da Unesco e do Icom” (MARTINEZ, 2011, p. 415). Ambas diligências interferem nas políticas direcionadas ao patrimônio cultural e natural.

Mesmo o século XIX sendo considerado um século de muitas mudanças para os museus, o marco para a internacionalização do Museu Nacional foi na

década de 1930. Mesmo ano no qual se confirma o campo intelectual concernente à Museologia. Até então não mencionada nesse texto, uma vez que esta só se constitui como prática de ensino em 1932, com o curso ministrado por Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional (MHN).

Não é válido afirmar que não houve interação técnica e estudo de museus nos anos anteriores, porém não se tinha, efetivamente, um curso que fosse voltado à formação de quadros profissionais para os museus.

A reforma do Curso de Museus continuou a contemplar a identificação, classificação, autenticação e preservação do acervo, contudo, se instalava o debate entre museus e educação - ou, acerca do caráter educativo dessas instituições.

Nesse sentido, o texto de Paulo Knauss (2011) chama atenção em dois momentos mais específicos, quando comenta sobre o roubo da tabaqueira de D. Pedro II no Museu Mariano Prócipio e o ano de 1942. Em um primeiro momento, temos a confissão de culpa por parte de estudantes que por conta de uma brincadeira infantil, furtam a peça. A culpa demonstra uma preocupação com o patrimônio cultural e o que ele representava para aquele grupo de alunos. Entretanto, anos depois em 1978, Knauss relata um episódio onde a mesma tabaqueira é furtada junto com outros objetos; neste segundo episódio não houve confissão nem carta de desculpas. Em 1978, o crime contra o patrimônio já era pauta de discussão, assunto que em 1942 não demonstrava a mesma preocupação.

O ano de 1942, além do caso mencionado, teve maior destaque para os estudos de Knauss (2011), por ser o mesmo ano em que se propôs a reforma no curso de museus. O discurso nesse momento era outro. Já não se falava somente sobre estudos dirigidos a coleções, mas sobre um curso que congregasse a Museologia às ciências humanas. Em consonância com a reforma curricular, em 1945, Gustavo Barroso produziu a primeira obra referência de Museologia no Brasil, realizada para o ensino superior e para profissionais de museus - o *Introdução à Técnica de Museus*. No ano seguinte, o diretor do Museu do Estado da Bahia, lançava mais uma publicação de relevância para os estudos da época – *Museus para o povo* – que deriva da experiência de José Valladares em museus estadunidenses. A observação aqui, é que tanto José Valladares como Gustavo Barroso discorriam sobre o papel educativo dos museus.

Vale lembrar que nos anos seguintes a 1940, o número de estudantes que visitavam instituições museais não era expressivo – o que remonta aos anos



anteriores já indicados por Knauss (2011) quando aponta que os museus mais antigos como o Museu Nacional no Rio de Janeiro, o Museu Paulista em São Paulo e o Museu Goeldi em Belém, tinham o foco na pesquisa e não era de se surpreender que não houvesse horário de visita, uma vez que recebiam pesquisadores sob agendamento.

A partir desse momento os museus tiveram que conciliar o tratamento técnico de suas coleções aos aspectos educativos inerentes a essas. Knauss (2011) ainda nos informa que a criação do Museu Histórico Nacional em 1922, ao contrário dos modelos seguidos no século XIX, cuja ocupação dos museus estava pautada principalmente na pesquisa qualificada e no estudo profissional no âmbito das ciências naturais.

Knauss (2011) comenta sobre o artigo de Nair Moraes de Carvalho na publicação oficial do Museu Histórico Nacional, destacando as atividades educacionais/educativas do MHN, e o fato de sua publicação não ter sido aceita com unanimidade. A conservadora da mesma instituição, Dulce Cardozo Ludolf, discorda de Carvalho quando afirma que os museus foram criados “para preservar e expor riquezas de uma época que os museus eram inteiramente despidos da feição educacional que os atribui” (KNAUSS, 2011, p. 587) e ainda define que a relação expressa entre museus e educação refletia uma “nova diretriz” nos museus.

O debate em questão se instalou em diversas instituições sob a fala de profissionais cujas abordagens ratificaram a relação entre museus e educação. Essa discussão, fosse ela posta no ensino escolar ou não, resulta do preâmbulo assinado por Henri Fould, em 1952, dedicado a discorrer sobre museus e juventude. E a partir dessas duas abordagens, Knauss (2011) nos explica que

Assim, num primeiro momento, pode-se apontar que o debate sobre as relações entre museus e educação indicava duas posições: uma primeira que considerava que não se tratava de uma questão nova, pois os museus já davam atenção à educação há algum tempo; uma segunda posição indicava, no entanto, essa tendência como uma nova marca dos museus (KNAUSS, 2011, p. 587).

Essas considerações tornaram-se discussões mais concretas graças a estímulos internacionais a partir do momento em que a Unesco conjuntamente com o Icom, atuaram de forma decisiva para realizar o Primeiro Congresso Nacional de Museus no ano de 1956.

O processo de formação da Unesco nos mostra a complexidade do assunto. Antes mesmo de sua consolidação enquanto instituição intergovernamental que hoje

é comumente conhecida, sua criação veio a acontecer mediante a formação da divisão administrativa territorial intitulada como “Conferência de Ministros Aliados a Educação” (CMAE). Essa diligência, formada por ministros da educação que foram exilados em Londres, tinha como propósito conter as forças nazistas em expansão, que planejavam, quando fosse decretado o fim da guerra, a reestruturação dos sistemas educacionais em seus respectivos países (EVANGELISTA, 1999)<sup>12</sup>.

Eram assim, “interlocutores que então se debruçaram sobre problemas relativos às áreas educacional e cultural” (EVANGELISTA, 1999, p. 10). Nesse contexto, outras organizações, inclusive instituições privadas, se encontravam mobilizadas por um cenário de guerra, onde seus problemas alcançaram uma dimensão internacional. Dessa forma, atribuíam à educação o poder de democratização e polarização da paz mundial.

O momento buscava o diálogo entre pessoas, novas ideias e estabilidade política que propiciasse novas lideranças governamentais que fossem contrárias ao autoritarismo vigente. Entretanto, por mais que se estimulasse a ordem mundial, algumas contradições ocorriam em paralelo a esse processo de pacificação.

Segundo Ely Evangelista (1999), tais contradições aconteceram em decorrência do posicionamento nacionalista francês, britânico e estadunidense, que demonstravam uma disputa entre si por um espaço de destaque mundial enquanto potência<sup>13</sup>.

Por outro lado, vários interlocutores<sup>14</sup> se manifestavam para a idealização e criação de um organismo que pudesse abarcar todas essas questões. Associações privadas, semioficiais e não governamentais, começavam a apresentar seus projetos aos ministros da educação.

---

<sup>12</sup> Inicialmente Barros (2017) nos explica que a Liga das Nações, um antecedente histórico a criação da Unesco foi uma organização que resultante da I Guerra Mundial, no contexto europeu, e por isso, não permitia países não europeus a assumirem espaço nessa conjuntura. Contudo, foi no segundo conflito mundial que a “estrutura institucional da cooperação intelectual e a própria liga das nações expõem certo vazio, em termos de participação, que será reivindicado durante e após o processo de descolonização” (BARROS, 2017, p 159).

<sup>13</sup> Em decorrência a oposição e conflito entre os EUA e a URSS, os soviéticos optaram pelo distanciamento das discussões.

<sup>14</sup> Com o Plano Marshal, a atuação de empresas privadas norte americanas neste processo foi muito frequente, portanto, empresas norte americanas enviaram no final do ano de 1943, relatórios a CMAE. Um desses foi elaborado pelo *Liaison Committee for International Education* e o outro pelo *Institute on Educational Reconstruction* - resultado a associação da Universidade de Nova York com o *United States Committee on Educational Reconstruction* (EVANGELISTA, 1999).

Os projetos vislumbravam e compartilhavam de pontos em comum: a idealização de uma organização internacional que utilizasse a educação para, assim, contribuir com a manutenção e consolidação da paz mundial.

As duas grandes propostas estavam relacionadas à mudança de currículos escolares e a criação de um centro de investigação e pesquisa, a fim de organizar intercâmbios, debates e reuniões multinacionais.

Cabe ressaltar que a França, por vezes ofereceu sediar os congressos e reuniões do CMAE, contudo, esses pedidos não resultaram em mudanças de foro, nem de local – que permaneceram em Londres desde 1942. Mas somente após a vitória dos países Aliados sobre os países do Eixo foi possível que o cenário ambíguo de oposições entre a França, a Inglaterra e os Estados Unidos se modificasse<sup>15</sup>.

Em meio a esse contexto, o governo francês envia ao Ministro da Educação britânico o projeto de criação de uma Organização de Cooperação Intelectual das Nações Unidas (UNIC)<sup>16</sup>. Mas, somente em 1945 aconteceram as conferências que merecem maior destaque, na ordem: as Conferências de Yalta, São Francisco (momento em que foi assinada a Carta das Nações Unidas) e a de Londres.

A publicação “Sixty Years of Science at Unesco 1945–2005”, mais precisamente no capítulo escrito por Patrick Petitjean: *Blazing the trail Needham and UNESCO: perspectives and realizations*, o autor discorre sobre o papel de Joseph Needham, bioquímico e cientista ativista, que durante o período pós II Guerra Mundial buscou adicionar à prática da ciência um caráter de ações sociais. Assim, relata

*What we need today is fundamentally a system which will combine the methods which have spontaneously grown up for assuring international relations in time of peace, with those which the nations have had to work out under the stress of war. None of the machinery ought to be scrapped. The problem is to weld it into a satisfactory functioning system.* NEEDHAM, 1946, p. 6 *apud* PETITJEAN, 2006, p. 45

<sup>15</sup> Segundo a tese de Ely Evangelista (1999), para recuperar sua atuação internacional, a França obtém na 19ª reunião da CMAE em São Francisco, a utilização do idioma francês conjuntamente com o inglês e foi possível a aceitação de outros projetos que não somente americano, francês ou britânico.

<sup>16</sup> Barros (2017) afirma em seu texto que a criação da Unesco deve ser percebida no contexto entre guerras, com discursos que prevaleciam a busca por uma hegemonia. E salienta que a atividade normativa da ONU, “pode ser vista como uma continuidade das atividades de mesma natureza empreendidas pelo Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual - IICI” (BARROS, 2017, p. 149).

Needham defendia que a “função social das ciências” deveria participar dos programas científicos da Unesco, e desta forma, a organização precisaria inserir a história das ciências, da educação científica e por fim, das consequências sociais que o desenvolvimento científico era capaz de proporcionar.

Nesse sentido, é válido mencionar que foi na Conferência de Londres que a palavra “ciência” é incorporada pela primeira vez nos objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU) para então, pleitear a paz mundial, bem como os projetos relacionados a Unesco e a Unic (EVANGELISTA,1999)<sup>17</sup>.

No intento de fortalecer a paz conquistada, a Unesco, como entidade multinacional, apoiou a cooperação mútua entre as nações, por meio da ciência, da educação e da cultura. Cooperação esta que está prevista no Ato Constitutivo de criação da Unesco

Garantindo a conservação e a proteção do legado mundial de livros, obras de arte e monumentos de história e de ciência, recomendando as convenções internacionais necessárias às nações envolvidas; Estimulando a cooperação entre as nações em todos os ramos de atividade intelectual, incluindo o intercâmbio internacional de pessoas ativas nos campos da educação, da ciência e da cultura, além do intercâmbio de publicações, objetos de interesse artístico e científico, bem como outros materiais de informação; Desencadeando métodos de cooperação internacional calculados para dar aos povos de todos os países acesso a material impresso e publicado, produzido por qualquer um deles (Ato Constitutivo da Unesco,1945)<sup>18</sup>.

A base da paz duradoura, de acordo com o documento em questão, não estava ligada a aspectos políticos e econômicos. Segundo Barros<sup>19</sup> (2017), o fator principal estaria ligado à “solidariedade intelectual e moral da humanidade” (BARROS, 2017, p.161) que seria obtida pela igualdade de oportunidades de

<sup>17</sup> Então, a Constituição da Unesco foi assinada em 16 de novembro de 1945 em Londres, tendo entrado em vigor somente no ano seguinte, após sua validação por vinte países, sendo estes, África do Sul, Arábia Saudita, Austrália, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, Egito, Estados Unidos, França, Grécia, Índia, Líbano, México, Nova Zelândia, Noruega, Reino Unido, República Dominicana, Tchecoslováquia, e Turquia (BARROS, 2017).

<sup>18</sup> Mais precisamente no Artigo I "Propósitos e funções", item C. Tradução oficial retirada do site da Unesco (<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147273por.pdf> acessado em 10 de abril de 2018).

<sup>19</sup> Barros (2017) propõe uma análise a partir do mapeamento de discursos sobre cultura, tendo em foco as normativas da Unesco. Inicia buscando conceitos sobre “Cultura” e “Identidade”, contudo, sendo concepções tão amplas e fluídas, invocam uma série de significâncias e diferentes interpretações. Assim, seu estudo demanda representações e atuações expressadas na prática, para tal, o autor decide se basear nas políticas culturais elaboradas pela Unesco, enquanto entidade Internacional.

educação e conhecimento, tornando acessível materiais impressos e publicados, na difusão cultural, na conservação de patrimônios materiais (livros, obras de arte, monumentos de história e ciência) e no livre fluxo de ideias.

Ademais, o Ato prevê que a Conferência Geral iria se constituir de representantes dos Estados Membros da Organização, e cada Estado deveria indicar cinco delegados selecionados mediante a consulta com a Comissão Nacional (se estabelecida) ou com órgãos científicos, educacionais e culturais.

Barros (2017) sinaliza que mesmo que seja perceptível a centralidade dos atores estatais, como no parágrafo acima, deixa a reflexão que possivelmente a Unesco buscava interação com as demais instituições, considerando os contatos e processos que se deram inerentes a participação do estado ou sua influência<sup>20</sup>.

Embora a vinculação de temas relacionados à Educação, Ciência e Cultura nesse contexto sejam fundamentais para entendermos como se deu a atuação entre a Unesco e o Icom (e como suas implicações afetaram o cenário dos museus brasileiros), é importante salientar que antes mesmo do Icom assumir um papel decisivo para a criação de normas e práticas, estudos nesse campo já vinham acontecendo.

Segundo Cruz (2008), o final do século XIX e os primeiros anos do século XX são considerados como o período em que se difunde a profissionalização e institucionalização da Museologia no mundo. Ainda comenta sobre o primeiro periódico que tratava sobre museus, o *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde* na Alemanha (1878), o início do ensino da Museologia na *École du Louvre* (França, 1882), a *Association of Museums* nos Estados Unidos (1906), a produção de outros periódicos como o *Museums Journal* na Inglaterra (1902), o *Museumkunde* na Alemanha (1905) e os Estados Unidos da América, com o jornal *Museum Work* (1919).

Por fim, o autor discorre sobre a Sociedade das Nações, criada no final da I Guerra Mundial. Em 1922, é criado o Comitê Internacional de Cooperação Intelectual<sup>21</sup> (CICI), que anos depois iria se tornar o Instituto Internacional de

---

<sup>20</sup> A esta reflexão, cabe analisar todo o trabalho dos agentes do patrimônio e de museus (o que falaremos em outro capítulo).

<sup>21</sup> O filósofo francês Henri Bergson foi eleito o primeiro presidente do Comitê. Em 1926, com o intuito de desenvolver a CICI, bem como o desenvolvimento intelectual pelo globo, o governo cria o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), o que falamos nos parágrafos anteriores, para explicar a "origem" da Unesco.

Cooperação Intelectual (IICI). Durante uma reunião, o historiador de arte Henri Porcillon, sugere a criação de uma divisão no IICI que se dedicasse aos museus. Para tal, em julho de 1926, é criado então, o Escritório Internacional dos Museus (OIM) cuja missão era “o estabelecimento de vínculos entre todos os museus do mundo, a organização de intercâmbios e congressos, assim como a unificação dos catálogos” (MAIRESSE, 1998, p. 25 *apud* CRUZ, 2008, p. 4).

Os estudos de Cruz (2008) demonstram que essa medida representa a primeira tentativa de unificar um setor com caráter internacional que tratasse somente de questões museológicas e de seus profissionais. Mesmo com a interrupção do IICI no período da Segunda Guerra, as atividades intelectuais continuavam entre seus países membros.

O foro de discussões, no que tange à criação da Unesco, se volta então para o diálogo entre os museus. Alguns diretores de museus da Bélgica, França, Inglaterra, Holanda e Suíça e membros da comissão preparatória da Unesco<sup>22</sup> liderados pelo norte americano Chauncey Jorome Hamlin (diretor do *Buffalo Museum of Science*) estiveram presentes. Segundo dados oferecidos pelo site do Icom, na primeira reunião do Conselho, Chauncey J. Hamlin, foi nomeado presidente provisório<sup>23</sup>. Nesse sentido, definiu-se um comitê composto por 11 membros, que se reuniu em 16 de novembro de 1946<sup>24</sup> para elaborar um documento de regulamentações provisórias até que fosse postulado um documento oficial. Dois dias depois, o Conselho validou o projeto e entre os dias 19 e 20 de novembro, analisou as políticas e decidiu organizar o Comitê da seguinte forma

*Science Museums and Planetaria, Museums of Art and Applied Arts, Museums of Natural History, Museums of History of Science and Technology, Museums of Archaeology and History and Historical Sites, Museums of Ethnography (including folk art and culture), Zoological*

<sup>22</sup> Segundo informações do site do Icom, "*delegates were present from 14 nations (Australia, Belgium, Brazil, Canada, Czechoslovakia, Denmark, France, Netherlands, New Zealand, Norway, Sweden, Switzerland, United Kingdom, United States of America), from the United Nations Organization, from the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, from the International Museum Office, the French Foreign Office, and the Swedish Legation in Paris. In addition, letters of support announcing cooperation and the formation of National Committees were received from: Argentina, Brazil, Chile, China, Egypt, Finland, Greece, Haiti, India, Nicaragua, Peru, Philippines, South Africa, Turke.*". Assembleia Constitutiva do Icom, 1946 em <<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icom-general-assemblies-1946-to-date/paris-1946/>> Acessado em 11 de abril de 2018.

<sup>23</sup> A gestão de Hamlin durou de 1946 a 1953, como presidente oficial do Icom.

<sup>24</sup> Data de criação da Unesco.

*Gardens, Botanical Gardens, National Parks and Forests and Nature Reserves and Trainside Museums. (ICOM, 1946).*

Nessa reunião discutiu-se a constituição da direção do Icom e sua missão. A primeira atitude tomada, foi promover o intercâmbio entre estudantes e profissionais de museus que seriam orientados por delegações nacionais. (ICOM, 1946).

O recém criado Conselho, buscava incentivo de outros museus a se associarem e de outros países a estabelecerem seus representantes. Consequentemente, foram enviados formulários a diversas instituições. A resposta imediata do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro consagrou a escolha do representante brasileiro no Icom: Oswaldo Teixeira (diretor do Museu Nacional de Belas Artes) foi escolhido para representar o Brasil no Conselho<sup>25</sup> e assim tornou-se presidente da Organização Nacional do Icom - Onicom<sup>26</sup> (SÁ, 2015).

A primeira reunião do Onicom aconteceu em 9 de janeiro de 1948 no Museu de Belas Artes. Oswaldo Teixeira ocupava o cargo de presidente do Comitê Nacional do Icom e, dessa forma, convidou outros representantes e profissionais de museus brasileiros a participarem das discussões do comitê e de sua organização. A direção do Comitê Nacional do Icom contou com o seguinte quadro organizacional

Presidente: Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes; Vice-Presidentes: Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional; Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional; Alcindo Sodré, diretor do Museu Imperial; Tesoureiro: Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Rui Barbosa; Secretária-correspondente: Regina Monteiro Real, conservadora do Museu Nacional de Belas Artes; Secretária-arquivista: Lygia Martins Costa, conservadora do Museu Nacional de Belas Artes; Membros: José Valadares, diretor do Museu do Estado, Salvador, Bahia; Sérgio Buarque de Holanda, diretor do Museu Paulista do Ipiranga, São Paulo; Inocêncio Machado Coelho, diretor do Museu Goeldi, Pará ; Dante de Layano, diretor do Museu Júlio de Castilhos, Rio Grande do Sul; Cônego Trindade, diretor do Museu da Inconfidência, Ouro Preto; João Geraldo Kuman, diretor do Jardim Botânico, Rio de Janeiro; Geralda Ferreira Armond, diretora do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora; Simoens da Silva, diretor do Museu Simoens Silva no Rio de Janeiro<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> Hamlin havia visitado o Brasil no início dos anos 1940 para prestar alguns trabalhos de consultoria para o Museu Nacional, sob direção de Heloísa Alberto Torres. Na mesma ocasião, Hamlin e Oswaldo Teixeira se conhecem. Segundo CRUZ (2008), esse seria o motivo para o convite de participação do Icom ter sido endereçado ao diretor do Museu de Belas Artes. Já Ivan Coelho de Sá (2015) dialoga em seu texto que a escolha de Oswaldo Teixeira foi uma estratégia de Regina Leal e Lygia Martins Costa para dar maior visibilidade a organização do Onicom.

<sup>26</sup> Atual ICOM - BR, Comitê brasileiro do Icom

<sup>27</sup> Cf. Boletim n. 8 do ICOM, de 1º. de abril de 1948. Arquivo Histórico do Museu Nacional, Fundo Direção do Museu Nacional, Classe 32, Referência 79 - ICOM apud CRUZ, 2008, p. 10).

Maria Esther Alvarez Valente (2008) nos explica que

A primeira sessão do Conselho Internacional de Museus (Icom), em 1946 e a sessão regional preparatória, em 1947, no México, para a 1ª Conferência Geral do Icom em 1948, logo após a segunda Conferência Geral da Unesco, foram eventos que reuniram pela primeira vez personalidades ligadas a museus do mundo todo. Os debates consagrados ao Programa de Museus difundiram a ideia da Unesco sobre o museu como via de educação (VALENTE, 2008, p. 153).

Os anos 1950 provocaram discussões sobre a função educativa dos museus. Se inicialmente os museus se ocupavam com atividades voltadas para a pesquisa científica, no século XX demonstravam abordar outros aspectos. Entretanto, ambos os casos decorrem de discussões internacionais das quais os museus estavam participando por meio de seus agentes.

A organização de um quadro inicial de referências destacado aqui, tem o intuito de exprimir e aproximar as ações governamentais e seus agentes, institucionais ou autônomos no cenário mundial de criação da Unesco e, posteriormente, do Icom, para evidenciar tais acontecimentos relacionando-os com o Primeiro Congresso de Museus realizado em 1956.

Partindo da premissa de ciência com função social, expressa pelo cientista Joseph Needham no imediato pós guerra, acrescidas às demandas que a criação do órgão trouxe, o documento produzido pela Unesco, *Basic Facts and figures: Illiteracy, education, libraries, museums, books, newspaper, newsprint, film and radio*, caracterizou-se como um dos primeiros trabalhos resultantes da cooperação entre a Unesco e o Icom. Os questionários realizados foram fundamentais para o mapeamento de Museus ao longo do globo, de modo que pudesse se estabelecer padronizações, classificações e normativas. (ICOM, 2011).

O trabalho contínuo entre a Unesco e o Icom, em conhecer, preservar e difundir o patrimônio cultural, agregando museus e seus profissionais, ocasionou sucessivos eventos internacionais que abordaram temáticas nesse âmbito. A saber, o Primeiro Seminário Internacional da Unesco, sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1952 em Nova Iorque; o Segundo Seminário Internacional da Unesco, em Atenas em 1954<sup>28</sup> ainda sobre a função educativa dos Museus; e o foco desta pesquisa, o 1º Congresso Nacional de Museus em 1956, em Ouro Preto.

---

<sup>28</sup> Para mais informações, ver Rosiane da Silva Nunes, 2011.



O incentivo à cooperação cultural entre os estados sinaliza que as instituições deveriam atender a objetivos de uma política externa. Em resposta às demandas geradas pela Unesco, o Brasil sediou o primeiro seminário nacional destinado a discutir temáticas relacionadas a museus.

O objetivo desse encontro era a promoção do debate acerca de temas centrais referentes aos museus e seus profissionais. Heloísa Alberto Torres no prefácio do livro *Museu e Educação* de Florisvaldo dos Santos Trigueiros (1958), considerou que "foi nesse certame que, em meio a debates cerrados e discussões fortes selou-se o início da cooperação sistematizada entre os educadores oficiais e os técnicos e museu" (TRIGUEIROS, 1958, p.11).

Consideramos então que cada um desses acontecimentos corporifica a organização dos museus por meio das relações propostas entre diferentes agentes e suas instituições. Esse ponto de vista supõe que esses atores sociais tiveram papel determinante para a internacionalização dos museus brasileiros e da difusão da museologia enquanto área do saber.

## 2. O Congresso

A cidade do Rio de Janeiro foi cenário de discussões culturais envolvendo museus ao longo da década de 1950. A estrutura do Governo Federal se encontrava fixada, naquele contexto, no Rio de Janeiro e foi responsável pela organização do Congresso Nacional de Museus. Devido a esse fato foi feita a opção de desenvolver a análise documental do presente trabalho por meio da investigação de jornais cariocas do período.

Por meio da plataforma digital da Biblioteca Nacional<sup>29</sup> foi organizado um quadro metodológico com os principais periódicos do Rio de Janeiro que mencionaram "Congresso Nacional de Museus" em suas notícias. O quadro ficou representado da seguinte forma

Quadro 1 – Periódicos cariocas contendo citação ao Congresso Nacional de Museus ao longo da década de 1950.

Periódicos	1954	1955	1956	1957	1958	1959
A Noite		5	7	1		
Correio da Manhã		2	2	1		1
Diário Carioca			5			1
A Manhã						
Diário da Noite			1			1
Diário de Notícias	2	1	45			
Imprensa Popular	1					
Jornal do Brasil	2	3	8			
Jornal do Commercio	1		5	1		
Revista Módulo			3			
O Fluminense			1			
O Jornal			10			
Para Todos			1			
Relatórios do MRE			1			
Revista Brasileira					1	
Revista da Semana			1			
Tribuna da Imprensa			4			
Última Hora	1	1	2			

Fonte: autoria própria.

A busca do termo "Congresso Nacional de Museus na plataforma da Hemeroteca Digital da BN mapeou 115 menções referentes ao primeiro congresso. O Diário de Notícias apresentou 48 notícias, seguido do Jornal do Brasil. Contudo,

<sup>29</sup> Disponível online em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acessado em: 01/05/2018.

devido a direitos autorais, não foi possível realizar as análises por meio deste periódico.

A análise documental se deu, então, com base nos periódicos *Correio da Manhã* (RJ) e *Diário de Notícias* (RJ), uma vez que eles exibiram maior número de matérias acerca do referido Congresso, possibilitado, assim, o cruzamento de informações e uma averiguação mais objetiva com relação ao conteúdo.

Nas páginas que seguem se procurou reconstruir, até onde possível, o que foi o Primeiro Congresso de Museus realizado em 1956. Para tal, e de acordo com a metodologia de análise documental proposta por Cellard (2008), o plano de trabalho estabelecido foi o de identificar questões como: a primeira ocorrência sobre o Congresso; como ele foi noticiado nestes jornais e o que foi mais recorrente; qual a semântica usada para se referir ao Congresso; quem assinou as matérias; quais organizações e instituições apoiaram o empreendimento desse encontro nacional e quais os frequentes personagens que aparecem nesse cenário; os dados sobre autores publicados (se nacional ou estrangeiro; se possuíam filiação institucional ou participação nas discussões culturais da época, etc.); quais as interpretações e/ou descrições sobre o evento os jornais apresentavam nos textos publicados; que tipo de relação o evento manteve com as outras áreas do conhecimento e com a sociedade; por fim, ao se tratar de práticas e inovações no campo museológico, qual a relevância das discussões teóricas apresentadas no I Congresso de Museus e quais estruturas contribuíram para divulgação e visibilidade do evento.

Não foi possível reunir todas as 78 matérias noticiadas neste capítulo devido ao extenso volume que elas apresentam. Nesse sentido foram escolhidas as matérias cujo conteúdo revelam informações mais relevantes ou que privilegiam o uso de fotografias.

## 2.1 Os suplementos literários

A necessidade de falar brevemente sobre os cadernos literários se dá pela constatação de que grande parte das notícias que tratam o Primeiro Congresso Nacional de Museus foram retiradas desses suplementos e pelo envolvimento dessa seção com as atividades culturais da época.

Alzira Alves de Abreu em seu texto *A imprensa em transição: o jornalismo nos anos 50* (2008), recorda que o jornalismo de opinião no Brasil teve forte influência francesa desde suas primeiras publicações até a década de 1960. Esse modelo foi gradativamente substituído por uma vertente norte-americana, que privilegia a informação e separa opiniões pessoais da transmissão da notícia. Tal mudança ocasionou modificações na forma de transmitir a informação, sobretudo, na linguagem jornalística, tornando-a mais objetiva e menos arbitrária. No Rio de Janeiro, os periódicos Correio da Manhã, O Globo, Diário Carioca, O Jornal, Jornal do Brasil, Diário Carioca e Folha da Manhã sofreram maiores alterações.

A crescente demanda nas atividades industriais gerou a necessidade de produzir uma diversidade maior de *bens intermediários* e *bens de capital*<sup>30</sup>. Para Abreu (2008), no momento em que a indústria começa a suprimir problemas relacionados à produção desses bens, o Estado deve intervir e assumir o papel empresarial com direcionamento para a planificação e o desenvolvimento. Para tanto, se passou a exigir capacitação profissional com formação técnico-científica

Neste contexto, alterou-se o quadro de influências dos intelectuais: da anterior formação essencialmente humanística-jurídica, começou a verificar-se a ascensão dos *experts*, dos 'tecnocratas', envolvidos na elaboração da política e de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, teve início o processo de formação de uma sociedade de consumo em que cada setor da cultura se desenvolveu de forma diferenciada. O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, as editoras foram se estruturando nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais (ABREU, 2008, p. 16).

Abreu (2008) examina este contexto a fim de explicar como se deu a criação dos suplementos literários dentro dos veículos comunicacionais de maior circulação no país. Tais suplementos, cadernos de debates e/ou ideias, foram capazes de abrigar tanto “a produção intelectual literária e cultural, como a produção sobre o

---

<sup>30</sup> Bens intermediários são bens manufaturados empregados na produção de outros bens. Pode também ser definido como insumos que uma empresa compra de outra para fabricar um produto. Já os bens de capital são os maquinários ou equipamentos utilizados na produção de bens. Para mais informações, ver <<https://www.sociedadedenegocios.com.br/RelacionamentoPJ/home/dicionario>>. Acessado em 07 de junho de 2018.

pensamento social brasileiro e as questões mais controversas que provocam confrontos e conflitos no meio intelectual” (ABREU, 2008, p. 17).

A autora constata que muitos intelectuais dispunham de presença pública. Dessa forma, demonstra a forte vinculação desses personagens a suas atividades na imprensa. Isso se deu, portanto, por uma "obrigatoriedade" de participação desses grupos em discussões políticas. Nesse sentido, muitos deles estavam compelidos a participar do meio jornalístico, não somente para expor ideias e estudos, mas para afirmar sua posição nesse ciclo intelectual.

Ainda nos afirma que personalidades inseridas neste âmbito estavam fora do meio acadêmico universitário. Segundo a autora, havia um limite para esses intelectuais alcançarem a elite ilustrada, que operava na academia com certa frequência. Considera então, que os intelectuais não acadêmicos, em busca de divulgar ideias e projetos, faziam uso da imprensa, ou, estiveram “forçosamente” presentes nos jornais, principalmente nos suplementos literários.

Quanto aos colaboradores dos suplementos dos anos 1950, Alzira Abreu se refere a eles como "intelectuais criativos" (ABREU, 2008, p. 26), ou, como indicado por Seymour Lipset (1959)

um núcleo formado por criadores de cultura - sábios, artistas, filósofos, autores, alguns diretores de jornais e alguns jornalistas; em um segundo nível encontram-se aqueles que distribuem a cultura - executantes das diversas artes, a maior parte dos professores, a maior parte dos jornalistas (LIPSET, 1959, 460-86) *apud* ABREU, 2008, p. 26).

Assim, podemos identificar a presença predominante de escritores, poetas, cronistas, ensaístas, críticos e historiadores. Ainda que os suplementos abrigassem temas políticos e econômicos, estavam voltados principalmente para as artes plásticas, o teatro, a literatura e a história.

A origem de muitos suplementos literários se encontra nas páginas destinadas a suplementos femininos, onde dividiam espaço com receitas culinárias, moda, assuntos infantis e poesia, como é o caso do Diário de Notícias. A edição dos suplementos acontecia, em grande parte, nos finais de semana, conseqüentemente, atingiam maior número de leitores, uma vez que as edições dominicais eram as mais lidas.

A temática literária esteve presente por quase todo o período da década de 1950 e recebeu maior destaque nos jornais, seguida das inovações culturais, com temas culturais e históricos que tiveram ampla divulgação nessa seção, e, por fim,

temas relacionados ao desenvolvimento brasileiro. Quanto à forma, cada jornal criava suas próprias narrativas.

Abreu (2008) argumenta que as dificuldades enfrentadas pelos suplementos decorreram de naturezas distintas. Nos anos que se seguem a 1950, a imprensa diária sofreu uma reestruturação que impulsionou a redução dos cadernos especiais. O avanço de novas tecnologias de produção, bem como a chegada de novos veículos comunicacionais, como a televisão na década de 1960, promoveram mudanças concomitantes nas redações dos jornais com relação principalmente a linguagem utilizada, abrindo maior espaço para a informação em detrimento da opinião.

A autora menciona também Heráclio Sales, escritor do Diário de Notícias, que em 1953 escreveu para o suplemento literário do referido jornal um artigo intitulado como “Da decadência dos suplementos literários”, em que indicava que os cadernos tradicionais dedicados ao movimento cultural e literário estavam perdendo espaço. Exemplifica com o jornal *Correio da Manhã*, “que fora obrigado a transferir a publicação de seu suplemento para os sábados, com o menor número de páginas” (ABREU, 2008, p. 20).

A crise do papel também se configura como um fator determinante para a restrição de espaço dentro dos jornais. Os suplementos dedicados a arte e literatura foram diretamente afetados por serem encarados como elementos de menor importância, como nos indica a autora.

A crise foi grave no país, segundo Nelson Werneck (1999), a falta de matéria-prima, sua utilização desordenada e sem precedentes, a destruição acelerada das florestas e a falta de conscientização com relação ao replantio das espécies por parte dos produtores, assim como do Estado, tornou o papel um material cada vez mais caro e mais difícil de ser adquirido.

## 2.2 Jornais Cariocas

### 2.2.1 Correio da Manhã

A primeira publicação do Correio da Manhã aconteceu em 15 de junho de 1901, momento no qual o jornalismo estava voltado principalmente para a esfera política. Embora esse fosse o tema central abordado pelos jornais da época, o Correio trazia um conteúdo diferenciado, configurando um posicionamento de oposição a então ordem vigente. Segundo os Cadernos da Comunicação/Série Memórias (2002), o Correio foi um jornal inovador, liberal e suas considerações eram quase sempre a favor da modernização e saneamento da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo.

Ao longo de sua vasta história, que se encerra na década de 1970, o Correio esteve engajado em questões relacionadas à participação do Brasil nas Guerras Mundiais. Acompanhou a primeira e a segunda guerra, manteve relações e enviou correspondentes aos campos de batalha. Fez a cobertura quase que completa desses acontecimentos. Já ao longo da ditadura militar no país, sofreu grande repressão e censura, principalmente por conta de seu caráter de oposição ao governo.

Chegou a ser conhecido como o jornal mais bem escrito da época. Contava com redatores famosos, a saber, Costa Rego, Graciliano Ramos e até mesmo Aurélio Buarque de Holanda, na década de 1940. Modificou a maneira de se escrever jornais, inovando a linguagem jornalística (MEMÓRIAS, 2002, p. 21).

Em 1951, o suplemento *Literatura e Arte*, que até então era editado com 11 páginas, reduziu seu número consideravelmente, passando a ter duas páginas apenas. Ao final do mesmo ano, deixou de circular aos domingos para aparecer somente aos sábados (ABREU, 2008).

Não se tem muitas informações sobre a atuação do Correio da Manhã nos cadernos culturais, mas isso não impede de colhermos a contribuição desse periódico para esta pesquisa. Dessa forma, foram analisadas dez matérias sobre o tema da cultura.

Imagem 1 - Primeira reportagem



Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 14. Em 20 de dezembro de 1955.

No intuito de destacar os organizadores do Congresso, começamos a análise observando os nomes mais mencionados nas reportagens. Por meio desse processo foi possível observar a colaboração entre a Unesco e o Ministério da Educação e Cultura (M.E.C).

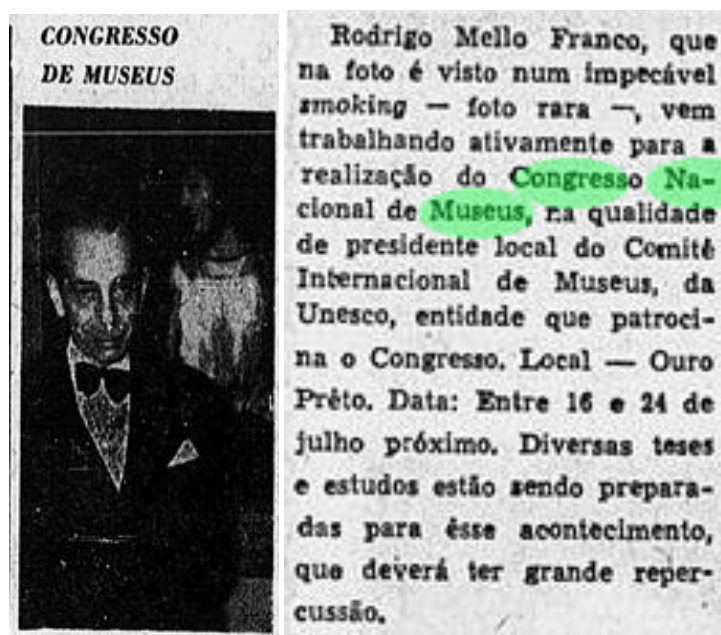
Em geral, a informação de que o incentivo e patrocínio para a realização do Congresso partiu da Unesco é muito recorrente. Entretanto, outras agências foram evidenciadas nesta reportagem, assim como a parceria da Unesco com a Organização Nacional do Icom (Onicom), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Ministério da Educação e Cultura (M.E.C.). O texto revela que por meio do Iphan, O M.E.C. começou a atuar frente às organizações do congresso.



Foi possível averiguar nesta reportagem, imagem 1, primeiramente, a aparição do Ministério da Educação e Cultura, indicando um novo apoiador que ainda não tinha sido revelado, o Ministro Abgar Renault. Segundo a notícia, o ministro "hipotecou todo o apoio ao empreendimento, pondo à disposição daquele organismo toda a ajuda que esteja ao alcance do MEC" (Correio da Manhã, 20 de dezembro de 1955, p. 14).

Como comentado anteriormente, a análise inclui identificar qual a semântica utilizada para tratar do congresso. O Correio da Manhã optou muitas vezes por substituir a palavra *Congresso* por *Conclave*. Não obstante, ainda utiliza a palavra *Certame*, contudo, essa última com menos repetições (se comparado ao uso do termo no periódico Diário de Notícias).

Imagem 2 - Rodrigo M. F. de Andrade e o Primeiro Congresso Nacional de Museus



Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 16 na Coluna Itinerário das Artes Plásticas. Em 20 de março de 1956.

A figura de Rodrigo Mello Franco neste momento, é fortemente vinculada ao Congresso, como já podemos observar na imagem 2. Se referem a ele como presidente do Comitê Internacional de Museus (Icom- Brasil), e comentam, novamente, sobre o apoio da Unesco. O curioso desta manchete, é que ela se baseia na imagem de Rodrigo Mello Franco para divulgar o Congresso.

Foi possível identificar, também, que as datas iam sendo modificadas conforme as reuniões iam acontecendo. Inicialmente, o Congresso estava marcado para os dias 16 e 24 de julho.

Imagem 3 - TCU registra verbas destinadas ao Congresso

## No Tribunal de Contas

### Resoluções tomadas na sessão de ontem

Sob a presidência dos ministros Joaquim Coutinho e Ruben Rosa, seguidamente, reuniu-se o Tribunal de Contas da União, em sessão de Fiscalização Financeira.

Dentre outras decisões tomadas, destacam-se:

Ordenando o registro da distribuição dos créditos de Cr\$. . . 4.910.000,00, ao D.F.C., para atender às despesas com equipamentos ao Ministério do Trabalho; de Cr\$ 1.400.000,00, à DF, na Bahia, Cr\$ 1.300.000,00 à DF M. Gerais e Cr\$ 1.000.000 à D.F., em S. Paulo, para atender ao pagamento de subvenções ordinárias a entidades dos respectivos Estados; e Cr\$ 2.028.000,00, à DF, em S. Paulo, destinado ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento.

Ordenando o registro dos pagamentos de Cr\$ 7.500.000,00, ao Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, como auxílio; de Cr\$. . . 3.536.958,40, à Cia. Metropolitana de Construções, por serviços prestados ao D.N.O. Saneamento; de Cr\$ 2.077.670,00, à Construtora Velloso Ltda., também por serviços executados em favor do D.N.O. Saneamento; de Cr\$. . . 1.000.000,00, à Organização Nacional do I.C.O.M. (Conselho Internacional de Museus), como contribuição para atender às despesas com a realização do 1.º Congresso Nacional de Museus, em Ouro Preto, no corrente ano; de Cr\$ 2.693.700,00, à Escola de Engenharia de Juiz de Fora, como subvenção orçamentária.

Ordenando o registro a várias concessões de aposentadoria.

### ESTATUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS será remetido ao Congresso

O anteprojeto do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil será remetido ao Poder Legislativo, pelo ministro da Justiça, como projeto do governo, dada a relevância da matéria e o interesse público nele versado.

Aquêle titular já recebeu autorização presidencial para assim fazer.

### SATISFEITOS OS TESOUREIROS E CONFERENTES DE VALORES

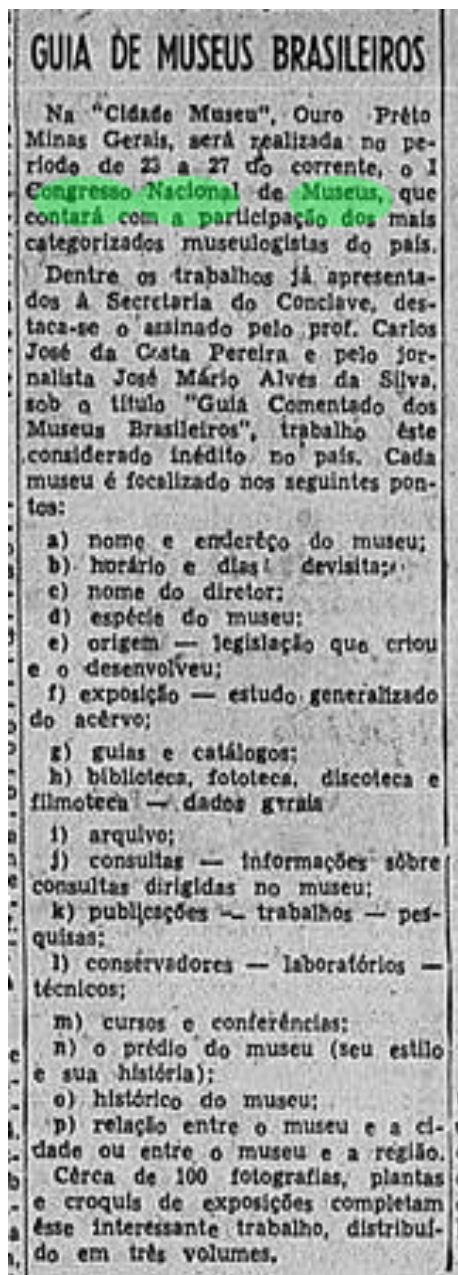
Os ocupantes interinos e substitutos dos cargos isolados do provimento efetivo de tesoureiro auxiliar, conferente e conferente de valores da Casa da Moeda, Caixa de Amortização e Ministério da Fazenda remeteram

Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 2. Em 20 de junho de 1956.

As reportagens do Correio da Manhã seguiam um intervalo de quase 3 meses entre cada uma, mas no caso da matéria escolhida, imagem 3, esta foi publicada em uma data próxima a realização do Congresso, que estava previsto para acontecer um mês depois.

A notícia contribui para a identificação e avaliação das mais diferentes formas de apoio que o Congresso recebeu. O Tribunal de Contas da União (TCU) fiscalizou e declarou cerca de Cr\$ 1.000.000,00 a Organização Nacional do Icom, como contribuição para as despesas da realização do Congresso. Essa informação incorpora mais uma maneira de analisar quais foram as fontes de recurso.

Imagem 4 - Primeiro trabalho apresentado: Guia Comentado dos Museus Brasileiros



Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 12. Datado de 14 de julho de 1956.

A exatos 11 dias para o início do Congresso, o jornal revela o primeiro trabalho já apresentado à secretaria do *Conclave*, imagem 4. Como os trabalhos deveriam ser avaliados por um comitê, era comum as notícias só divulgarem os trabalhos que já tivessem sido apresentados. No caso, se apresentou à secretaria do *Conclave* o Professor Carlos José da Costa Pereira e o jornalista José Mário Alves da Silva, com a publicação "Guia Comentado dos Museus Brasileiros". O trabalho foi avaliado como inédito, apresentando uma pesquisa minuciosa em cada

instituição brasileira a partir dos seguintes tópicos: A) Nome e endereço do museu; B) Horários e dias de visitas; C) Nome do diretor; D) Espécie de museu; E) Origem - Legislação que criou e o desenvolveu; F) Exposição - Estudo generalizado do acervo; G) Guias e Catálogos; H) Bibliotecas, fototeca, discoteca e filmoteca - dados gerais; I) Arquivo; J) Consultas - Informações sobre consultas dirigidas no museu; K) Publicações - Trabalhos - Pesquisas; L) Conservadores - Laboratórios - Técnicos; M) Cursos e Conferências; N) O prédio do museu (seu estilo e sua história); O) Histórico do museu; P) Relação entre o museu e a região. Para complementar os dados levantados, o guia disponibilizou também cerca de 100 fotografias, plantas e croquis de exposições, dividindo o trabalho em três volumes.

Imagem 5 - Introdução a Museografia Brasileira - Guia Comentado de Museus Brasileiros



Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 12. Em 14 de julho de 1956.

À medida em que o dia da abertura do Congresso ia se aproximando, as reportagens começaram a ser noticiadas com maior frequência. O Correio da Manhã destaca o "Guia Comentado de Museus Brasileiros" novamente, e afirma a importância do evento, uma vez que iria reunir os técnicos de museus mais renomados do país, imagem 5.



Imagem 6 - Objetivos do Congresso 1



Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 13. Datado de 20 de julho de 1956.

No dia 20 de julho de 1956, a três dias do Congresso, o Correio da Manhã informa o objetivo do seminário por meio do temário aprovado pelo comitê de organização, imagem 6. Este mesmo temário foi mencionado na matéria do dia 26 de fevereiro de 1956, imagem 7, e voltaria às notícias no mês de julho.

A matéria nos diz que o Congresso iria discutir sobre a Fundação da Associação Brasileira de Museus e as Associações Regionais de Museus. Essas divisões atuaram respectivamente em Museus Nacionais e Museus Regionais. Já a matéria de 26 de fevereiro do mesmo ano, imagem 7, comunica as temáticas que iriam ser discutidas.

Quatro meses depois, este mesmo quadro temático foi aprovado pela comissão organizadora, quadro "oficial" dos temas a serem discutidos, respondendo o objetivo principal de "estudar e sugerir sugestões para os problemas relacionados aos museus" (Correio da Manhã, 20 de julho de 1956, p. 13).

Imagem 7 - Temas a serem discutidos no Congresso

## CONGRESSO DE MUSEUS

SÃO PAULO — Está marcada para julho próximo a instalação, em Ouro Preto, do I Congresso Nacional de Museus. A comissão organizadora do conclave está tratando, agora, de conseguir adesões de todos os técnicos brasileiros nessa especialidade.

O temário do certame é dividido em 10 partes: Caráter, âmbito e objetivo dos Museus; Instituições brasileiras atuais; Legislação: organizações e convenções internacionais interessando a Museus; Sede e instalação; Acervo: coleções em exposição; Estudos e pesquisas: natureza e programa de trabalhos; Divulgação: Exposições permanentes, temporárias e itinerantes; Pessoal técnico de nível superior e pessoal técnico auxiliar; Organização técnico-administrativa das instituições; Cooperação: Congressos internacionais, nacionais e regionais.

Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 14. Em 26 de fevereiro de 1956.

Imagem 8 - Convidados especiais

**CONGRESSO DE MUSEUS —** Desenvolve-se, em Ouro Preto, o Primeiro Congresso Nacional de Museus. Grande número de personalidades vêm acompanhando os trabalhos aqui desenvolvidos, destacando-se entre outros o dr. Dioclécio Reidig Campos, diretor do Museu do Vaticano, especialmente convidado para participar do conclave. Encontram-se presentes, também, quase todos os diretores de vários museus brasileiros. Asp.

Fonte: Correio da Manhã, Caderno 1, página 04. Em 25 de julho de 1956 na Coluna "Correio dos Estados".

A última reportagem noticiada pelo periódico, nos informa sobre a presença de diretores de diferentes museus brasileiros e destaca a participação de Dioclécio Reidig Campos, diretor do Museu do Vaticano, imagem 8. Tendo em vista o que as

reportagens anteriores puderam nos indicar, Dioclécio Reidig Campos entra na classificação de convidados especiais. Nos apresenta também, um grande número de pessoas (não evidenciadas nesta matéria) que acompanhavam os trabalhos desenvolvidos. Fato este que nos leva a refletir que, talvez, estivessem se referindo ao comitê de avaliação das teses, memórias, relatos e demais trabalhos apresentados nesse *Conclave*.

### 2.2.2 Diário de Notícias

No conturbado período de 1930, próximo ao golpe, surgiu, em 12 de junho de 1930, o jornal Diário de Notícias. Fundado por Orlando Dantas, foi considerado como o “Jornal da Revolução”, suas tiragens aumentaram gradativamente e o jornal começou a ganhar espaço na imprensa jornalística carioca da década de 1930.

Em sua fase embrionária, apoiou o então presidente Getúlio Vargas, mas logo se desencantou. Saudou a queda de Washington Luís e vibrou com a junta militar que assumia o poder. O jornal teceu relações conflituosas com Getúlio Vargas e com a situação política que circundava os anos 30 do século XX (MEMÓRIA, 2006).

Segundo João Dantas, filho de Orlando Dantas, a linha de produção do Diário de Notícias era destinada ao público da classe média, como servidores públicos, militares e juízes. Ainda na fala de João Dantas, o herdeiro afirma que o Correio da Manhã dedicava-se ao público elitizado, ou, em suas palavras “jornal de elite” (MEMÓRIA, 2006, p. 16). O Diário foi então concebido como um jornal de matriz nacionalista.

A mesma publicação registra a fala de Ledo Ivo, poeta e comentarista do suplemento cultural, o qual se referia ao Diário de Notícias como um noticiário de cunho nacionalista, de classe média carioca e que tinha combatido o Estado Novo. Fernando Segismundo, relata que em 1939, o jornal superou as tiragens dos grandes jornais cariocas. Neste período, seus maiores concorrentes eram o Correio da Manhã, o Diário Carioca e o Jornal do Comércio

O Diário de Notícias foi fundado para ser um jornal dirigido à classe média, classe média alta – isto é, uma classe média de orientação udenista, bem a direita. A linha doutrinária do jornal era dada por pessoas como o deputado Otávio Mangabeira, da velha UDN, que fazia a cabeça do Dantas [fundador do Diário de Notícias], da mesma forma que o deputado, também a UDN,

Adauto Lúcio Cardoso, Osório Borba, um ex-deputado pernambucano culto e inteligente, grande jornalista, muito satírico, que escrevia editoriais excelentes, o brigadeiro Eduardo Gomes, e o intelectual (da direita, por certo) Eduardo do Prado Kelly (MEMÓRIA, 2006, p. 30).

O Diário de Notícias manteve uma preocupação com o ensino e com programas educativos. Tais prioridades estiveram em pauta desde sua criação. A direção do DN convidou a poeta Cecília Meirelles para criar e dirigir uma *Página de Educação*, que posteriormente transformou-se na seção Diário Escolar. E contava ainda com um caderno destinado a atender questões relacionadas à cultura e, mais precisamente, à literatura. (MEMÓRIA, 2006).

Esse suplemento cultural ficou comumente conhecido como *Suplemento Literário* e contou com a participação de intelectuais e escritores da época. Muito embora inicialmente fosse dedicado à literatura, o contingente artístico começa a fazer parte de seu conteúdo. Nos interessa, neste sentido, mapear os atores participantes tanto da imprensa jornalística, como participantes ativos das discussões sobre museus. Tanto Mário Barata, como o escritor Sérgio Buarque de Holanda<sup>31</sup> participaram do suplemento.

Com maior enfoque, destacamos a presença de Mário Barata, devido ao número expressivo de matérias assinadas por ele durante a cobertura do Congresso. Jornalista, museólogo e crítico de artes, Mário Barata integrou o corpo profissional do Diário de Notícias em 1952, e colaborou no jornal entre os anos 1952 a 1961. Inicialmente, era responsável pela coluna semanal *Artes Plásticas*, mas, em 1954, foi convocado pelo diretor João Dantas para fazer uma seção diária, onde permaneceu até o fim de sua trajetória no DN

Naquele tempo, o público se interessava pelo caminho da crítica. Nos outros jornais, também haviam colunas de artes. Lembro do Mário Pedrosa e do Ferreira Gullar, no Jornal do Brasil, substituídos depois pelo Roberto Pontual. Nos Diários Associados havia o Quirino Campofiorito. Minha função prioritária era informar. Visitava os ateliês, as exposições e depois redigia a coluna. Tinha toda a liberdade no Diário de Notícias, podia criticar um autor à vontade. Artistas nacionais e estrangeiros eram tratados da mesma forma. Orlando Dantas era um bom administrador. Não tinha interesse particular por artes, mas era casado com uma musicista (MEMÓRIA, 2006, p. 62)

Pelo suplemento cultural passaram figuras importantes para a literatura e as artes, cujos nomes já foram comentados. As páginas do DN abriram espaço para escritores de vanguarda e também para os novos talentos. Entre os editores do *Letras e Artes*, participaram personalidades conhecidas como Guilherme Figueiredo,

<sup>31</sup> Diretor do Museu Paulista desde o ano de 1946.



Álvaro Lins, Raul Lima e Ledo Ivo. Este último considerou que o jornal vivia uma "fase agônica" e fez a seguinte observação acerca das características do suplemento

O suplemento era aguardado com grande ansiedade. Tentei imprimir um dinamismo que não existia antes nos suplementos culturais. Procurei dar àquelas páginas dedicadas às letras e artes um ar menos austero, de segundo caderno. Isso era uma verdadeira inovação naquele jornal de feito moralista que tinha até uma página militar (MEMÓRIA, 2006, p. 60).

A edição do suplemento de domingo passou a ser semanal, tornando-se um dos mais renomados suplementos culturais no país. Em decorrência da fama e prestígio da coluna, em 1957 foi apontado como o melhor da categoria, com o Prêmio Paula Brito dado pela prefeitura do Rio de Janeiro. A essa premiação, seguiu-se o Prêmio Antônio Joaquim de Castilho, atribuição da Confederação Nacional da Indústria (MEMÓRIA, 2006).

Em função da centralidade política e cultural que o Rio de Janeiro aglutinava na época, podemos compreender a efervescência cultural estimulada pela imprensa jornalística. Não obstante, ficou evidenciado que o Diário de Notícias foi o periódico que realizou mais coberturas sobre o Primeiro Congresso de Museus. Não se pode afirmar que esse fato decorre da presença de Mário Barata no DN, contudo, o jornal tinha boas referências no cenário cultural dos anos que circundavam o acontecimento do Congresso.

Das quarenta e oito ocorrências noticiadas pelo Diário, decidimos analisar as que nos apresentavam fatos mais concretos, e até mesmo peculiares, sobre o Congresso e seus participantes.

As imagens que acompanham este capítulo podem ser encaradas como textos, uma vez que nos possibilitaram reconstruir a história deste Congresso e apresentar o grupo de pessoas envolvidas neste acontecimento.

Imagem 9 - Primeira reportagem do Diário de Notícias



Fonte: Diário de Notícias, página 06. Em 26 de outubro de 1954.

Em uma observação preliminar, o que nos chamou a atenção foi a data em que foi noticiada, imagem 9. A princípio, o congresso iria acontecer em agosto de 1954 no Museu da Inconfidência em Ouro Preto (MG), para comemoração de seu primeiro decênio. No entanto, sua concretização não foi possível e a matéria responsabiliza o setor histórico da cidade. Não seria viável a realização do evento na data prevista e o local destinado para sediar o congresso acabou sendo a antiga Casa dos Contos, devido a sua edificação colonial.

Ainda de maneira especulativa, anuncia que o referido *certame* seria patrocinado pelo Conselho Nacional de Museus. E categoricamente, comenta sobre a importância do evento, cujo objetivo seria a coordenação das atividades museológicas nos museus brasileiros.

Aqui vale destacar a questão da semântica. Foi percebido em vários momentos referências ao congresso como *conclave* ou *certame*. É interessante averiguar qual o sentido que essas palavras carregavam nos anos 1950 para serem empregadas tantas vezes nesse contexto. Algumas palavras possuem uma

mudança semântica devida a polissemia de seu significado, ou seja, seus variados significados<sup>32</sup>.

No caso deste estudo, a palavra *certame* apresenta sinônimos mais abrangentes. Sendo essa palavra utilizada em tempos atuais como algo que incita ou se refere a uma disputa, o que percebemos pelas leituras das reportagens e pelas informações acerca do congresso, é que esta palavra tinha outra conotação, era utilizada como sinônimo para congresso.

Durante a análise, não observamos nenhum ponto que sugerisse que o referido congresso tivesse aspecto de disputa, embora os participantes enviassem teses, relatórios ou memórias sobre problemáticas relacionadas a museus, e estas fossem submetidas a avaliações, não nos demonstrou sentido de concorrência ou competição. Em defesa de um "não anacronismo", investigamos e respeitamos a acepção de alguns acontecimentos que no momento presente recebem outras interpretações.

A matéria fala sobre nova data de realização do congresso, imagem 10 e nos informa que houve reuniões anuais do Comitê Diretor do Icom, possivelmente, com os membros da Organização Nacional do Icom, ou Onicom no Brasil. A matéria nos demonstra que já havia uma comissão, mesmo que provisória, para discutir a realização do congresso.

---

<sup>32</sup> Do grego *polissemia* = muitas significações. A polissemia consiste em uma determinada palavra adquirir ou atribuir um novo sentido além de seu sentido original (GARCIA, 2001).

Imagem 10 - Primeiras reuniões para discutir organização do Congresso

**Será em Ouro Preto o I Congresso Nacional de Museus**  
**As providências do Comitê-Diretor Brasileiro do Conselho Internacional de Museus**

Realizou-se no dia 16 do corrente, no Ministério da Educação e Cultura, a segunda sessão anual do Comitê Diretor Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (I. C. O. M.) órgão ligado à U. N. E. S. C. O.

Sob a presidência do dr. Rodrigo Melo Franco, de Andrade participaram da reunião d. Heloisa Alberto Torres, embaixador Maurício Nabuco, dr. Dante de Laitano, prof. José Maria de Albuquerque, dr. Américo J. Lacombe, prof. Osvaldo Teixeira, d. Regina Real e prof. Mário Barata. Inicialmente, o presidente do Comitê fez uma exposição a respeito da situação atual dos museus, no país, baseado nas respostas a um questionário enviado a 117 instituições. Foram obtidos importantes dados da frequência de visitantes e das iniciativas de finalidade cultural dos museus brasileiros, comprovando o surto atual dessas instituições. Entre as ocorrências de alcance excepcional se contam o início de construção da sede própria do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e concessão de crédito para o novo edifício do Museu do Estado do Rio Grande do Sul; a criação do Museu de Ciença, em São Paulo; a passagem do Museu Goeldi para a administração do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e a recente criação de diversos museus, em vários Estados da Federação. O Comitê-Diretor aprovou ainda o relatório da Comissão Provisória de Organização do I Congresso Brasileiro de Museus, adotando unanimemente a solução de realizar o certame na cidade de Ouro Preto, em maio ou em julho de 1956, durante 7 dias, e constituiu três Comissões de trabalho, que prepararão o Congresso, tendo sido eleitos 5 membros para cada uma das comissões, além de incluídos representantes da Prefeitura de Ouro Preto, da Estrada de Ferro Central do Brasil, da Diretoria da Administração do Ministério da Educação e Cultural e outras entidades interessadas.

No próximo dia 27, às 15 horas, essas Comissões de trabalho preparatório se reunirão na Sala do Conselho do Ministério da Educação e Cultura (5º andar) a fim de tomar suas primeiras decisões.

**TÍTULOS a Cr\$ 1.550,00. Entregam-se. Todos os materiais de construção. Cerâmica Cruzeiro — 32-5364 — 32-1757 e 48-2044**

**Sociedade Anônima Marvin**

**DIVIDENDO**

A partir de 23 de dezembro corrente, inclusive, na sede social à avenida dos Democráticos n. 207, nesta, das 15 às 17 horas, exceto nos sábados, e na sede do Banco

Fonte: Diário de Notícias, página 04, 19 de dezembro de 1954.

O encontro aconteceu no edifício sede do Ministério da Educação e da Cultura, onde estavam presentes participantes ativos de discussões sobre as questões que envolviam os museus, como Heloísa Alberto Torres, o embaixador Maurício Nabuco, o Dr. Dante de Laitano, o professor José Maria de Albuquerque, Américo J. Lacombe, o professor Osvaldo Teixeira, Regina Real e o professor Mário Barata, que sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade deram andamento a reunião, como podemos observar na imagem 10.

Na reunião, o Comitê realizou um levantamento sobre a situação dos museus, sendo esses mapeados a partir de um questionário enviado a 117 instituições. A pesquisa demonstrou aspectos importantes para compreender a proporção do cenário de museus no Brasil dos anos 1950. Os dados obtidos – como a frequência de visitantes e das iniciativas de finalidade cultural nos museus brasileiros – evidenciaram o que já havia sido indagado, comprovando o “surto” de museus, ou seja, o crescimento desse campo no país.

Os participantes avaliaram questões específicas e vincularam às iniciativas dos órgãos à expansão de museus no Brasil. Assim, definem unanimemente a

criação de uma Comissão Provisória, a fim de organizar e desenvolver o Primeiro Congresso de Museus, o qual viria a ser realizado em Ouro Preto, em maio ou em junho de 1956, com duração de sete dias.

Constituíram também três frentes de trabalho para o preparo do congresso, sendo estas direcionadas pelos membros eleitos por cada uma das comissões, imagem 11. Incluem então nas comissões representantes da prefeitura de Ouro Preto, da Estrada de Ferro Central do Brasil, da Diretoria da Educação e Cultura e outras instituições interessadas.

Imagem 11 - Preparativos

## PREPARA-SE ATIVAMENTE O...

(Conclusão da 5.ª página)  
associados da seção nacional do ICOM.

2 — São membros observadores todos que, solicitando inscrição nessa categoria, tenham-na tido aprovada pela Comissão Organizadora.

3 — São convidados especiais: a) personalidades estrangeiras ligadas ao ICOM; b) representantes de entidades nacionais cuja presença seja julgada útil aos trabalhos do Congresso.

Os membros das duas primeiras categorias solicitarão a Comissão Organizadora, em impresso próprio, a respectiva inscrição, mediante o pagamento da taxa de Cr\$ 200,00; os convites especiais serão feitos pelo Comitê Nacional do ICOM.

### COMISSÕES DO CONGRESSO

Haverá uma Comissão Executiva, composta do presidente, secretário e tesoureiro, que será eleita pelos membros ativos na sessão de instalação do Congresso e dirigirá os trabalhos até seu encerramento.

As Comissões Técnicas, compostas de membros ativos

### CORREIO DE CONFIANÇA

(Conclusão da 1.ª página)  
está perto de sair, como você sabe.

E aqui ficamos nós. Você ganhou. Adquiriu o direito a essa prova pública que lhe dou, pois até o dia presente tem tido a distinção de não gozar minha derrota, que foi também a de muitos grandes amigos seus.

Entre todos os males que experimentam os frustrados, não experimentarei um deles... cada vez que o novo governo se avir com as dificuldades quase insuperáveis da época atual. Eu direi um pouco demoniacamente, como aquele espanhol que alçava desdenhoso os ombros, diante de todas as desgraças da sua terra:

— "Pero que tengo yo con las cosas del Gobierno?"

Um abraço fraternal da sua velha amiga

D. S. Q.

escolhidos pela Comissão Organizadora antes da instalação do Congresso e dos que se inscreverem nas mesmas depois de instalado o certame, se incumbirão do estudo dos trabalhos apresentados, à medida em que forem entregues.

Haverá, inicialmente, tantas Comissões Técnicas quantos forem os capítulos do temário aprovado, podendo funcionar desdobradas ou agrupadamente, de acordo com as conveniências e afinidades entre os temas.

Cada Comissão Técnica terá, antes da instalação do Congresso, um Coordenador designado pelo presidente da Comissão Organizadora, e tantos relatores quantos se fizerem necessários.

Ao serem instaladas as Comissões Técnicas, com sua constituição definitiva, cada uma elegerá um presidente e um secretário.

A Comissão de Publicação dos Anais, constituída por um redator e dois assessores designados pelo presidente da Comissão Executiva, terá a incumbência de publicar os Anais.

### APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Todos os participantes do Congresso poderão apresentar trabalhos sobre matéria compreendida no temário aprovado. Só serão aceitos trabalhos originais e inéditos. Os trabalhos apresentados, para efeito de publicação, não poderão exceder o limite de 30 páginas dactilografadas.

Só serão aceitos os trabalhos encaminhados à Secretaria da Comissão Organizadora até 30 dias antes da data marcada para a instalação do Congresso.

Os Anais, constituídos na forma estabelecida, serão distribuídos gratuitamente a todos os participantes do Congresso, pessoas ou entidades.

Parte da edição dos Anais poderá ser posta à venda, revertendo o produto da mesma em proveito do Comitê Nacional do ICOM ou da Associação Brasileira de Museus, caso venha a ser fundada.

Fonte: Caderno Suplemento Literário, página 05. Em 30 de outubro de 1955.



Imagem 12 - Continuação

# Prepara-se Ativamente o 1.º Congresso N. de Museus

Será Promovido Pelo I. C. O. M., Cujo Presidente no Brasil é o sr. Rodrigo M. F. de Andrade — Gustavo Barroso, um dos vice-presidentes — Grande Animação Nos Antigos e Novos Museus do País — «Cicilo» Matarazzo Apóia o Certame

*Reportagem de*  
**Clemente de Magalhães Bastos**  
(Especial para o "Diário de Notícias")

O atual interesse pelas atividades dos museus em nosso país e o número crescente dessas instituições levaram o Comitê Nacional de Conselho Internacional de Museus (ICOM) a decidir programar o 1.º CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, com a participação de técnicos de museus e instituições congêneres do país e de interessados no assunto. Sendo óbvio que o preparo de tal manifestação exige bastante tempo, sobretudo levando em conta que se deve obter o máximo de rendimento e eficiência cultural e profissional, foi aprovada a ideia de realizar-se tal certame em fins de junho ou em julho de 1956.

O Comitê diretor do ICOM aprovou ainda a constituição de Comissão Organizadora, que elaborou, com sugestões de todos os colegas, o temário, orçamento, ideia de meio e local da reunião, tendo apresentado seu plano à aprovação do Comitê Brasileiro do ICOM na sessão da segunda quinzena de novembro passado.

O referido Comitê solicita, de todos os colegas e interessados no assunto, o máximo de cooperação para essa iniciativa. Os pedidos de inscrição devem ser encaminhados ao COMITÊ BRASILEIRO DO ICOM — 1.º Congresso Brasileiro de Museus — Edifício do Ministério da Educação — 8.º andar, sala 801.

Presidido atualmente pelo dr. Rodrigo M. F. de Andrade, o referido Comitê tem como vice-presidentes os srs.

Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional; Heitor de Almeida, do Museu Nacional e Osvaldo Teixeira, do Museu Nacional de Belas Artes. Participam ainda, entre outros, do organismo, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (na qualidade de tesoureiro); o embaixador Maurício Nabuco, do Museu de Arte Moderna do Rio; José Valadarez, do Museu da Bahia, Dante de Laytano, do Museu Júlio de Castilhos do Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife e Américo J. Lacomba, da Casa Rui Barbosa.

São esses especialistas, ao lado dos técnicos que estão trabalhando na Comissão Organizadora, os responsáveis pelo brilhante êxito das primeiras atividades preparatórias do Congresso, que está sendo aguardado com ansiedade.

## A ORGANIZAÇÃO DO CONGRESSO

Num «furo» de reportagem, para os interessados e os leitores em geral, divulgamos, a seguir, aspectos da organização desse certame. Promovido pelo Comitê Nacional do ICOM, ele tem por objetivo, de acordo com o temário aprovado, estudar e sugerir soluções para os problemas que se apresentam aos museus brasileiros. Dêle participam membros ativos, convidados especiais e observadores.

1 — São membros ativos os técnicos de museus federais, estaduais, municipais e particulares; os diretores e funcionários administrativos dos mesmos museus; os membros

(Conclui na 4.ª página)

### EXPOSIÇÕES DA SEMANA

Leger — No Museu de Arte Moderna.  
Margaret Spence e Berthe Bonnard — Na Galeria de Arte.  
Vanderstoep — Na Galeria da Revista «Forma» (praia de Botafogo, 154).  
3.ª Mostra de Arte dos Empregados da Light e Associações — Avenida Marechal Floriano.  
Maria Leontina — Na Petite Gallerie (avenida Atlântica).  
Artistas Americanos da III.ª Bienal — No 11.º andar do edifício Mesbla.  
Cartazes do «Brasiliana» — No Ministério da Educação.

Fonte: Caderno Suplemento Literário, página 05. Em 30 de outubro de 1955.

Nesta reportagem, imagens 11 e 12, foi avaliado inicialmente quem assinou a matéria. No caso, Clemente de Magalhães Bastos. Identificamos também uma taxa a ser cobrada na inscrição do Congresso, no montante de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros)<sup>33</sup>.

A medida em que se inicia outra fase de organização e execução do colóquio, as reportagens registram os objetivos do congresso de maneira mais consolidada. Nesse sentido, podemos observar uma certa "padronização" do conteúdo.

A matéria nos diz que a reunião do Comitê Diretor do Icom aprovou a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso de Museus, que por sua vez,

<sup>33</sup> Segundo pesquisas realizadas, em agosto de 1956, o salário mínimo de um trabalhador era equivalente a 2400 cruzeiros. O ingresso do congresso correspondia a 10% deste valor. Com o valor do ingresso também era possível comprar um par de sapatilhas, por exemplo. Para mais informações ver a enciclopédia Nosso Século (1989).

elaborou sugestões acerca da estrutura do Congresso. A reunião definiu, ainda, o orçamento, temas a serem discutidos, futuras reuniões e ideias afins.

Há novamente menção ao apoio do Icom, que na época era presidido pelo Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e contava com os vice-presidentes Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional; Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional; e Osvaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes. Evidencia a presença de outros participantes do Comitê de Organização Nacional do Icom, sendo eles os agentes, Francisco Matarazzo Sobrinho, do museu de Arte Moderna de São Paulo - neste contexto, tesoureiro do Onicom; o embaixador Maurício Nabuco do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; José Valadares, do museu da Bahia; Dante de Laytano, do Museu Julio de Castilhos no Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife; e, Américo J. Lacombe, da Casa Rui Barbosa no Rio de Janeiro. Esses agentes representam o Onicom e o corpo profissional responsável pela organização do Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Ainda na mesma matéria, Clemente Magalhães comenta sobre a importância deste *certame* e relata a animação dos antigos e novos museus (referência recorrente aos "novos museus", "museus menores", ou "surto de museu"). O objetivo desse evento, a partir dos temas aprovados, ficou definido então como "estudar e sugerir soluções para os problemas que se apresentam aos museus brasileiros" (Caderno Suplemento Literário, 30 de outubro de 1955, p. 5).

A análise desta notícia foi capaz de responder aos questionamentos apontados na avaliação da matéria datada de 20 de julho de 1956 do Correio da Manhã, imagem 6, em razão das explicações sobre membros e participantes, membros observadores, convidados especiais, apresentação dos trabalhos e comissões técnicas (cada uma designada para organizar setores distintos).

Imagem 13 - Quadro oficial de temas a serem abordados nos trabalhos



# ARTES PLÁSTICAS

## 1.º CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS

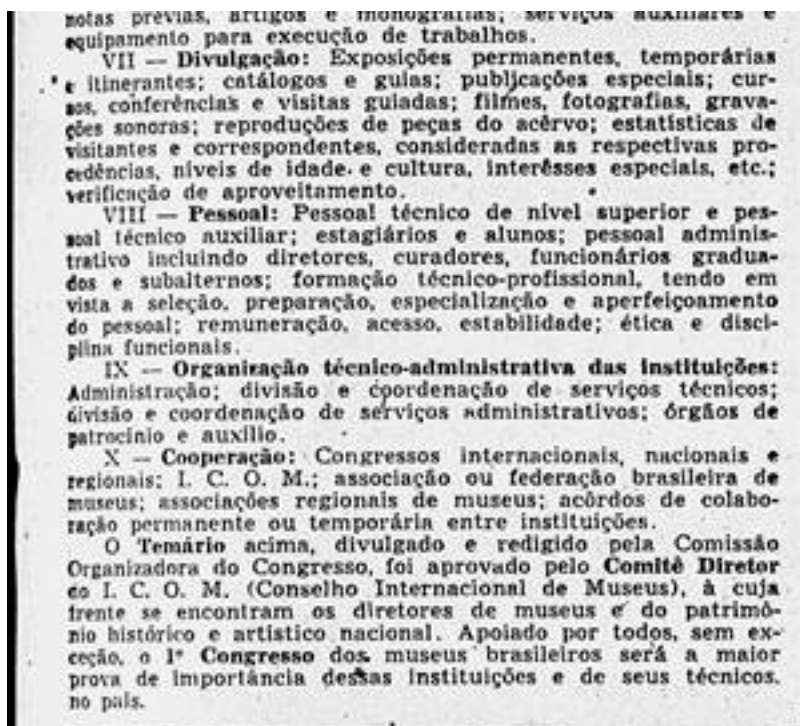
### Mario Barata

**ENTROU**, em sua fase final, o preparo do 1º Congresso Nacional de Museus, a realizar-se em 1956, na cidade de Ouro Preto, com a presença de especialistas europeus especialmente convidados. Ao divulgar hoje, em primeira mão, ao Rio, o *Temário* desse importante certame, solicitamos de nossos leitores todo o apoio para essa iniciativa de alta significação cultural.

Para estudo, debates e eventual publicação do 1º Congresso Nacional de Museus, poderão ser apresentados subsídios, teses, memórias, relatórios, notícias e quaisquer modalidades de trabalhos que tratem de matérias de museologia e problemas de interesse dos museus, preferentemente do Brasil, considerando em geral ou em particular os assuntos seguintes, sem exclusão de outros que correspondam às finalidades da reunião:

- I — **Caráter, âmbito e objetivos dos museus:** Museus oficiais (federais, estaduais e municipais); Museus institucionais; Museus eclesiásticos (diocesanos, congregacionais e paroquiais); Museus particulares. Museus nacionais e regionais. Museus de Ciências (Físicas, Naturais e Sociais); Museus de Arte e Museus de História (gerais e especializados); Museus técnicos; Museus mistos; Museus didáticos.
- II — **Instituições brasileiras atuais:** Resenha histórica de museus; suas instalações e organização; sua obra realizada; suas necessidades; seus planos de ampliação e aperfeiçoamento.
- III — **Legislação:** Organizações e convenções internacionais interessando a museus; legislação federal, estadual e municipal sobre organização e assuntos atinentes a museus; estatutos e regimentos de museus particulares e instituições privadas com que estes sejam ligados. Antecedentes; normas constituídas e em vigor; legislação e regulamentação a constituir.
- IV — **Sede e instalação:** Localização; construções especiais e adaptações de edifícios; acessos e locais de estacionamento; áreas de circulação; salas de exposição, de administração, de seções técnicas, de biblioteca e arquivo; laboratórios, depósitos, auditório e restaurante; iluminação, aeração e acondicionamento de ar; equipamento geral.
- V — **Acervo:** Coleções em exposição; coleções constituídas para documentação e estudo; coleções para intercâmbio; identificação, classificação, catalogação, armazenamento e exibição de peças; proteção do acervo em períodos normais e anormais; imunização, limpeza, conservação e restauração de peças; ampliação do acervo por meio de colecionamento, compras, doações, permutas, legados, empréstimos ou depósitos temporários; intercâmbio e alienação do material do acervo.
- VI — **Estudos e pesquisas:** Natureza e programa de trabalhos; estudos e pesquisas de gabinete e de campo; expedições; orientação e fiscalização superiores dos trabalhos em curso, individuais ou de parceria; elaboração de relatórios, notas prévias, artigos e monografias; serviços auxiliares e equipamento para execução de trabalhos.





Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 20 de novembro de 1955.

A matéria apresentada acima, imagem 13, assinada por Mário Barata, está em consonância com algumas informações dadas na reportagem do dia 30 de outubro de 1955, imagem 11. Ambas falam sobre os tipos de convidados, quais seriam os convidados especiais e como essa divisão aconteceria. Entretanto, a matéria de Mário Barata abrange outros assuntos.

Esta relata que para o estudo, debate e eventuais trabalhos publicados no Primeiro Congresso Nacional de Museus, fossem esses memórias, teses, relatórios, notícias ou quaisquer trabalhos que discorrem sobre a temáticas ligadas à museologia ou problemáticas de interesse dos museus. Para tal, cada trabalho deveria corresponder aos seguintes tópicos: I) Caráter, âmbito e objetivos dos museus; II) Instituições brasileiras atuais; III) Legislação; IV) Sede e Instalação; V) Acervo; VI) Estudos e pesquisas; VII) Divulgação; VIII) Pessoal; IX) Organização técnico-administrativa das instituições; X) Cooperação.

Este quadro temático foi aprovado e escrito pela Comissão Organizadora do Congresso e aprovada pelo Comitê Diretor do Icom. Aqui podemos perceber a presença de duas agências distintas, sendo elas, o Icom e a Onicom.

Durante a leitura, outros aspectos foram identificados, como a assinatura de Mário Barata. Foi verificado que muitas das matérias que tratam sobre o Congresso

foram assinadas por ele, desta forma, Mário Barata passa a compor o quadro de agentes.

A matéria menciona a importância do Congresso em dois momentos, primeiramente, ao final do primeiro parágrafo, quando o autor pede a ajuda dos leitores para divulgação deste *Conclave* de "alta significação cultural"; e, por fim, no último parágrafo deste mesmo texto, quando nos diz que "o 1 congresso dos museus brasileiros será a maior prova de importância dessas instituições e de seus técnicos no país" (Diário de Notícias, 20 de novembro de 1955, p.5).

Essa notícia também se configura como a primeira matéria que apresenta o quadro "oficial" de temas a serem discutidos nos trabalhos, e abriu novos questionamentos com relação aos integrantes do comitê de avaliação destes projetos.

Imagem 14 - Reuniões e seus participantes



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 04. Em 13 de dezembro de 1955.

Inicialmente, se percebeu que a maior parte das reuniões para a organização do Congresso aconteceram no M.E.C., imagem 14. Nelas estiveram presentes agentes da cultura mencionados com frequência durante as notícias. Neste caso: Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; José Maria de Albuquerque, diretor do Museu de Pernambuco; Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Museu de Arte Moderna de S. Paulo;

Sérgio Buarque de Holanda, do Museu Paulista; Osvaldo Teixeira, do Museu Nacional de Belas Artes; Lourival Gomes Machado e Américo Lacombe, da Casa de Ruy Barbosa; e as sras. Elisa Alberto Torres, Regina Monteiro Real, Lígia Martins Costa e Iolanda Portugal.

Esta é a primeira matéria que menciona a participação de Lígia Martins Costa e Iolanda Portugal, ambas museólogas. Ao que se refere aos agentes, a seguinte matéria, imagem 15, mostra uma entrevista com a museóloga Iolanda Portugal, na qual a museóloga responde perguntas referentes ao Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Imagem 15 - Entrevista Yolanda Portugal

**O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS**

ESTES dias em que se fundam, no Rio, o Museu de Ciências e o do Folclore, confirma-se a realização, em julho próximo, do 1º Congresso Nacional de Museus. Esse certamente reunirá, pela primeira vez, os técnicos de museus de todas as especialidades, em benefício comum. Dela, além da publicação de memórias e teses, resultará possivelmente a criação da «Associação Brasileira de Museus», com o seu imprescindível boletim bibliográfico e noticioso.

Procuramos, no Museu Histórico Nacional, o conservador, d. Iolanda Portugal, a fim de iniciar uma «enquete» sobre a expectativa reinante em torno do próximo Congresso. Com verdadeira fidalguia, d. Iolanda atendeu-nos, respondendo às nossas questões:

— Que significação terá o 1º Congresso Nacional de Museus para o desenvolvimento dessas instituições, no país?

— perguntamos, inicialmente, à competente técnica do Museu Histórico.

**Intensos Preparativos Para o Grande Certame de Ouro Preto — Entrevistando Iolanda Portugal, do Museu Histórico Nacional — Expectativa em Todos os Setores Artísticos e Científicos do País**

Reportagem de  
*Clemente de Magalhães Bastos*  
(Especial para o «Diário de Notícias»)

já existente. Este ponto é, talvez, um dos mais localizados no momento porque o velho conceito de museu, como depósito de coisas velhas, já passou.

Igualmente importante é o tópico referente ao pessoal especializado, pois da boa qualidade deste depende, em grande parte, o êxito de um Museu.

— Que acha do Regimento do Congresso? — indagamos, de passagem.

— Foi elaborado com muito cuidado de forma a facilitar os trabalhos do Congresso.

— Os conservadores de Museus estão participando da ar-

ção devida a esta carreira, como acontece, também com outras profissões especializadas. Isto lhe tem sido prejudicial: alguns bons elementos já a abandonaram. O acesso à carreira de «conservador» é feito mediante concurso, que exige apresentação de tese e sua defesa oral.

Existe um Curso de Museus para o preparo de conservadores dos Museus de Arte e História, no qual são ensinadas matérias cujo conhecimento é indispensável ao trabalho nessas instituições, como História da Arte, História do Brasil, Heraldica, Numismática

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 19 de fevereiro de 1956.



Imagem 16 - Continuação

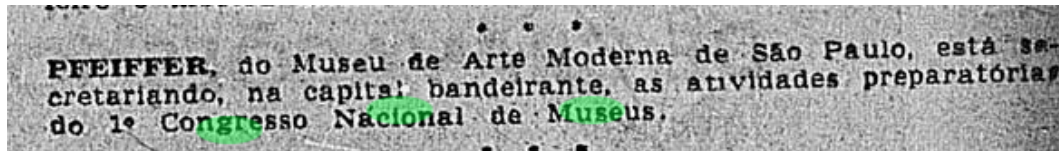


Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 19 de fevereiro de 1956.

Iolanda Portugal comenta sobre o entusiasmo com que os conservadores do Rio de Janeiro esperavam pelo Congresso e como professores do Curso de Museus e outros técnicos apoiam o encontro. Na entrevista, a conservadora detém-se principalmente, em falar sobre a profissão de conservador, que segundo ela, era pouco conhecida e divulgada. Novamente é evidenciada a importância deste acontecimento para a divulgação de museus menores, imagem 16, uma vez que foi

a partir do debate dos temas anunciados foi que se tornou possível identificar soluções para auxiliá-los. Identificamos também a presença de outro agente: Pfeiffer, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, como podemos observar na imagem 17.

Imagem 17 - W. Pfeiffer, representante do Estado de São Paulo no Congresso



Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 04. Em 04 de março de 1956.

Imagem 18 - Membros ativos, observadores e convidados

# Vida das Artes

**Mário Barata**

## 1º. CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS

**O** ATUAL interesse pelas atividades dos museus em nosso país e o número crescente dessas instituições levaram a Organização Nacional do I. C. O. M. a programar o Primeiro Congresso Nacional de Museus, com a participação de técnicos de museus e instituições congêneres do país e de interessados no assunto.

A referida Organização solicita de todos os colegas dos Museus de História Natural, Ciências, Arte, Folclore, História, etc., o máximo de cooperação para essa iniciativa. Os pedidos de inscrição devem ser encaminhados ao **COMITÊ BRASILEIRO DO ICOM — PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE MUSEUS** — Edifício do Ministério da Educação — 8º andar, sala SP1.

Presidida atualmente pelo dr. Rodrigo M. F. de Andrade, a citada organização tem como vice-presidentes os ares. Gustavo Barroso, Heloisa Alberto Torres e Osvaldo Teixeira. Participam ainda, entre outros, do conselho, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (na qualidade de tesoureiro); o embaixador Maurício Nabuco, do Museu de Arte Moderna do Rio; José Valadares, do Museu da Bahia, Dante de Laytano, do Museu Júlio de Castilhos, do Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife; Américo J. Lacombe, da Casa de Rui Barbosa; Agla Martins Costa, Solanda Portugal, Regina Real e Lourival Gomes Machado.

São esses especialistas, ao lado dos técnicos que estão trabalhando na Comissão Organizadora, os responsáveis pelo brilhante êxito das primeiras atividades preparatórias do Congresso, que está sendo aguardado com ansiedade.

Divulgamos, a seguir, aspectos da organização desse certame. Ele tem por objetivo, de acordo com o temário aprovado, estudar e sugerir soluções para os problemas que se apresentam aos museus brasileiros. Dêle participam membros ativos, convidados especiais e observadores.

- 1 — São membros ativos os técnicos de museus federais, estaduais, municipais e particulares; os diretores e funcionários administrativos dos mesmos museus; os membros associados da seção nacional do ICOM.
- 2 — São membros observadores todos que, solicitando inscrição nessa categoria, tenham-na tido aprovada pela Comissão Organizadora.
- 3 — São convidados especiais: a) personalidades estrangeiras ligadas ao ICOM; b) representantes de entidades nacionais cuja presença seja julgada útil aos trabalhos do Congresso.

Os membros das duas primeiras categorias solicitarão à Comissão Organizadora, em impresso, própria a respectiva inscrição, mediante o pagamento de Cr\$ 200,00; os convites especiais serão feitos pelo Comitê Nacional do ICOM.

**Encerra-se Hoje**



Ilustração arquitetônica das mais modernas, que se enquadra perfeitamente no estilo que prevalece nas construções daquele recanto da Capital, obra do arquiteto JACQUES PILON, esse edifício, onde a luminosidade e o

Fonte: Diário de Notícias, Segunda seção, página 02. Em 20 de março de 1956.

Novamente se comenta sobre a necessidade da realização desse evento que partiu do interesse pelas atividades dos museus brasileiros e pelo número crescente de instituições museais.

Como podemos observar por meio da imagem 18, a Organização Nacional do Icom estava solicitando a participação dos profissionais dos museus de História Natural, Ciências, Artes, Folclore e demais instituições nessa iniciativa. Aqueles que

desejassem participar, teriam que enviar o formulário de inscrição ao Comitê Brasileiro do Icom, no edifício sede do M.E.C.

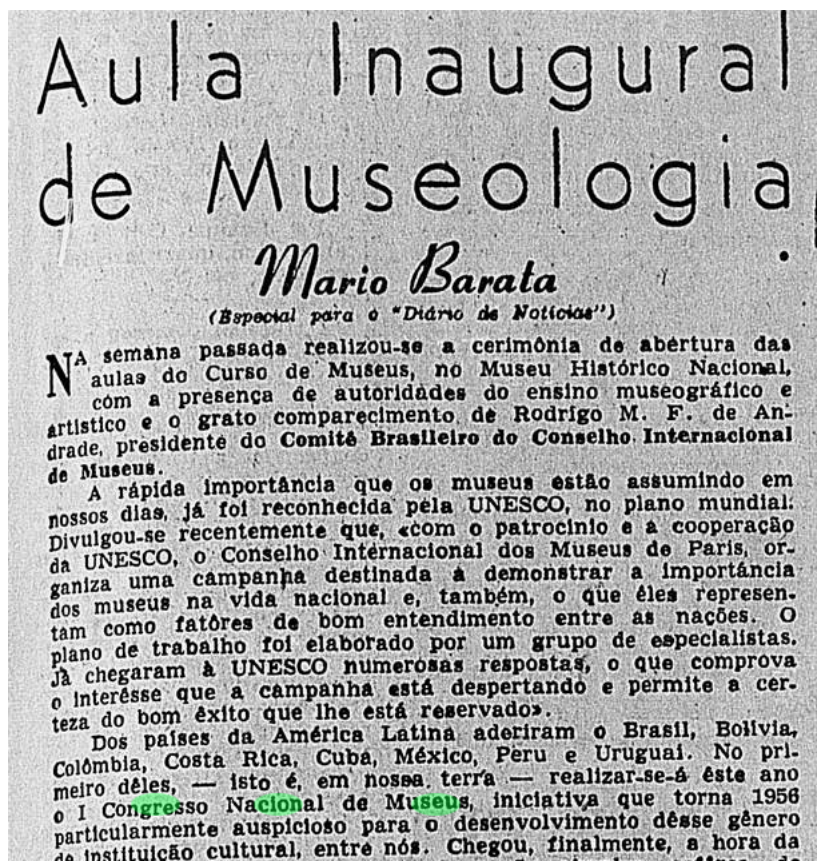
A matéria nos explica a organização dos membros de cada delegação e como se dá a participação no Primeiro Congresso Nacional de Museus. Separados pelas seguintes categorias: a) Membros Ativos: técnicos de museus federais, estaduais, municipais e particulares, diretores, administradores e demais funcionários dessas instituições; b) Membros Observadores: interessados em se inscrever nesta seção e que tenham sido aprovados pela Comissão de Organização do Congresso e por fim, c) Membros convidados especiais: personalidades estrangeiras com filiados ao Icom ou representantes de entidades nacionais cuja presença seja julgada como importante ou construtiva para o Congresso.

Os membros das duas primeiras categorias, devem pagar taxa de inscrição no valor de Cr\$ 200,00.

Alguns outros aspectos suscitaram nosso interesse, mesmo que eles não estivessem tratando de questões sobre organização do Congresso em si. Como é o caso do conteúdo da seguinte reportagem, imagem 19.



Imagem 19 - Mário Barata comenta sobre o Congresso em aula inaugural do curso de museologia



Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 25 de março de 1956.

Nessa reportagem, imagens 19, 20 e 21, Mário Barata discorre sobre a palestra que realizou na abertura do semestre letivo do Curso de Museus de 1956. Em detrimento da importância que os museus estavam desempenhando dentro e fora do país, a Unesco, como entidade internacional, passa a reconhecê-los. Motivados pela cooperação entre a Unesco e o Icom, os museus representavam então uma possibilidade de interação entre as nações.

As campanhas de incentivo aos museus propiciaram encontros em diversos países. Nesse contexto, o Brasil contribuiu pela primeira vez com a realização do Congresso de Museus que, segundo Mário Barata, iria desempenhar um papel fundamental para o desenvolvimento do campo museal no país.

Imagem 20 - Continuação

de instituição cultural, entre nos. Chegamos, portanto, à museografia, como fato nacional e não simples esforço de pioneiros.

Indicado, pela generosidade de meus colegas do Curso de Museus, para dar a aula inaugural do ano letivo, vi-me entre duas possibilidades de desenvolver o tema que escolhi: ou falar para os técnicos e conservadores meus colegas; ou dirigir-me com simplicidade aos alunos, novos e veteranos, do curso, chamando a sua atenção para a força extraordinária a serviço da cultura, que o Museu representa. — e para a conjuntura favorável e boa que abre novas perspectivas para a carreira ou campo de estudos que escolheram. Optei pela última, por ser desprovido de senso tentar ensinar aos que já sabem. É sempre útil o contacto com as novas gerações.

Mostrei-lhes então o que permitiu grande concentração de poder educativo, nos Museus contemporâneos. O poder do Museu resulta do poder da imagem. Vivemos civilização essencialmente visual, em que a percepção do mundo exterior e a aquisição de cultura utilizam enormemente a imagem e o próprio objeto, em prejuízo da leitura pura e simples e do ensino verbal. Numa época em que não há tempo para ler, o homem habituou-se a ver.

O olho, eterno veículo de aprendizagem, duplicou a sua potência. O cinema, a fotografia, a televisão e o museu passaram a exigir-lhe atividade constante, cada um deles com suas características específicas.

Órgão essencialmente de pesquisa e de conservação do patrimônio cultural da humanidade, o museu aumentou a sua ação e criou tentáculos, como um polvo das profundezas do mar. Ampliou-se com os «museobus» e desdobrou-se em mostras temporárias e nas itinerantes. Passou a exercer função diretamente educativa, através da grande frequência do público, das visitas guiadas de escolares ou do homem comum, dos serviços didáticos e da nova «mise-en-scene» dos objetos que exhibe.

Adotando recursos teatrais de iluminação e para a apre-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 25 de março de 1956.

É importante comentar que Mário Barata foi aluno do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. Dessa forma, quando nos diz que foi "indicado, pela generosidade de meus colegas do Curso de Museus, para dar a aula inaugural do ano letivo...", como podemos observar na imagem 20, inferimos que o ciclo de profissionais permaneceu quase o mesmo durante os anos 1950. Estes mesmos profissionais apareceram várias vezes nas reportagens, o que nos levou a pensá-los como agentes de relevância para a realização do Congresso.

Ainda na mesma reportagem, imagem 20, o museólogo comenta sobre a função educativa dos museus e as possibilidades didáticas que um objeto pode oferecer. Essa discussão não era inédita, uma vez que o debate sobre a função educativa destas instituições era recorrente.



Imagem 21 - Continuação

guiadas de escolares ou do homem comum, dos serviços técnicos e da nova «mise-en-scene» dos objetos que exhibe.

Adotando recursos teatrais de iluminação e para a apresentação dessas peças, evitando o cansaço visual e concentrando o poder de percepção e assimilação do visitante em peças adrede escolhidas, a museografia é hoje uma possante técnica de difusão cultural. Dêse fato decorre a multiplicação dos museus, no mundo inteiro e sua recente proliferação no Brasil.

Caberá ao I Congresso Nacional de Museus e aos meus colegas do Curso de Museus, a tarefa de contribuir bastante para dar bases científicas a êsse desenvolvimento. Urge fornecer melhor ambiente e preparar condições mais sérias, técnicas consistentes ao surto de novos museus, no nosso país. Foi dêsse assunto que tratamos, em 50 minutos de palestra com os jovens estudiosos da especialidade. Eles que falem do proveito ou não que tiveram.

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Em 25 de março de 1956.

Com este debate, Mário Barata inicia o semestre letivo do curso. A divulgação do seminário para os alunos sinaliza a participação de outro grupo que não somente os técnicos, diretores ou figuras políticas, como indicado na imagem 21.

Imagem 22 - Apoio de Jânio Quadros e do Estado de São Paulo

**Niomar Moniz Sodré**

Regressou ao Rio, reassumindo a direção do Museu de Arte Moderna, a sra. Niomar Moniz Sodré, que passou 5 meses nos E.E. UU. e na Europa. Nesta semana, a conhecida animadora do MAM entrará em contacto com os organizadores do I Congresso Nacional de Museus, que o museu moderno está apoiando.

Informa-nos o mesmo Museu, por outro lado, que os seus cursos iniciar-se-ão na próxima semana, com excepção do de Flexor, marcado para a segunda quinzena de abril.

**Di Cavalcanti Vai à Itália**

Di Cavalcanti foi especialmente convidado pela direção da próxima Bienal de Veneza. Representará nosso país nesse certame, que se realizará em junho do corrente ano. Di Cavalcanti levará pessoalmente, à Itália, cerca de quarenta telas suas para a grande exposição internacional em que ocupará a sala do Brasil.

— sera incluída a série de desenhos do nosso pintor não publicada na obra do escritor português. Esses mesmos desenhos seguirão com Portinari para Israel e Itália, onde serão expostos ainda em abril.

As exposições-relâmpagos do GEAMA — como o indica o nome — são rápidas, durando apenas o tempo dos debates que as acompanham. No caso, os debates serão conduzidos por José Paulo Moreira Fonseca, Quirino Campoflorito e Enrico Bianco, êste último colaborador de Portinari.

Esta exposição-relâmpago realizar-se-á no próximo dia 5 de abril, às 18 horas, na sede do Pen Clube do Brasil, à Av. Nilo Peçanha, 26 — 12º andar.

**JÂNIO QUADROS APOIA  
O 1.º CONGRESSO DE MUSEUS**

O secretário de Educação do Estado de São Paulo, dr. Vicente de Paula Lima, acompanhado de Sérgio Buarque de Hollanda e Lourival Gomes Machado, membros do Comité Nacional do ICOM, estiveram com o governador bandeirante a fim de tratar da modalidade de apoio do grande Estado, ao próximo Congresso Nacional de Museus.

O dr. Jânio Quadros, asseverou que, apesar das medidas drásticas de economia, vigentes no Estado, considerava êsse certame técnico e cultural, como de grande importância, e tinha interesse em providenciar o comparecimento de delegações paulistas ao mesmo, auxiliando o Congresso em tudo que fôr possível. Pediu que Sérgio e Lourival, através do secretário de Educação, lhe apresentassem um plano de cooperação do Estado, o que está sendo feito. Assim, a exemplo de outros Estados da União, São Paulo contribuirá para a realização do 1º Congresso Nacional de Museus.

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02. Em 28 de março de 1956.

A organização do Congresso se deu principalmente por meio dos membros do Comitê Nacional do Icom, mas, também, por representantes estatais ou regionais. As duas reportagens que se seguem, imagens 23 e 24, são pertinentes para nos explicar como funcionava a ajuda dos estados brasileiros neste contexto.

Dois membros do Comitê Nacional do Icom, Sérgio Buarque de Hollanda e Lourival Gomes Machado, acompanharam o secretário da educação do Estado de São Paulo, Dr. Vicente de Paula Lima, em uma conversa com o governador Jânio Quadros para discutir a participação de São Paulo no *Conclave*.

Embora a cidade São Paulo estivesse passando por problemas econômicos, o governador considera que o "*Certame* técnico e cultural" era de suma importância e expressa interesse em oferecer toda a ajuda que lhe fosse cabível. Jânio Quadros pede aos referidos membros do Onicom que, juntamente com o secretário da educação, apresentassem um plano de cooperação do estado. Não foi possível elucidar qual quantia foi destinada ao Congresso, nem sequer como esse dinheiro foi aplicado na estrutura do evento.

Na mesma reportagem, imagem 22, a notícia de que a sra. Niomar Moniz Sodré retomava a direção do Museu de Arte Moderna (MAM) após um período afastada devido a uma viagem para a Europa. Segundo a matéria, a diretora iria entrar em contato com os organizadores do Congresso para demonstrar o apoio do MAM.

Imagem 23 - Apoio do município de Ribeirão Preto

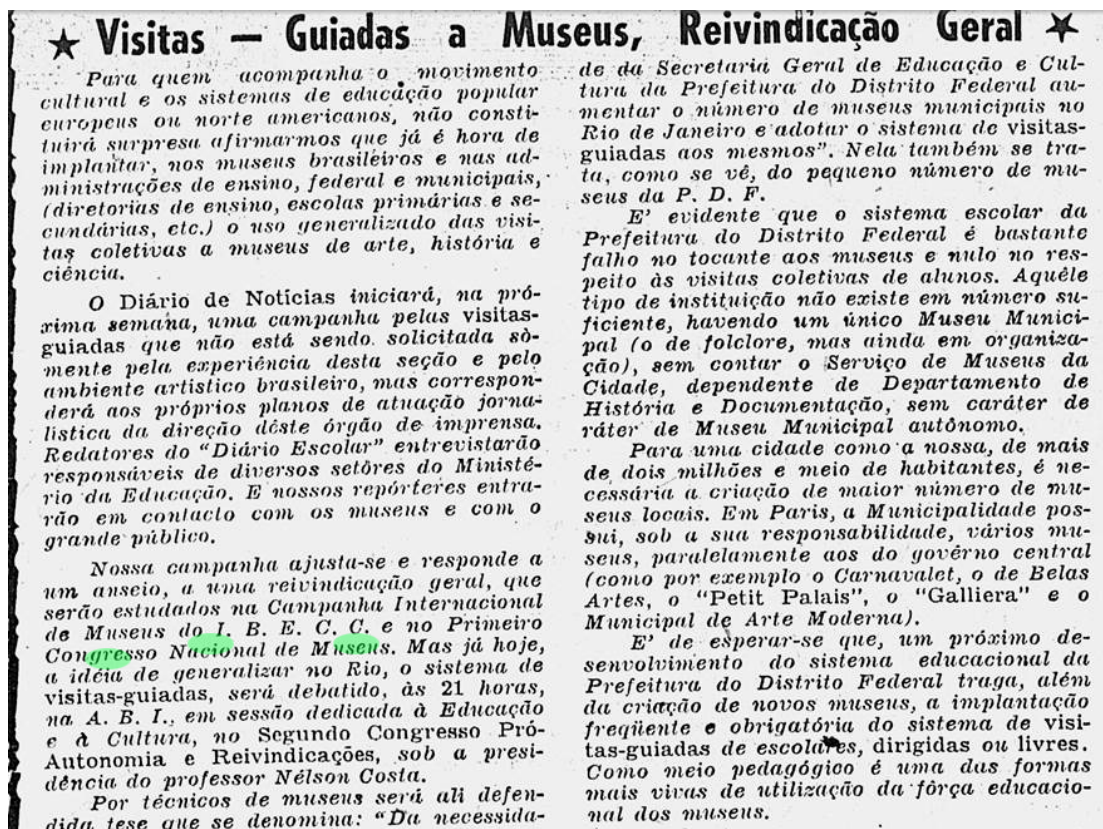


Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02. Em 04 de julho de 1956. Coluna Vida das Artes.

A referida matéria, imagem 23, fraciona a atuação dos estados brasileiros. Porém, no que tange a colaboração dos municípios, apenas o município de Ribeirão Preto contribuiu financeiramente.



Imagem 24 - Reivindicação as Visitas- Guiadas em museus



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 14 de abril de 1956.

A imagem 24 traz o recorte que divulga a campanha do jornal Diário de Notícias para fomentar visitas guiadas em museus. Os redatores entrevistaram os responsáveis de diversos setores do M.E.C.

Essa temática também seria discutida no Primeiro Congresso de Museus, bem como no Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) da Unesco.

A iniciativa do DN era despertar maior interesse público pelos museus a partir das ações dessa campanha. Aqui, se faz revelar a relação do suplemento com os museus. A influência dessas instituições era tamanha, ao ponto de um dos maiores veículos comunicacionais da época criar uma campanha de fomento a atividades educativas e visitas guiadas dentro desses espaços.

A matéria também chama a atenção quando nos fala sobre a existência de poucos museus vinculados à prefeitura do Distrito Federal, que contava com apenas um museu, subordinado ao Departamento de História e Documentação, motivo pelo

qual não respondia de forma autônoma. Discorre ainda sobre a criação de museus locais e museus que atendessem as necessidades das escolas.

Imagem 25 - Participação de Oswaldo Teixeira no Congresso



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 01. Em 27 de abril de 1956.

Oswaldo Teixeira fez parte do Onicom e do Comitê de Organização do Primeiro Congresso Nacional de Museus. De acordo com a reportagem, imagem 26, Teixeira comenta que a importância do Congresso se expressava tanto pelo conteúdo dos temas a serem abordados, como pela presidência da figura de Rodrigo Melo Franco de Andrade, em suas próprias palavras "pessoa culta, empreendedor" (Diário de Notícias, Segunda Seção, p.01, 27 de abril de 1956), e pela participação de outros profissionais, incluindo convidados internacionais, e assim, iriam colaborar com os debates e temáticas, culminando então para os "mais benéficos resultados" (Diário de Notícias, Segunda Seção, p.01, 27 de abril de 1956).



Imagem 26 - Principais temas a serem debatidos no Congresso

## Principais Temas a Serem Debatidos em Ouro Preto

### Prossegue a Campanha do «Diário de Notícias»

NUM encontro com a nossa reportagem, o sr. Osvaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional da Escola de Belas Artes, considerou muito louvável a iniciativa do «Diário de Notícias» visando a despertar maior interesse público pelas artes em geral através da campanha pelas visitas-guiadas aos nossos museus. Quanto ao 1º Congresso Nacional de Museus, a realizar-se ainda este ano, na cidade de Ouro Preto, com a presença de especialistas europeus especialmente convidados, declarou que o conclave trará os mais benéficos resultados, não só pela importância dos temas e idéias a serem debatidos como por estar na sua presidência o sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade «espírito culto e empreendedor, e ainda dos que irão colaborar no certame».

#### TEMAS FUNDAMENTAIS

Dentre os temas fundamentais do próximo Congresso Nacional de Museus, estão incluídos museus oficiais, institucionais, eclesiásticos, particulares, ciência, Arte, História, além de museus de técnicos, mistos e didáticos.

Far-se-á também uma resenha histórica das instituições brasileiras atuais, suas instalações e organização, obras realizadas, necessidades, planos de ampliação e aperfeiçoamento.

A parte sobre Legislação compreende organizações e convenções internacionais interessando a museus; legislação federal, estadual e municipal sobre organização e assuntos afins a museus; estatutos e regimentos de museus particulares e instituições privadas com que estes sejam ligados; antecedentes; normas constituídas e em vigor; legislação e regulamentação a constituir.

No que se refere à sede e instalação, serão estudados a localização; construções especiais e adaptações de edifícios; acessos e locais de estacionamento; organização, limpeza, conservação e restauração de peças; ampliação do acervo por meio de colecionamento, compras, doações, permutas, legados, empréstimos ou depósitos temporários; intercâmbio e alienação do material do acervo.

#### ESTUDOS E PESQUISAS

Haverá também estudos e pesquisas sobre natureza e programa de trabalhos; estudos e pesquisas de gabinete e de campo; expedições; orientação e fiscalização superiores dos trabalhos em curso, individuais ou de parceria; elaboração de relatórios, notas prévias, artigos e monografias; serviços auxiliares e equipamento para execução de trabalhos.

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 01. Em 27 de abril de 1956.

Osvaldo Teixeira, considera muito importante a iniciativa do Diário de Notícias com a campanha de incentivo às visitas guiadas, que segundo ele, podem despertar o interesse público pelas artes em geral a partir da campanha pelas visitas guiadas nos museus brasileiros.

Imagem 27 - Temas fundamentais

#### TEMAS FUNDAMENTAIS

Dentre os temas fundamentais do próximo Congresso Nacional de Museus, estão incluídos museus oficiais, institucionais, eclesiásticos, particulares, ciência, Arte, História, além de museus de técnicos, mistos e didáticos.

Far-se-á também uma resenha histórica das instituições brasileiras atuais, suas instalações e organização, obras realizadas, necessidades, planos de ampliação e aperfeiçoamento.

A parte sobre Legislação compreende organizações e convenções internacionais interessando a museus; legislação federal, estadual e municipal sobre organização e assuntos afins a museus; estatutos e regimentos de museus particulares e instituições privadas com que estes sejam ligados; antecedentes; normas constituídas e em vigor; legislação e regulamentação a constituir.

No que se refere à sede e instalação, serão estudados a localização; construções especiais e adaptações de edifícios; acessos e locais de estacionamento; organização superiores dos trabalhos em curso, individuais ou de parceria; elaboração de relatórios, notas prévias, artigos e monografias; serviços auxiliares e equipamento para execução de trabalhos.

A parte de divulgação cuidará de exposições permanentes, temporárias e itinerantes; catálogos e guias; publicações especiais; cursos, conferências e visitas guiadas; filmes, fotografias, gravações sonoras; reproduções de peças do acervo; estatísticas de visitantes e correspondentes, consideradas as respectivas procedências, níveis de idade e cultura, interesses especiais, etc., e verificação de aproveitamento.

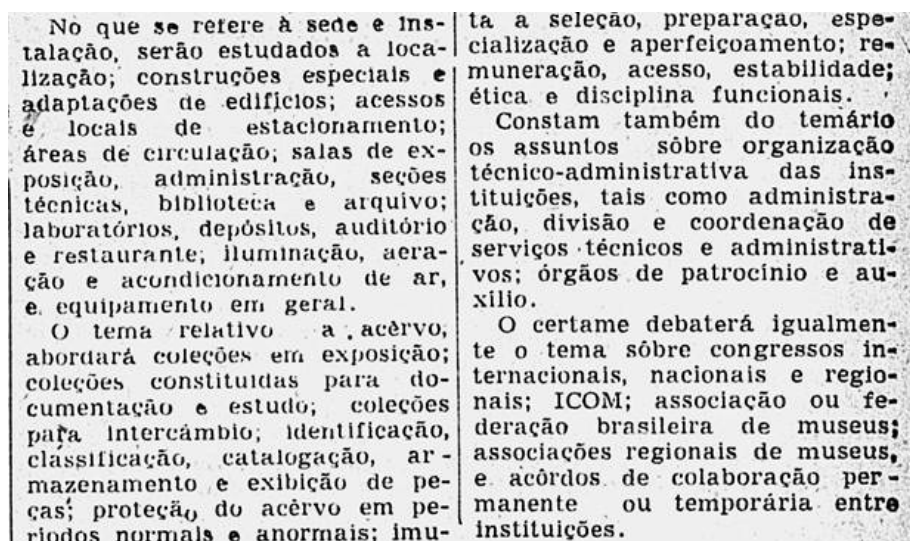
O Congresso tratará ainda de pessoal técnico de nível superior e pessoal técnico auxiliar; estagiários e alunos; pessoal administrativo incluindo diretores, curadores, funcionários graduados e subalternos; formação técnico-profissional, tendo em vista a seleção, preparação, especialização e aperfeiçoamento; remuneração, acesso, estabilidade; ética e disciplina funcionais.

Constam também do temário



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 01. Em 27 de abril de 1956.

Imagem 28 - Continuação

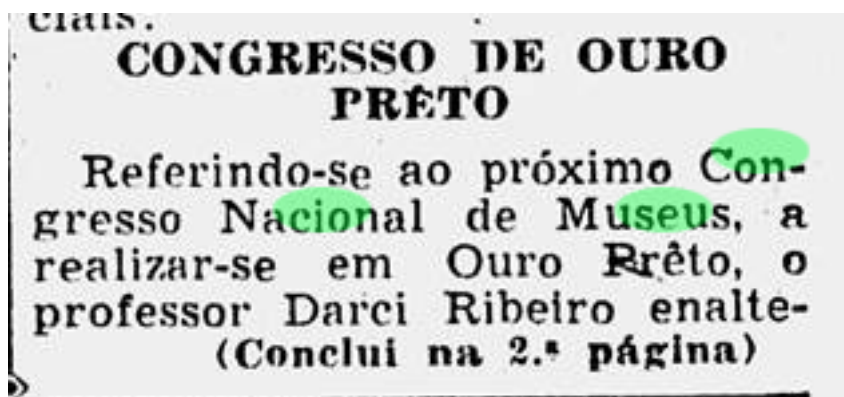


Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 01. Em 27 de abril de 1956.

Os temas fundamentais incluem estudar os museus oficiais, institucionais, científicos, eclesiásticos, particulares, de arte, história, museus didáticos ou técnicos existentes no Brasil. Para discutir questões envolvendo cada museu, a apresentação de trabalhos que possam contribuir para o entendimento das atividades de cada instituição, sua história, sua instalação, organização, problemáticas, planos de aperfeiçoamento e/ou ampliação. Desta forma, cada trabalho deveria corresponder aos seguintes tópicos: I) Caráter, âmbito e objetivos dos museus; II) Instituições brasileiras atuais; III) Legislação; IV) Sede e Instalação; V) Acervo; VI) Estudos e pesquisas; VII) Divulgação; VIII) Pessoal; IX) Organização técnico-administrativa das instituições; X) Cooperação.

O conteúdo desta notícia, imagem 28, é quase o mesmo daquele noticiado em 20 de novembro de 1955, imagem 13. Entretanto, a matéria não foi assinada.

Imagem 29 - Darcy Ribeiro no Congresso Nacional de Museus



Fonte: Diário de Notícias,

Segunda Seção, páginas 01/02. Em 18 de maio de 1956

Imagem 30 - Continuação



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, páginas 01/02. Em 18 de maio de 1956.

Nas imagens 29 e 30 vemos, novamente, elogios a Rodrigo Melo Franco de Andrade e seu desempenho como presidente do Onicom e do Primeiro Congresso de Museus. Já a fala de Darcy Ribeiro evidencia uma afirmação que foi observada em algumas notícias, a interação entre os técnicos e profissionais dos museus brasileiros.

Imagem 31 - Heloisa Alberto Torres e o Congresso Nacional de Museus

## Heloisa Alberto Tôrres e o Congresso de Museus

**HELOISA** Alberto Tôrres, uma das mais expressivas e atuantes figuras da museografia nacional, assumiu a presidência da Organização Nacional do Conselho Internacional dos Museus (ICOM) e encontra-se, atualmente, à frente dos preparativos para a próxima realização do 1º Congresso Nacional de Museus, ao qual todas as instituições especializadas do país já deram a sua adesão.

Depois de amanhã, dia 21, às 12 horas, reunir-se-ão técnicos de museus do D.F., no quinto andar do Ministério da Educação, a fim de ultimar as providências para a urgente entrega de teses, memórias e comunicações, destinadas a debates do Congresso de Ouro Preto. Todos os diretores, conservadores, naturalistas, professores, técnicos administrativos — inscritos ou não no Congresso — podem e devem comparecer a essa Reunião (que sendo de rotina, não deu lugar a convites especiais), em que dona Heloisa fará um relatório verbal dos preparativos finais para o êxito do grande certame cultural, cujos resultados para o desenvolvimento dos museus, no país, são imprevisíveis. É enorme o interesse que o Congresso vem despertando em vários Estados.

A direita, Heloisa Alberto Tôrres, presidente em exercício do ICOM, fotografada na última reunião de técnicos de museus do Rio. A esquerda encontra-se o conservador Regina Real, da Casa Ruy Barbosa.

**Morre Artista Protuguês**

LISBOA — (AFP) — Faleceu, com 79 anos de idade, o escultor Costa Mota. (sobrinho) último da dinastia



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 19 de maio de 1956.

Nesta notícia, imagem 31, dois pontos merecem destaque: Heloisa Alberto Torres se torna a nova presidente do Onicom e, conseqüentemente, do Comitê de Organização do Primeiro Congresso Nacional de Museus; e o dado de que grande parte dos museus brasileiros se inscreveram no Congresso.

Ainda na matéria, imagem 31, Heloisa Alberto Torres é retratada com respeito e prestígio, dando destaque a informação de que ela representa uma das profissionais mais atuantes no cenário dos museus.

A matéria comenta sobre a próxima reunião a ser realizada a fim de discutir a urgência de entrega dos trabalhos e convida os inscritos e não inscritos no Congresso a participarem deste encontro, o qual viria a acontecer em 21 de maio de 1956 no M.E.C.

A matéria nos faz inferir que outros estados demonstravam interesse no Conclave. É importante compreendermos que mesmo que a atuação de outros agentes não fosse tão expressiva quanto a dos agentes do Rio de Janeiro, isso não invalida a ação destes dentro da presente análise. Na fotografia, o registro da última reunião, com a imagem de Heloisa Alberto Torres e Regina Real, conservadora da Casa Rui Barbosa e membro da Onicom.

Imagem 32 - Comissões do Primeiro Congresso Nacional de Museus



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 19 de maio de 1956.

Na segunda parte da reportagem, imagem 32, a explicação de como iriam funcionar os grupos de organização do Congresso. Seriam, então, divididas por Comissões, sendo estas, Comissão Executiva, cujos membros (um presidente, um secretário e um tesoureiro) seriam responsáveis em dirigir as atividades do Congresso desde seu início até seu encerramento; Comissões Técnicas, cujos membros seriam responsáveis pelo estudo dos trabalhos apresentados, na medida em que forem entregues. As Comissões Técnicas seriam divididas de acordo com os temas apresentados nos trabalhos. Até então, já se tinha registro da coordenação das comissões de Arte, Antropologia e Folclore.



Os membros das duas categorias citadas, seriam definidos pelos representantes<sup>34</sup> do Comitê de Organização do Congresso.

Imagem 33 - Comissão organizadora do Primeiro Congresso Nacional de Museus

**PRÓXIMO DO FIM, O PRAZO DE ENTREGA DE TESES  
PARA O 1º CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS**

O atual interesse pelas atividades dos museus em nosso país e o número crescente dessas instituições levaram a Organização Nacional do ICOM a programar o 1º Congresso Nacional de Museus, a realizar-se na segunda quinzena de julho próximo, em Ouro Preto, com a participação de técnicos de museus e de instituições congêneres do país ou de interessados no assunto.

A referida agremiação solicita de todos os colegas dos Museus de História Natural, Ciências, Arte, Folclore, História, etc., o máximo de urgência para entrega de teses, comunicações e memórias, que devem ser encaminhados ao «Comitê Brasileiro do ICOM — 1º Congresso Brasileiro de Museus» — Edifício do Ministério da Educação — 8º andar, sala 802.

Presidido, atualmente, pela dra. Heloísa Alberto Tôrres, o citado Comitê tem como vice-presidentes os srs. Gustavo Barroso e Osvaldo Teixeira. Participam, ainda, entre outros, da entidade coordenadora de nosso museografia, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (na qualidade de tesoureiro); o embaixador Maurício Nêuco, do Museu de Arte Moderna do Rio, José Valadares, do Museu da Bahia, Sérgio Buarque de Holanda, do Museu Paulista; Dante de Laytano, do Museu Julio de Castilhos, do Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife, Américo J. Lacombe, da Casa de Ruy Barbosa, Mario Barata, Lígia Martins Costa, Iolanda Portugal, Regina Real e Lourival Gomes Machado. Entre os coordenadores do Congresso figuram Luís de Castro Faria, do Museu Nacional, e o arquiteto especializado Renato Socio. Em São Paulo é secretário da comissão regional, W. Pfeiffer. São esses especialistas, ao lado dos técnicos que estão trabalhando na Comissão Organizadora, os responsáveis pelo brilhante êxito

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05, Coluna Artes Plásticas. Em 20 de maio de 1956.

Esta matéria foi importante para o levantamento de dados sobre quais agentes participaram da organização do Congresso, imagens 33 e 34.

<sup>34</sup> Para mais informações sobre os membros da Comissão Organizadora, ver imagens 33 e 34.

Imagem 34 - Continuação

Presidido, atualmente, pela dra. Heloísa Alberto Tôrres, o citado Comitê tem como vice-presidentes os srs. Gustavo Barroso e Osvaldo Teixeira. Participam, ainda, entre outros, da entidade coordenadora de nosso museografia, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (na qualidade de tesoureiro); o embaixador Mauricio Nabuco, do Museu de Arte Moderna do Rio, José Valadares, do Museu da Bahia, Sérgio Buarque de Holanda, do Museu Paulista; Dante de Laytano, do Museu Julio de Castilhos, do Rio Grande do Sul; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife, Américo J. Lacombe, da Casa de Ruy Barbosa, Mario Barata, Lúcia Martins Costa, Iolanda Portugal, Regina Real e Lourival Gomes Machado. Entre os coordenadores do Congresso figuram Luís de Castro Faria, do Museu Nacional, e o arquiteto especializado Renato Soeiro. Em São Paulo é secretário da comissão regional, W. Pfeiffer. São esses especialistas, ao lado dos técnicos que estão trabalhando na Comissão Organizadora, os responsáveis pelo brilhante êxito das primeiras atividades preparatórias do certame, que está sendo aguardado com ansiedade.

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05, Coluna Artes Plásticas. Em 20 de maio de 1956

Na imagem 33 percebemos novamente a solicitação de participação por parte dos museus de História Natural, Ciências, Arte, Folclore e demais instituições. As imagens 11 e 12, demonstraram quais os membros participantes do Comitê de Organização do Congresso, porém, neste momento, na imagem 34, a informação de que a presidência do Onicom e a frente das atividades de organização do Congresso, estavam sob a direção de Heloísa Alberto Torres. Ainda no corpo técnico, os mesmos informados pelas reportagens 11 e 12: os vice-presidentes Gustavo Barroso e Osvaldo Teixeira; Matarazzo Sobrinho, Maurício Nabuco, José Valadares, Sérgio Buarque de Holanda, Dante de Laytano, Américo J. Lacombe, Lúcia Martins Costa, Iolanda Portugal e Lourival Gomes Machado. A novidade que a imagem 34 revela, é a participação conjunta com os membros do Onicom, dos profissionais Luís de Castro Faria, do Museu Nacional, o arquiteto Renato Soeiro do Sphan, e o secretário da comissão regional de São Paulo, W. Pfeiffer. Pode-se aferir então, que a ação conjunta destes agentes, configuram os coordenadores da Comissão de Organização do Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Imagem 35 - Campanha pelas visitas guiadas

# "São os Museus Documentos Vivos da Evolução Humana"

## INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS NO CONGRESSO DE OURO PRÊTO

### CAMPANHA PELAS VISITAS-GUIADAS

— "NA hora em que os nossos museus vivem o seu grande momento, nada mais oportuna do que a campanha do "Diário de Notícias" pela formação de monitores para as visitas-guiadas a essas instituições" — disse-nos inicialmente a sra. Lígia Martins Costa, secretário-geral da Comissão Nacional de Belas Artes.

E' que, conforme em seguida esclareceu, deverá realizar-se em princípios de julho vindouro, na Suíça, o Congresso Internacional de Museus, fato realmente de suma importância para a evolução cultural dos povos civilizados. Também no mesmo mês, terá lugar na cidade histórica de Ouro Preto, em Minas Gerais, o I Congresso Nacional de Museus, que reunirá técnicos e especialistas do país e do estrangeiro, ocasião em que haverá verdadeiro intercâmbio de conhecimentos e experiências em benefício das artes em geral.

#### CAMPANHA INTERNACIONAL

Está previsto para meados de outubro próximo outro acontecimento não menos auspicioso, qual seja a campanha internacional de museus com a participação de vários países do mundo.

Milhares de cartazes alusivos a este último certame e escritos em dez idiomas, já chegaram ao Brasil a fim de serem distribuídos nos locais de maior concentração popular do Rio e das cidades do interior.

Nesta capital, por exemplo, haverá duas semanas dedicadas à campanha: a primeira, para visitas de escolares aos museus, em ônibus especiais; a segunda destinada ao público em geral.

organizem explicadores de museus durante a visita de crianças, por meio de cursos práticos ministrados pelos próprios conservadores e técnicos. Já para os adultos, serão necessários verdadeiros monitores. Estes poderiam fazer programas quinzenais de visitas coletivas aos diversos tipos de exposições, mostrando a evolução de cada período de arte.

#### O CERTAME DE OURO PRÊTO

Referindo-se ao próximo conclave de Ouro Preto, a sra. Lígia Martins Costa destacou a importância de se estabelecer contacto mais íntimo entre os técnicos dos museus do país, o que é quase nulo atualmente.

Depois de salientar que muita gente encara os museus apenas como simples repositórios, frisou:

— "Ao contrário de tudo isso, os museus procuram documentar toda a evolução da Humanidade, de modo a ser estudada e divulgada entre o povo".

Por último, a sra. Lígia Martins Costa considerou a necessidade da presença de uma delegação brasileira ao Congresso Internacional de Museus.

#### Instituto Brasil-Estados Unidos

Curso de Inglês — O Departamento de Cursos do Instituto Brasil-Estados Unidos comunica aos interessados que a partir do dia 4 de

#### ASSOCIAÇÕES Culturais e Científicas

##### CENTRO DE ESTUDOS DO HSP

— Procedente de Buenos Aires encontra-se nessa capital o dr. Luis Becu, chefe do Laboratório de Patologia do Hospital de Niños e «Ex-Associate Research Fellow» de Laboratório de Patologia e Cardio-Vascular da Mayo Foundation Rochester, nos Estados Unidos da América.

O dr. Becu vem a convite oficial do Centro de Estudos do Hospital dos Servidores do Estado emprestar seus excelentes conhecimentos de Patologia Cardio-Vascular aos Serviços de Cardiologia, Pediatria e Anatomia Patológica desse Hospital, aqui permanecendo durante o mês de um mês. O programa de suas atividades será brevemente dado à publicidade.

##### SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

— Em sessão plena da Diretoria e Conselho Diretor, realizada a 30 do mês findo, foram aceitos como sócios titulares da Sociedade por unanimidade os escritores: Alberto Lima, dr. Antônio Augusto de Almeida, dr. Augusto Maurício de Queiroz, dr. Gerardo Alves de Carvalho, prof. Manoel Ferreira de Castro Filho, que em sessão especial a ser programada no próximo mês serão recebidos e empossados.

##### CENTRO DE ESTUDOS DO HOSPITAL GENERAL VARGAS

— IAPETC, sob a direção do seu vice-presidente dr. Djaima Chaastinet Contreiras, realizará amanhã, às 10 horas, com o seguinte programa:

- 1) — Posse da diretoria eleita.
- II) — dr. Aristides Monteiro: Impressões de viagem aos Estados Unidos.
- III) — dr. Luis Van Berg e dr. Paulo Dacorso Filho: Fibrose das do endocárdio em adulto jovem.
- IV) — dr. Darci Magalhães e dr. Paulo Dacorso Filho: Considerações em torno de um caso de doença de Brill Symmers.

O comparecimento é livre para médicos e estudantes.

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 04. Em 05 de junho de 1956.

Na imagem 35 vemos a entrevista com a conservadora Lígia Martins Costa, na qual ela comenta sobre a campanha de Visitas Guiadas promovida pelo jornal Diário de Notícias, como sendo este o momento mais propício para a formação de monitores e realização de visitas guiadas, pois, segundo a secretária-geral da Comissão Nacional de Belas Artes, estaria na hora dos museus viverem o seu grande momento. Comenta também, sobre a possibilidade do encontro de técnicos no Congresso de Ouro Preto, o que iria gerar trocas e intercâmbios de

conhecimentos entre esses profissionais. Esta foi a primeira vez em que se identificou a fala de um agente sobre a importância do Congresso para as artes.

Imagem 36 - Outros participantes do Primeiro Congresso Nacional de Museus



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 05 de julho de 1956.

O texto da imagem 36 merece destaque pela informação de que o Presidente da República, nesse contexto, Juscelino Kubitscheck, provavelmente estaria presente no Primeiro Congresso Nacional de Museus, mas também pela cooperação do Estado da Bahia.

Cada estado deveria enviar delegações oficiais para representá-los no Congresso. Nesse sentido, o governador da Bahia, Antônio Balbino, designou a participação dos seguintes técnicos na delegação da Bahia: José Valadares, Godofredo Filho, Marieta Alves Rerondida Batista e Francisco P. Magalhães Neto.



Imagem 37 - Rodrigo M. F de Andrade fala do Congresso e da cidade de Ouro Preto

**R**ODRIGO M. F. DE ANDRADE, que, antes de passar a presidência do ICOM à d. Heloisa Alberto Tórres devido às intervenções cirúrgicas que iria sofrer — foi a grande alma do próximo congresso de museus; escreveu para os “Diários Associados” artigo sobre esse certame e o Estado de Minas, do qual divulgamos o seguinte trecho:

“Quando a organização nacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM) tomou a iniciativa de convocar o primeiro Congresso de Museus a ser realizado no Brasil, o local que se sugeriu logo para a reunião foi a cidade de Ouro Preto. Considerou-se que a antiga capital de Minas Gerais ofereceria o ambiente mais adequado para reunir os representantes das principais instituições daquela natureza existentes no país, com o objetivo de estudar e discutir as questões mais relevantes que se lhes depuram, assim no sentido da obra de cultura que elas têm de realizar em comum, como no tocante ao aperfeiçoamento particular de cada uma das entidades interessadas e dos respectivos profissionais.

“Em verdade, os congressistas encontrarão em Ouro Preto, ao mesmo tempo que elementos dos mais valiosos e genuínos do acervo artístico brasileiro, monumentos vinculados a alguns dos fatos mais significativos da história nacional e, ainda, laboratórios e tradição de estudos do maior alcance no campo das ciências físicas e naturais. Justifica-se, portanto, plenamente, a escolha da veneranda Vila Rica para sede da primeira reunião dos dirigentes e técnicos

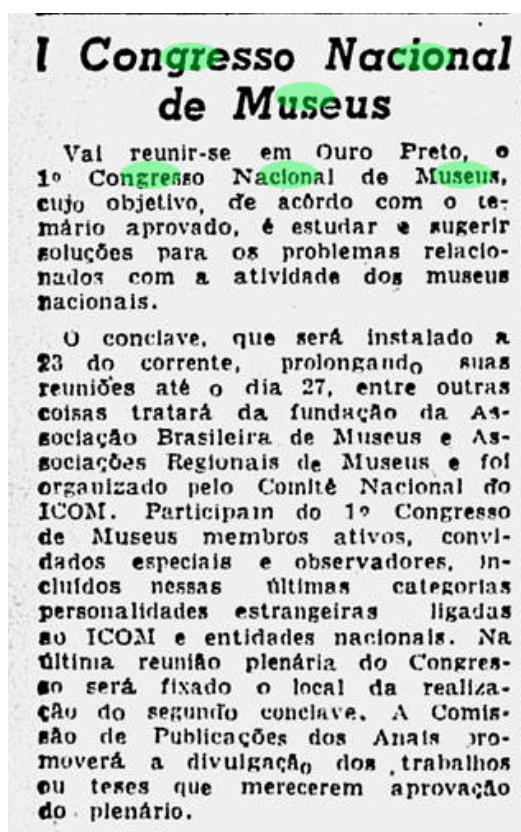
dos museus de arte, de história e de ciência que exercem suas atividades em nosso país.

“Se, na oportunidade em que Minas Gerais acolherá generosamente o aludido congresso, o número de museus organizados em seu território é ainda bastante reduzido e o respectivo acervo não impressiona pela riqueza antes pela modéstia, isso ocorre porque tanto os poderes públicos do Estado quanto suas instituições privadas tardaram a providenciar para a criação de órgãos daquela natureza, julgando por certo que Minas Gerais possuía em suas cidades históricas, em seus monumentos de arte e em seus estabelecimentos de ciência elementos que lhe dispensavam a organização de museus. De fato, que relíquias históricas poderiam ser colecionadas e exibidas, em qualquer recinto, comparáveis pelo valor de autenticidade e pelos requisitos do ambiente às que o tempo preservou reunidas em Ouro Preto, Mariana, Congonhas, Sabará, Caeté, São João del Rei, Tiradentes, Diamantina e Serro, para citar apenas as maiores cidades remanescentes ou evoluídas das vilas antigas? Que obras de pintura, escultura ou de artes aplicadas poderiam ser adquiridas, aos maiores preços, equivalentes às que possuem, em profusão, os velhos templos daquelas cidades? No próprio domínio das ciências naturais seria difícil que um museu lograsse obter, para geosição e estudos, coleções de espécimes geológicos, mineralógicos, botânicos e zoológicos tão ricas quanto as da prestigiosa Escola Nacional de Minas e Metalurgia.”

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 20 de julho de 1956.

Já a matéria explicitada na imagem 37 nos explica o porquê da mudança de presidência do Congresso, que se deu devido a complicações na saúde de Rodrigo Melo Franco de Andrade, o que o levou a passar por intervenções cirúrgicas. Demonstra também, o motivo da escolha da cidade de Ouro Preto para sediar o Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Imagem 38 - Objetivos do Congresso 2



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 04. Em 20 de julho de 1956.

A curiosidade por essa matéria, imagem 38, se deu pela identificação do seu conteúdo, que é idêntico ao conteúdo noticiado no Correio da Manhã, no mesmo dia, imagem 6.

Imagem 39 - Matéria noticiada durante a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. em 23 de julho de 1956.



A matéria, imagem 39, nos mostra que o primeiro dia do Congresso foi um sucesso e contou com a presença de técnicos de vários museus brasileiros, contabilizando 150 funcionários de instituições distintas. Entre os participantes, podemos destacar a presença do convidado especial Dioclécio Redig de Campos, do museu do Vaticano; e dos arquitetos Renato Soeiro, Lina Bo Bardi, Mauricio Dias, Alcides Rocha Miranda e Noel Marinho, participações estas que deflagram que o Congresso uniu não apenas profissionais da área de museus.

Em meio aos debates foi realizada uma exposição sobre os Museus de Ouro Preto, com trabalhos de Oscar Niemeyer, Aldary Toledo, Borsoi, Lina Bo Bardi e A. E. Reidy. Na reportagem há também um destaque à presidência de Heloisa Alberto Torres.

Imagem 40 - Visitas guiadas em museus brasileiros

**VISITAS-GUIADAS A MUSEUS**

— “**A** INICIATIVA do «Diário de Notícias» visando à formação de monitores para os nossos museus, me parece de grande utilidade pública» — declarou Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Figurando entre os mais altos patrocinadores do Congresso Nacional de Museus, realizado na histórica cidade de Ouro Preto, o conhecido intelectual tem acompanhado com muito interesse as declarações feitas a este jornal por personalidades representativas do meio cultural do Rio sobre a conveniência de se reorganizarem visitas-guiadas aos museus nacionais, bem como acerca de outras medidas a serem tomadas em proveito dessas instituições.

A respeito do mesmo assunto, o 1º Congresso de Museus opinou, em Ouro Preto, visando incentivar essas Visitas.

★

**“Museus, sua importância na educação do povo”**

Nesta semana de realização do 1º Congresso Nacional de Museus, chamamos a atenção dos nossos leitores para o livro do técnico F. dos Santos Trigueiros, editado recentemente pela «Pongetti, sob o título de «Museus, Sua Importância na Educação do Povo». Estuda a evolução e a utilidade dessas instituições culturais.

★

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02. Coluna Vida das Artes. Em 31 de julho de 1956.

Segundo a reportagem, imagem 40, Rodrigo Melo Franco de Andrade considera como importante a iniciativa do Diário de Notícias à formação de

monitores para os museus brasileiros. A iniciativa foi pauta de conversa durante o Primeiro Congresso Nacional de Museus, por meio do qual ficou declarado o apoio e o incentivo a esta prática. Rodrigo M. Franco, ainda comenta sobre o objetivo da campanha, que seria a formação e capacitação de monitores a prestarem serviço de visitas guiadas em museus brasileiros.

Outro ponto de destaque nessa reportagem foi o lançamento do trabalho técnico de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, sob o título de "Museus, Sua Importância na Educação do Povo". Não se sabe se o referido livro foi apresentado no Congresso, entretanto, existe a especulação de que talvez F. dos Santos Trigueiros tivesse apresentado os resultados de seu trabalho.

Imagem 41 - Encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Museus

## VITÓRIA DO I.º CONGRESSO DE MUSEUS

★

**OURO PRÊTO** — Terminou, na semana passada, com a partida dos 140 participantes do certame, o 1º Congresso Nacional de Museus, que reuniu técnicos de todo o país, numa atmosfera de cooperação, de consciência profissional e de afirmação ou busca de critérios científicos e metodologia segura na orientação da atividade museográfica brasileira.

Diretores, conservadores e técnicos de museus de arte oficial, renovaram os seus

propósitos de iniciar, imediatamente, novo ciclo de expansão dessas instituições, apoiado em verbas condignas, capazes de possibilitar maiores e imprescindíveis rendimento e eficiência de trabalho. Sem reforços financeiros, os museus oficiais não poderão utilizar os seus elementos humanos, o seu acervo e as suas possibilidades reais e potenciais de realização.

O Congresso foi presidido pelo dr. Aderbal Jurema, secretário de Educação de Pernambuco. Entre os vice-presidentes de honra foram eleitos, Heloisa Alberto Torres (que muito trabalhou pela efetivação do certame) e Rodrigo M. F. de Andrade, ex-presidente e atual membro-benemérito da Organização Nacional do ICOM (Conselho Internacional de Museus). Além de arquitetos já citados em nota anterior, na seção Vida das Artes deste jornal, e de técnicos de Educação, compareceram José Valadarez, do Museu do Estado de Bahia; José Maria de Albuquerque, do Museu do Recife; W. Pfeiffer, do Museu de Arte Moderna de São Paulo; José Cândido Melo Carvalho, diretor do Museu Nacional; Antônio Joaquim de Almeida, do Museu do Ouro, em Sabará; Lourival Gomes Machado, Darcy Ribeiro (do Museu do Índio); Orlandino Seitas (do Museu da Inconfidência), Ailton de Carvalho, Sílvio de Vasconcelos, Luis de Castro Faria, Paulo Vanzolini, entre técnicos de DPHAN, conservadores e naturalistas de diversas instituições. Não sabemos por que motivo, não se fizeram representar o Museu de Arte Moderna do Rio e o Museu de Arte de São Paulo, num certame em que até museus em organização, como os de Ciência, das duas cidades acima, estiveram presentes.

A vitória do Congresso foi indiscutível. E para ela concorreram, em imensa maioria, os técnicos dos museus oficiais. Foram estes que, em esplêndida demonstração de capacidade, asseguraram a realização e o sucesso do certame.

O II Congresso Nacional de Museus realizar-se-á em 1959, no Rio. O impulso à museografia brasileira, dado pela reunião de Ouro Preto, não se extinguirá. Começou, indiscutivelmente, nova fase para os museus do país, sobretudo para os oficiais.

### EXPOSIÇÕES E MUSEUS

**GRAVURAS DE POTY** — Na Biblioteca Nacional.

**DESENHOS DE ARTISTAS EUROPEUS E BRASILEIRO** — No DA da Escola Nacional de Belas Artes (andar térreo. Entrada franca).

**MATERIAL DA ESCOLA DE DESENHO DE ULM** — No Museu de Arte Moderna.

**HELOISA MOYA** — Na Galeria Gavião (rua Senador Dantas, 33 — Sobrado).

**STEPHAN** — Na Petite Galerie.

**EDGAR WALTER** — No MNBA.

**MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES** — (Avenida Rio Branco, 199).

**COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES** — Na Escola Nacional de Belas Artes (rua Araújo Porto Alegre).

**MUSEU HISTÓRICO NACIONAL** — Praça Marechal Ancora (das 12 às 17 horas).

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05, Coluna Vida das Artes. Em 05 de agosto de 1956.

A reportagem explicitada pela imagem 41 nos apresenta um série de pontos importantes, entre eles o fato de Rodrigo Melo Franco de Andrade, na condição de ex-presidente do Icom no Brasil, ter sido eleito como membro benemérito desta mesma organização. Comentando, ainda, a falta de participação dos representantes do Museu de Arte Moderna - MAM do Rio de Janeiro e São Paulo, fato que causou estranheza, visto que os outros representantes estiveram presentes inclusive os dos museus de ciência<sup>35</sup>.

A reportagem nos diz, que participaram do Congresso 140 pessoas e que se reuniram técnicos de todo o país. Indica também, que o encontro foi harmônico, "de cooperação, de consciência profissional e de afirmação ou busca de critérios científicos e metodologia segura na orientação da atividade museográfica brasileira" (Diário de Notícias, Suplemento Literário, p. 5, Coluna Vida das Artes, 05 de agosto de 1956). Elucida também, o presidente da Comissão Executiva do Congresso, o Sr. Aderbal Jurema, secretário da Educação de Pernambuco. Nota-se a presença de outro estado brasileiro, por meio da representação do presidente da Comissão Executiva.

Ainda com relação à imagem 41, podemos observar agentes que participaram do Congresso de forma ativa como, Heloísa Alberto Torres, Rodrigo Melo Franco de Andrade, além dos arquitetos já citados em outra matéria dessa mesma Coluna. Além dos técnicos de educação José Valadares, do Museu do Estado da Bahia; José Maria de Albuquerque, do Museu de Recife; W. Pfeiffer, do Museu de Arte Moderna de São Paulo; José Cândido Melo Carvalho, Diretor do Museu Nacional; Antônio Joaquim de Almeida, do Museu do Ouro em Sabará; Lourival Gomes Machado e Darci Ribeiro do Museu do Índio; Orlandino Seitas, do Museu da Inconfidência; Airton de Carvalho, Silvio de Vasconcelos, Luís de Castro Faria, Paulo Vanzolin, entre outros técnicos do Dphan.

A matéria comenta sobre a possibilidade da realização de um segundo congresso, que iria acontecer no Rio de Janeiro em 1959, e confirma a importância do Primeiro Congresso, citando o Jornal, "o impulso a museografia brasileira não se extinguirá. Começou indiscutivelmente, nova fase para os museus do país, sobretudo para os oficiais" (Diário de Notícias, 05 de agosto de 1956, p. 5).

---

<sup>35</sup> A matéria refere-se aos museus de ciência, como museus que ainda estavam em processo de organização.



Imagem 42 - Perspectivas geradas após o Primeiro Congresso de Nacional Museus

**A** PEDIDO de muitos leitores voltamos hoje a tratar do 1º Congresso Nacional de Museus, cujos ecos continuam a alastrar-se pelo país afora, com excelentes efeitos para a seriedade da vida cultural brasileira. Poucos jornais do Rio, atentaram para a importância do Congresso, mas isso não teve importância. Nada poderia prejudicar a marcha crescente da renovação técnica dos museus do país. Ninguém poderia impedir a ressonância do Congresso de Ouro Preto. Não se tapa o sol com uma peneira.

**RENOVAM-SE OS MUSEUS OFICIAIS**

**PERSPECTIVAS ABERTAS PELO CONGRESSO DE MUSEUS**

Reportagem de  
**Clemente de Magalhães Bastos**

(Especial para o "Diário de Notícias")

**PESQUISA E ARQUIVO FOTOGRAFICO GERAL**

Acentuou-se, no certame, a necessidade de dedicarem-se, os museus, a pesquisas, inclusive no terreno da história da arte. A Comissão de Museus de Arte propôs, nesse sentido, o desenvolvimento do atual Arquivo Fotográfico da DPHAN em vista de poder tornar-se uma Iconoteca Nacional possivelmente autônoma. De acordo com o parecer do relator Edson Mota sobre o trabalho de autoria do sr. Paulo César Vincent da Fonseca, denominado «Plano para a Formação de um Arquivo Central de Documentação Iconográfica Nacional» uma indicação foi aprovada estipulando que, de acordo com o plano de P. Fonseca: «A organização de um Arquivo Central, agrupando uma completa documentação fotográfica sobre as obras de arte e de história do país, apresenta-se como solução necessária para ampliar a documentação organizada e sistemática do nosso patrimônio histórico e artístico.

A criação de um serviço documental de fotografia foi recomendada com muita insistência por técnicos de museus de arte do Brasil.

O Arquivo Central de Documentação Iconográfica seria constituído para execução de programa bem definido, tendo como pontos básicos: 1 — O levantamento fotográfico sistemático e geral de obras de arte e história existentes no país; 2 — a constituição de um arquivo de negativos fotográficos dessas obras; 3 — o estímulo à publicação de catálogos indicativos de acervos fotográficos situados em território nacional; 4 — o fornecimento, mediante determinadas condições, de cópias fotográficas destinadas à publicação, estudo ou divulgação por instituições ou estudiosos em obras de interesse educativa ou cultural.

A execução de cópias dos clichês negativos é também uma finalidade para o Arquivo, condicionada porém a destinação dessas cópias a sua correta utilização para servir a finalidades exclusivamente científica, educativa ou cultural. Prevenindo-se qualquer abuso de ordem comercial com um regulamento de «copyright» a exemplo do sistema criado por Jansens de Bisthoven, nos Arquivos Centrais Iconográficos da Bélgica».

A Comissão de Museus de Arte concluiu que seria aconselhável que o arquivo atual da DPHAN se desenvolvesse dentro dos princípios indicados, até chegar a uma Iconoteca Nacional ou seja, a um Arquivo Geral de Documenta-

seus conhecimentos e diante, por conseguinte, da ameaça de abalxamento de nível cultural de uma função importante (prestigiada nos grandes centros europeus e norte-americanos, e que, agora, com o atual surto de museus, começa a impor-se no meio culto brasileiro) protestaram os Conservadores de Museus de Arte e História contra a clamorosa injustiça, certamente involuntária, de que foram vítima e pleiteiam, das autoridades competentes, a equiparação As carreiras de nível superior a que, por disposição legal, se repu-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

Imagem 43 – Continuação

mônio histórico e artístico.

A criação de um serviço documental de fotografia foi recomendada com muita insistência por técnicos de museus de arte do Brasil.

O Arquivo Central de Documentação Iconográfica seria constituído para execução de programa bem definido, tendo como pontos básicos: 1 — O levantamento fotográfico sistemático e geral de obras de arte e história existentes no país; 2 — a constituição de um arquivo de negativos fotográficos dessas obras; 3 — o estímulo à publicação de catálogos indicativos de acervos fotográficos situados em território nacional; 4 — o fornecimento, mediante determinadas condições, de cópias fotográficas destinadas à publicação, estudo ou divulgação por instituições ou estudiosos em obras de interesse educativa ou cultural.

A execução de cópias dos clichês negativos é também uma finalidade para o Arquivo, condicionada porém a destinação dessas cópias a sua correta utilização para servir a finalidades exclusivamente científica, educativa ou cultural. Prevenindo-se qualquer abuso de ordem comercial com um regulamento de «copyright» a exemplo do sistema criado por Jansens de Bisthoven, nos Arquivos Centrais Iconográficos da Bélgica».

A Comissão de Museus de Arte concluiu que seria aconselhável que o arquivo atual da DPHAN se desenvolvesse dentro dos princípios indicados, até chegar a uma Iconoteca Nacional ou seja, a um Arquivo Geral de Documenta-

gresso na carreira de Conservador de Museus: de Curso de Faculdade de Filosofia, de Curso de Museus, de Curso de Escola de Belas Artes ou de Faculdade de Arquitetura.

No tocante à classificação atual de salários, os conservadores devem ficar em nível superior. Falou-se da injustiça do fato de que, de todas as carreiras para cujo ingresso é exigida a apresentação de uma tese ou monografia inédita sobre assunto especializado, o sua defesa pública (como as de Naturalistas (Zoólogo, Antropólogo, etc.) de Técnicos de Educação, Técnicos de Administração e de Conservador de

reiras de nível superior a que, por disposição legal, se reputam categorizados.

**OBJETIVOS DOS MUSEUS DE CIÊNCIA**

Estiveram presentes ao Congresso, representantes de Museus de Ciência em organização, tanto em São Paulo, como no Rio. Este último divulgou esclarecimentos sobre os seus objetivos e finalidades, enumerando-os da seguinte maneira:

1 — Através dos seus equipamentos transformará a curiosidade do homem comum em interesse científico com reais vantagens para a ciência em geral.

2 — Visará a formação de maior número de cientistas, engenheiros e técnicos especializados.

3 — Por esse estímulo, principalmente à nova geração, contribuirá para suprir a carência de técnicos, fatos que se agravam com as deficiências de nossas Universidades.

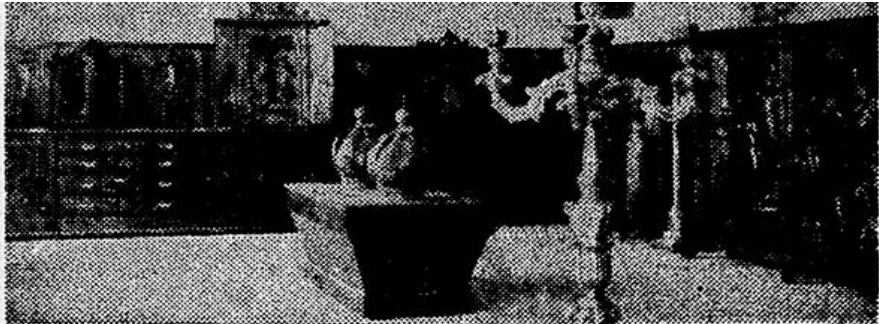
4 — Facilitará a consecução dos programas de energia nuclear, para que o Brasil possa ingressar, em curto prazo, na Era Atômica, com técnicos ca-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

A matéria, imagem 42, nos chama atenção, primeiramente, por sua chamada: "a pedido de muitos leitores, voltamos hoje a tratar do Primeiro Congresso Nacional de Museus" (Diário de Notícias, 12 de agosto de 1956, p.5).

No texto que se segue, a informação que os debates oriundos dos trabalhos apresentados no Congresso resultaram em novas perspectivas para o cenário cultural brasileiro. Nesse sentido, as imagens 42 e 43, revelam temas que mereceram maior atenção no Congresso, como a necessidade dos museus dedicarem-se a pesquisas, até mesmo no campo da História da Arte. Desta forma, a Comissão de Museus de Arte propôs para o desenvolvimento do Arquivo Fotográfico do Dphan enquanto entidade autônoma, o trabalho apresentado por Paulo César Vincent da Fonseca, intitulado *Plano para Formação de um Arquivo Central de Documentação Iconográfica Nacional*. A indicação aprovada estipulava a organização do Arquivo Central de acordo com o plano apresentado por Paulo César V. da Fonseca. Entre os pareceres feitos sobre o mesmo trabalho, a opinião do convidado especial, Dioclécio Redig de Campos.

Imagem 44 - Necessidade de curso superior para conservador



**Uma das Salas de Arte Colonial do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.**

ção Iconográfica com possibilidades de tornar-se autônomo e sem prejuízo da continuidade de incentivo a órgãos regionais.

Entre os que opinaram no estudo desta indicação figurou Dioclécio Redig de Campos, que veio especialmente de Roma para participar do Congresso.

**NECESSIDADE DE CURSO SUPERIOR PARA SER «CONSERVADOR»**

O Congresso aprovou a necessidade de exigir-se um dos diplomas seguintes, para inscrição em concurso para ingresso em museus) foi a única excluída de classificação de nível superior. Isso contrasta positivamente com o que dispõe o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, que reza em seu artigo 259: «As carreiras para o ingresso nas quais seja exigido o diploma de curso superior, ou a defesa de tese, terão os mesmos níveis de vencimentos ou remuneração».

Diante da ameaça de êxodo dos conservadores mais capazes que, sentindo-se inferiorizados na classificação que lhes foi dada, procurarão em outras carreiras a aplicação de

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.



Imagem 45 - Continuação

mônio histórico e artístico.

A criação de um serviço documental de fotografia foi recomendada com muita insistência por técnicos de museus de arte do Brasil.

O Arquivo Central de Documentação Iconográfica seria constituído para execução de programa bem definido, tendo como pontos básicos: 1 — O levantamento fotográfico sistemático e geral de obras de arte e história existentes no país; 2 — a constituição de um arquivo de negativos fotográficos dessas obras; 3 — o estímulo à publicação de catálogos indicativos de acervos fotográficos situados em território nacional; 4 — o fornecimento, mediante determinadas condições, de cópias fotográficas destinadas à publicação, estudo ou divulgação por instituições ou estudiosos em obras de interesse educativa ou cultural.

A execução de cópias dos clichês negativos é também uma finalidade para o Arquivo, condicionada porém à destinação dessas cópias a sua correta utilização para servir a finalidades exclusivamente científica, educativa ou cultural. Prevenindo-se qualquer abuso de ordem comercial com um regulamento de «copyright» a exemplo do sistema criado por Jansens de Bisthoven, nos Arquivos Centrais Iconográficos da Bélgica».

A Comissão de Museus de Arte concluiu que seria aconselhável que o arquivo atual da DPHAN se desenvolvesse dentro dos princípios indicados, até chegar a uma Ico-noteca Nacional ou seja, a um Arquivo Geral de Documenta-

gresso na carreira de Conservador de Museus; de Curso de Faculdade de Filosofia, de Curso de Museus, de Curso de Escola de Belas Artes ou de Faculdade de Arquitetura.

No tocante à classificação atual de salários, os conservadores devem ficar em nível superior. Falou-se da injustiça do fato de que, de todas as carreiras para cujo ingresso é exigida a apresentação de uma tese ou monografia inédita sobre assunto especializado, e sua defesa pública (como as de Naturalistas (Zoólogo, Antropólogo, etc.) de Técnicos de Educação, Técnicos de Administração e de Conservador de

reiros de nível superior a que, por disposição legal, se reputam categorizados.

#### OBJETIVOS DOS MUSEUS DE CIÊNCIA

Estiveram presentes ao Congresso, representantes de Museus de Ciência em organização, tanto em São Paulo, como no Rio. Este último divulgou esclarecimentos sobre os seus objetivos e finalidades, enumerando-os da seguinte maneira:

1 — Através dos seus equipamentos transformará a curiosidade do homem comum em interesse científico com reais vantagens para a ciência em geral.

2 — Visará à formação de maior número de cientistas, engenheiros e técnicos especializados.

3 — Por esse estímulo, principalmente à nova geração, contribuirá para suprir a carência de técnicos, fatos que se agravam com as deficiências de nossas Universidades.

4 — Facilitará a consecução dos programas de energia nuclear, para que o Brasil possa ingressar, em curto prazo, na Era Atômica, com técnicos ca-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

Fala-se também, sobre a necessidade de um curso superior para a profissão de Conservador, a fim de promover a melhoria dos salários e a especialização dos profissionais.

Outro ponto que merece destaque, é a participação dos Museus de Ciência, que durante o Congresso, divulgou os objetivos e finalidades de museus dessa tipologia, como podemos observar nas imagens 46 e 47.



Imagem 46 - Objetivos dos museus de ciências

**OBJETIVOS DOS MUSEUS DE CIÊNCIA**

Estiveram presentes ao Congresso, representantes de Museus de Ciência em organização, tanto em São Paulo, como no Rio. Este último divulgou esclarecimentos sobre os seus objetivos e finalidades, enumerando-os da seguinte maneira:

- 1 — Através dos seus equipamentos transformará a curiosidade do homem comum em interesse científico com reais vantagens para a ciência em geral.
- 2 — Visará à formação de maior número de cientistas, engenheiros e técnicos especializados.
- 3 — Por esse estímulo, principalmente à nova geração, contribuirá para suprir a carência de técnicos, fatos que se agravam com as deficiências de nossas Universidades.
- 4 — Facilitará a consecução dos programas de energia nuclear, para que o Brasil possa ingressar, em curto prazo, na Era Atômica, com técnicos capazes de operar os aparelhos de cisão do átomo, como os reatores.
- 5 — Prestará à indústria colaboração permanente para a melhoria da técnica e da produção, conforme vem acontecendo, com notáveis sucessos, nos Estados Unidos, França e Inglaterra.
- 6 — Promoverá a divulgação científica entre a população, por intermédio de mostruários, biblioteca especializada, exposições de modelos e equipamentos (como os do satélite artificial da Terra, reatores nucleares, um Planetário, reproduções do corpo humano em vidro) e outros meios.
- 7 — Organizará simpósios



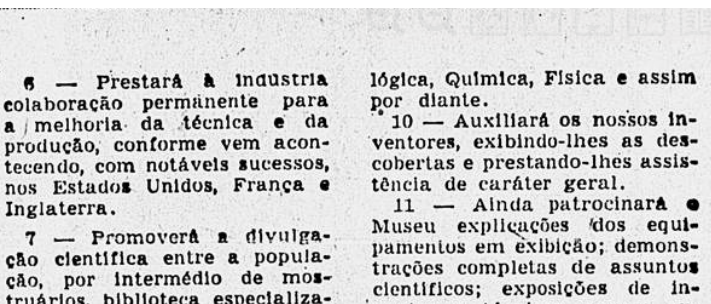
- lógica, Química, Física e assim por diante.
- 10 — Auxiliará os nossos inventores, exibindo-lhes as descobertas e prestando-lhes assistência de caráter geral.
- 11 — Ainda patrocinará o Museu explicações dos equipamentos em exibição; demonstrações completas de assuntos científicos; exposições de inventos e técnicas novas; exposições periódicas de artigos industriais, de sua escolha, principalmente os nacionais; visitas especiais, quando pedidas, para estudantes de nível primário, secundário e universitário; preleções, aulas, de-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

Imagem 47- Continuação

em interesse científico com reais vantagens para a ciência em geral.

- 2 — Visará à formação de maior número de cientistas, engenheiros e técnicos especializados.
- 3 — Por esse estímulo, principalmente à nova geração, contribuirá para suprir a carência de técnicos, fatos que se agravam com as deficiências de nossas Universidades.
- 4 — Facilitará a consecução dos programas de energia nuclear, para que o Brasil possa ingressar, em curto prazo, na Era Atômica, com técnicos capazes de operar os aparelhos de cisão do átomo, como os reatores.
- 5 — Propiciará às instituições de ensino o uso de seus laboratórios (o Museu contará com a última palavra em matéria de laboratórios de investigações científicas), seus equipamentos, filmes, etc., auxiliando, portanto, o ensino dos jovens, o que, indiretamente, fará aumentar o número de interessados em ciência e tecnologia.



- 6 — Prestará à indústria colaboração permanente para a melhoria da técnica e da produção, conforme vem acontecendo, com notáveis sucessos, nos Estados Unidos, França e Inglaterra.
- 7 — Promoverá a divulgação científica entre a população, por intermédio de mostruários, biblioteca especializada, exposições de modelos e equipamentos (como os do satélite artificial da Terra, reatores nucleares, um Planetário, reproduções do corpo humano em vidro) e outros meios.
- 8 — Organizará simpósios científicos para o estabelecimento de programas de aplicação prática das últimas descobertas da ciência na lavoura, na medicina, na indústria.
- 9 — O Museu cooperará, ainda, com cientistas, engenheiros e técnicos, nos diferentes setores de trabalho, como Geofísica, Ótica, Fotografia, Cinematografia, Matemática, Aeronáutica, Observação Meteorológica, Química, Física e assim por diante.
- 10 — Auxiliará os nossos inventores, exibindo-lhes as descobertas e prestando-lhes assistência de caráter geral.
- 11 — Ainda patrocinará o Museu explicações dos equipamentos em exibição; demonstrações completas de assuntos científicos; exposições de inventos e técnicas novas; exposições periódicas de artigos industriais, de sua escolha, principalmente os nacionais; visitas especiais, quando pedidas, para estudantes de nível primário, secundário e universitário; preleções, aulas, demonstrações ou qualquer outra atividade educativa, quando pedidas por qualquer estabelecimento da Prefeitura, de nível primário, secundário ou universitário; cursos de férias para professores de nível primário, secundário ou universitário.
- 12 — Cultuará a memória dos cientistas nacionais exibindo as suas obras.

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

Imagem 48 - Trabalho apresentado por W. Pfeiffer

## "MUSEU E EDUCAÇÃO VISUAL" DE WOLFGANG PFEIFFER

NA COMISSÃO DE MUSEUS DE ARTE do recente 1º Congresso Nacional de Museus, foi estudada tese do congressista W. Pfeiffer, sobre a qual apresentamos modesto parecer, que hoje tornamos público. Fazemos-lhe no intuito de chamar a atenção dos leitores para a seriedade das teses discutidas no certame de Ouro Preto.

O trabalho de Wolfgang Pfeiffer, diretor-técnico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, trata essencialmente do problema da arrumação dos museus, em função das possibilidades educativas da percepção ótica e sensível do homem moderno, através do seu treinamento em museus. Mostra que esse problema é geral, abrangendo os diversos tipos ou especialidades de museus, no que o citado técnico tem plena razão. Louvo o autor por ter compreendido a necessidade de trazer a debate neste Congresso, problema tão atual e premente como o das relações entre a visão, o gosto e o homem moderno.

Estuda o mesmo na sua tese, pormenorizadamente, o caso específico dos museus de arte. Neste, de modo efetivo, é mais evidente a citada relação do museu com a formação estética da sensibilidade e da percepção visual do visitante, se bem que nos museus da ciência e história também se faça esse gênero de educação.

O autor cita, inicialmente, dois recentes estudos europeus, comprovando a atualidade da questão, mas trata, concretamente, do caso brasileiro, o que é objetivo e louvável. Mostra ele que as nossas cidades atuais, com exceção de raros exemplos, entre as quais Ouro Preto e Salvador da Bahia, têm aspectos que desfavorecem a sensibilidade visual, aspectos esses resultantes das condições da civilização moderna, que não fornecem material estético suficiente, ou adequado, à experiência, à aprendizagem e ao treinamento visual do brasileiro. Conclui que, devido a isso impõe-se a formação desse gosto pela educação sistemática, inclusive em cursos de desenho e de técnicas ou artes correlatas, que se podem realizar em museus.

Estamos de acordo com Pfeiffer no fato de que para sair do círculo vicioso — má formação estética espontânea e má orientação estética dirigida — o museu terá de desempenhar papel relevante com suas exposições e cursos de desenho em geral. Trata-se de nova tarefa museográfica, no campo artístico, que o autor fez bem em trazer a debate neste Congresso.

Somos igualmente da opinião do autor de que o museu — como instituição — aperfeiçoará a visão do espectador e de que isto constitui aspecto educacional que se tornou necessário na civilização do nosso tempo. É evidente que o professor Wolfgang Pfeiffer não desejou, apesar de poder fazê-lo, entrar

pelo terreno das condições da percepção visual, estudando os seus limites e o problema da fadiga ótica, com os seus efeitos sobre a orientação técnico-museográfica. Nem desenvolveu o assunto especial a que se refere na página 4, «das experiências visuais que (o espectador) precisa possuir para poder compreender o que o museu lhe apresenta». Essa ausência de aspectos laterais do problema tratado não prejudica a estrutura geral e o real interesse do trabalho.

Felicitamos o diretor do MAM de São Paulo por referir-se, na página 10, a aulas de modelo vivo. Esse pormenor indica que o autor não adota a orientação, que julgamos errônea, de pretender isolar o artista e o homem do mundo exterior, como se este não fosse a maior fonte do seu enriquecimento visual e geral.

O professor Pfeiffer tem razão em chamar a atenção para o trabalho dos dois museus de arte particulares de São Paulo em que trabalhou, permitindo-lhe confrontar iniciativas de cursos promovidos nos mesmos com o caso mais geral do ensino efetuado nos cursos de nível médio, baseados em programas aprovados pelo Ministério da Educação. Consideramos, realmente, renovadoras a atividade e a influência, nesse setor, dos museus citados, mas acentuando que em alguns casos trata-se somente de cursos de extensão.

A seguir, o autor toca no delicado problema da divisão do tempo de ensino entre desenhos geométrico e artístico nas escolas secundárias, exprimindo conceitos que parecem refletir a realidade do país, se bem que os estudos relativos a isto devam ser, em geral, ampliados. O próprio autor considerou isto, aliás, em relação ao excelente trabalho de Lúcio Costa sobre o assunto, o melhor já feito até agora, no tocante ao problema.

Acompanhando a opinião da tese de que, «na prática», as coisas são ainda piores do que na teoria dos programas, já em si deficientes, lembramos que não bastará simples mudança de programas do atual ensino oficial, para obter o milagre de uma melhor aprendizagem do desenho, visto que as alterações fixadas no papel, em nosso país, não podem vencer as deficiências da realidade.

Passando a outro ponto da tese, não ficamos de acordo com pequeno pormenor em que os Salões oficiais foram comparados, de certa maneira e depreciativamente, a exposições de finalidade educativa (página 10). Os Salões têm finalidade diferente destas últimas. Constituem exibição e medida da produção artística do momento: espécie de radiografia da atualidade com os seus altos e baixos. Entre as suas modalidades — até certo ponto — estão as Bienais, que em alguns países são oficiais, ou feitas com representações oficiais.

Não existe, também, diferença de fundo — no caso em questão — entre Salões oficiais e particulares. Estes, às vezes, são mais fra-

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.



A imagem 48, demonstra outro trabalho aprovado pela Comissão dos museus de Arte, o trabalho do diretor do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, Wolfgang Pfeiffer. O trabalho de Pfeiffer trata essencialmente das problemáticas envolvendo a organização dos museus e as possibilidades de desenvolver atividades educativas a partir da percepção visual do visitante, ou seja, a tese apresentada discorre sobre como elementos visuais podem ser utilizados em atividades educativas.

Imagem 49 - Continuação

Passando a outro ponto da tese, não ficamos de acôrdo com pequeno pormenor em que os Salões oficiais foram comparados, de certa maneira e depreciativamente, a exposições de finalidade educativa (página 10). Os Salões têm finalidade diferente destas últimas. Constituem exibição e medida da produção artística do momento: espécie de radiografia da atualidade com os seus altos e baixos. Entre as suas modalidades — até certo ponto — estão as Bienais, que em alguns países são oficiais, ou feitas com representações oficiais.

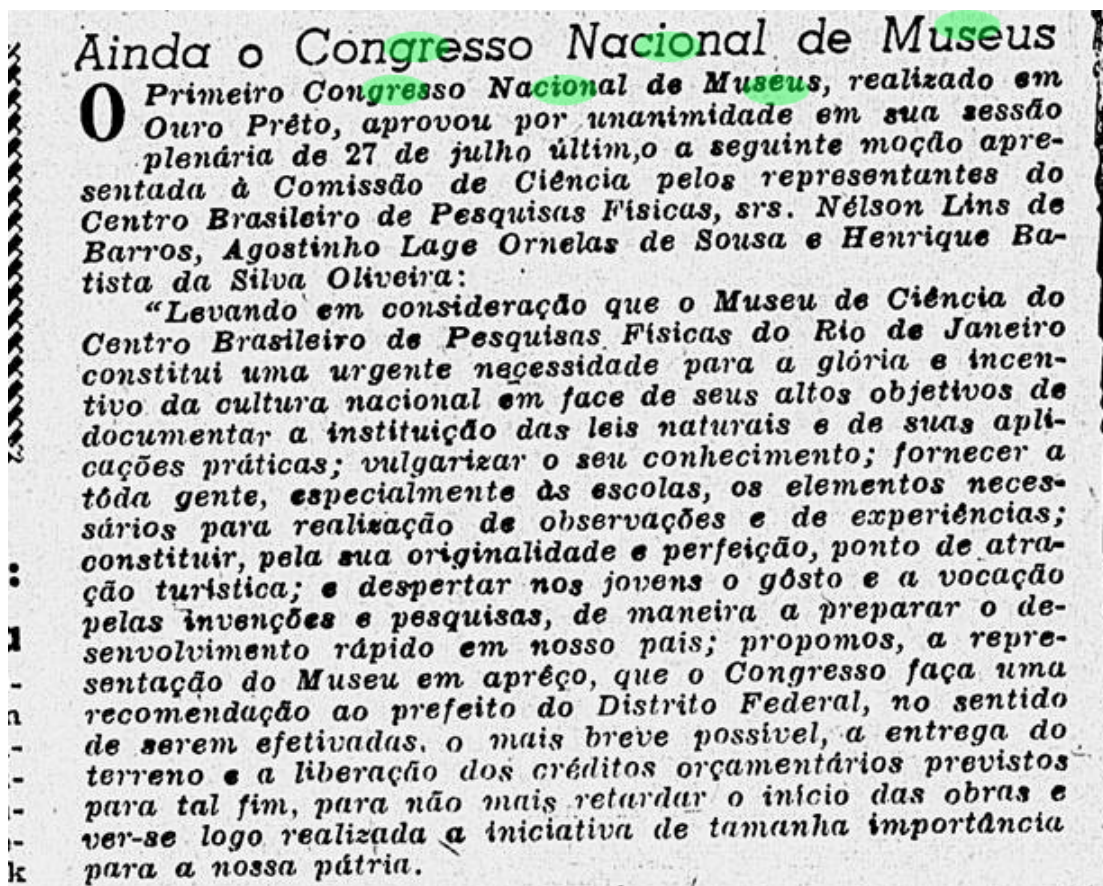
Não existe, também, diferença de fundo — no caso em questão — entre Salões oficiais e particulares. Estes, às vezes, são mais fracos, artisticamente falando.

Boa contribuição da tese está no seu final, quando o autor aponta a existência de uma fronteira e mesmo de um conflito entre a apresentação museográfica para valorizar os objetos «no intuito de servir» educativamente, e a feita como «obra de decoração», na opinião corrente de técnicos possivelmente perniciosos. Informou-me o conservador Ligia M. Costa que o assunto acaba de ser debatido no recente Congresso Internacional de Museus, onde se aprovou a orientação de evitar a predominância do decorador na apresentação de exposições e o abuso de colorido em painéis e outros elementos.

Finalizando, somos de parecer que a tese do dr. Wolfgang Pfeiffer seja publicada na íntegra nos anais do Congresso pela sua evidente utilidade e seriedade de propósitos. Poderíamos sugerir, para debate nesta Comissão, possível reconsideração do parágrafo em que se fala de Salões oficiais. Deliberações regimentais do Congresso, porém, não permitem a alteração da própria tese. Aliás, a dúvida no caso, é de pouca monta e qualquer solução não alteraria o valor do conjunto do trabalho.

Fonte: Diário de Notícias, Suplemento Literário, página 05. Coluna Artes Plásticas. Em 12 de agosto de 1956.

Imagem 50 - Criação do Museu de Ciência do Centro de Pesquisas Físicas



Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 28 de agosto de 1956.

A imagem 50, mostra que no último dia de congresso, dia 27 de julho de 1956, a sessão plenária aprovou a proposta apresentada pelos representantes do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro a Comissão de Ciência. Nelson Lins de Barros, Agostinho Lage Ornelas de Sousa e Henrique Batista da Silva Oliveira apresentam a necessidade que o Centro de Pesquisas demanda para conseguir construir o museu da instituição. Pedem que coordenadores do Congresso façam uma recomendação ao prefeito do Rio de Janeiro para que seja disponibilizado a verba destinada a construção do museu, bem como a entrega do terreno prometido para a mesma finalidade.

Imagem 51 - Trabalho de Lourival Gomes Machado

**MOÇÃO SOBRE FILMES DE ARTE NO  
1.º CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS**

**U**MA indicação do professor Paulo Antônio Peretti Evin resultante de seu comentário a tese apresentada pelo professor Lourival Gomes Machado no I Congresso Nacional de Museus, tese versando sobre *O filme sobre Arte nos Museus*, foi transformada pela Comissão de Arte em moção da mesma comissão e, como tal, apresentada em sessão plenária do Congresso e aprovada por unanimidade. O texto da moção é o seguinte: — «Segundo indicação do professor Paulo Antônio Peretti Evin, a comissão de Arte do I Congresso Nacional de Museus propõe, para melhor divulgação dos filmes sobre arte importados na sua quase totalidade, que o comentário estrangeiro seja substituído por outro na língua vernácula. É desejável que este seja sincronizado numa edição nacional do filme mas, de um modo prático, recomendou como solução prática, que se projetem esses filmes em cópia silenciosa acompanhados por um comentário oral. Entretanto, considerando que os ditos filmes podem ser apresentados através do país por entidades onde não existe comentarista habilitado, sugere que se estabeleçam esses comentários mimeografados, impressos, ou melhor gravados sob responsabilidade de organismo competente.

**2.ª FEIRA**

As 15h30m, na Sala de Exposições do D. A. da Escola Nacional de Belas Artes, realizar-se-á palestra sobre os Cartões Litográficos da "Belle Epoque". Falará o redator desta seção, a convite dos estudantes. Entrada franca.

**O «Salão Ferroviário»**

**O** ALCANCE da iniciativa do Salão de Pintura, Desenho e Gravura, sobre motivos ferroviários, criado pelo ministro Lúcio Meira, assim como o valor dos prêmios instituídos, têm contribuído decisivamente para o enorme interesse despertado entre os artistas de todas as escolas e tendências. É fácil, por isto, prever-se um marcante sucesso para o «Salão Ferroviário» que o

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em primeiro de agosto de 1956.

A imagem 51, mostra que em decorrência da indicação do Professor Paulo Antônio Peretti Elvin à Comissão Técnica de Arte, a tese apresentada por Lourival Gomes Machado resultou na aprovação de seu trabalho. Transformada em proposta para melhorar a divulgação de filmes sobre arte estrangeira, a Comissão de Arte sugere que sejam substituídos as legendas em outro idioma, pelo português, ou que se desenvolva maneiras de estabelecer comentários impressos ou mimeografados para instituições que não tenham algum funcionário habilitado em fazer traduções.



Imagem 52 - Última reportagem

**Itamaraty**

## Programa de Atividades de Van Der Haagen

**C**ONFORME noticiamos em outro local, chegará, hoje, ao Rio, o sr. J. K. Van der Haagen, diretor de Museus e Monumentos Históricos da UNESCO. Sua viagem enquadra-se nos preparativos para o Estágio Internacional de Museus, a realizar-se nesta capital em setembro ou outubro de 1958. Amanhã, às 17h30m, proferirá, o conhecido especialista, conferência sobre assuntos técnicos da museografia atual.

Nas reuniões de trabalho em que tomará parte, com técnicos brasileiros, o diretor de Museus e Monumentos da UNESCO, tratar-se-á das seguintes questões:

- 1) medidas a adotar para desenvolver o papel educativo e cultural dos museus;
- 2) aplicação das resoluções e recomendações do 1º Congresso Nacional de Museus reunido em Ouro Preto, de 21 a 27 de julho de 1956;
- 3) exposição da estrutura, do funcionamento e do programa de trabalho dos nossos principais museus;
- 4) indicação das necessidades mais urgentes dos nossos museus: a) em técnicos especializados; b) em bolsas de estudos; c) em material de instalação, de ensino e de difusão.

Esses pequenos simpósios técnicos realizar-se-ão em dois grupos, nas quinta e sexta-feira próximas, às 10 horas, possivelmente no Ministério da Educação.

No dia 1º, às 17 horas, haverá a primeira reunião anual do Comitê Diretor do ICOM, no Brasil, com a presença de Van der Haagen. Fazem parte do Comitê, entre outros, Heloisa Alberto Torres, J. C. Melo Carvalho, Lígia Martins Costa, Regina Real, A. Feio e o redator desta seção. Falar-se-á no Estágio Internacional de 1958 e se verá o resultado excelente do 1º Congresso Nacional de Museus.

Do programa de atividades de Vander Haagen, no Rio, constam:

Amanhã — às 10 horas: Visita ao Museu do Índio e Nacional. Almoço neste.

Dia 31 — às 10 horas: Visita às obras do Museu de Arte Moderna; às 13 horas: almoço no Itamaraty; às 15 horas: visita ao Museu Nacional de Belas Artes.

Dia 1º — às 15 horas: Visita ao Museu Histórico Nacional e ao Curso de Museus.

Dia 2 — Visita ao Museu Imperial. Reunião, ali, de conservadores e técnicos de museus do ICOM.

Dia 4 — Visita à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**Artur Aliaga**

Fonte: Diário de Notícias, Segunda Seção, página 02, Coluna Vida das Artes. Em 29 de janeiro de 1957.

A última matéria do jornal Diário de Notícias, imagem 48, registra a chegada de J. K. Van Der Haagen, diretor de Museus e Monumentos Históricos da Unesco, no Rio de Janeiro.

Sua viagem para o Brasil se justifica pelos preparativos para o Estágio Internacional de Museus, que viria a acontecer em setembro ou outubro do próximo ano, 1958. Durante as reuniões, seriam discutidas algumas questões referentes à instalação e organização do evento, entre elas, a aplicação dos resultados e recomendações do Primeiro Congresso Nacional de Museus, Ouro Preto, em 1956.

No dia 01 de fevereiro do mesmo ano, estava prevista a primeira reunião anual do Comitê Diretor do Icom no Brasil, com a presença de Van Haagen. Fazem parte do Comitê, Heloísa Alberto Torres, neste contexto, presidente do Icom Brasil, J. C. Melo Carvalho, Lígia Martins Costa, Regina Real, A. Feio e o redator da seção. O intuito de tal encontro seria falar sobre aspectos do Estágio Internacional de Museus e rever os resultados do Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Esta reportagem demonstra a importância das discussões realizadas no Primeiro Congresso, cujas ações se desenvolveram em outras atividades<sup>36</sup>, e pode-se perceber, novamente, os mesmos agentes. Desta forma, infere-se que, o círculo de agentes que trabalham em defesa e desenvolvimento dos Museus, permanece quase o mesmo desde as primeiras matérias mostradas neste capítulo.

### 2.3 O Congresso

Notamos que, na referida ocasião, alguns dos debates e questões mais recorrentes sobre o Congresso foram percorridas de diversas formas por meio da imprensa. Nesse sentido, os jornais, principalmente os que circulavam na Capital Federal, se constituíram enquanto importantes espaços de disseminação de informações acerca do Congresso, seus temas e desdobramentos, como podemos, mais uma vez, observar por meio da imagens 26, 35 e 40, que tratam sobre a campanha de visitas guiadas e capacitação de monitores nos museus brasileiros, as imagens 44 e 45, quando mostram sobre a reivindicação de conservadores em busca de melhoria nos salários, bem como a resolução dos trabalhos apresentados.

---

<sup>36</sup> A exemplo do próximo evento noticiado para acontecer em 1958 e em iniciativas envolvendo as visitas guiadas, os museus de ciência e a regulamentação do salário de Conservador, se adequado como ensino superior.

Imagem 53 - Cartaz oficial do Primeiro Congresso Nacional de Museus



Fonte: Cartaz oficial do Primeiro Congresso Nacional de Museus, retirado da matéria do dia 20 de julho de 1956.

O Primeiro Congresso Nacional de Museus, aconteceu entre os dias 23 e 27 de julho de 1956 na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. O interesse pelas atividades dos museus brasileiros e a preocupação com o número crescente de novas instituições levou a Unesco e o Icom, juntamente com a Organização Nacional do Icom (Onicom, hoje, Icom-BR) a pensarem em ações e medidas que pudessem desenvolver discussões nesse campo. Nesse sentido, foi organizado o Primeiro Congresso Nacional de Museus, destinado aos técnicos e profissionais dos museus brasileiros que estivessem interessados no assunto. A referida Organização solicitava a participação dos mais variados museus brasileiros, a fim de que estes participassem de forma ativa das atividades do Congresso.

Para iniciar as discussões acerca das instituições brasileiras, pediam aos participantes a elaboração de trabalhos que discorressem sobre a realidade dos museus brasileiros a partir dos temas aprovados pela Comissão do Icom e Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Nacional de Museus. Todos os trabalhos deveriam conter 30 páginas, as quais deveriam ser inéditas e originais independentemente de seu formato se configurar enquanto tese, relatório, memórias, notícias ou quaisquer outros meios que tratassem sobre a problemática



dos museus a partir das seguintes especificações: **I) Caráter, Âmbito e objetivos dos museus:** Museus Oficiais (federais, estaduais e municipais), Museus Institucionais, Museus Eclesiásticos (diocesanos, congregacionais e paroquiais), Museus particulares, Museus Nacionais e Regionais, Museus de Ciências (físicas, naturais e sociais), Museus de Arte, Museus de História (geral ou específica), Museus Técnicos, Museus Mistos e Museus Didáticos. **II) Instituições brasileiras atuais:** Resenha histórica de museus. Suas instalações e organização, obras realizadas, necessidades, planos de ampliação e aperfeiçoamento. **III) Legislação - organizações e convenções internacionais interessantes à museus:** legislação federal, estadual e municipal sobre organização e assuntos atinentes a museus; estatutos e regimentos de museus particulares e instituições privadas com que estes sejam ligados. Antecedentes: normas instituídas e em vigor, legislação e regulamentação a constituir. **IV) Sede e Instalação:** Localização, construções especiais e adaptações de edifícios; acessos a locais de estacionamento, áreas de circulação, salas de exposição, administração, seções técnicas, biblioteca e arquivo; laboratórios, depósitos, auditório e restaurante; iluminação, aeração e acondicionamento de ar; equipamento geral. **V) Acervo:** Coleções em exposição; coleções constituídas para documentação e estudo; coleções para intercâmbio; identificação, classificação, catalogação, armazenamento e exibição de peça; proteção do acervo em períodos normais e anormais; imunização, limpeza, conservação e restauração de peças; ampliação do acervo por meio de colecionamento, compras, doações, permutas, legados, empréstimos ou depósitos temporários; intercâmbio e alienação do material do acervo. **VI) Estudos e Pesquisas:** Natureza e programa de trabalhos; estudos e pesquisas de gabinete e de campo; expedições; orientação e fiscalização superiores dos trabalhos em curso, individuais ou de parceria; elaboração de relatórios, notas prévias, artigos e monografias; serviços auxiliares e equipamento para execução de trabalhos. **VII) Divulgação:** Exposições permanentes, temporárias e itinerantes; catálogos e guias; publicações especiais; cursos, conferências e visitas guiadas; filmes, fotografias e gravações sonoras; reproduções de peças do acervo; estatísticas de visitantes e correspondentes (consideradas as respectivas procedências), níveis de idade e cultura, interesses especiais, etc.; verificação do aproveitamento. **VIII) Pessoal:** Pessoal técnico de nível superior e pessoal técnico auxiliar; estagiários e alunos; pessoal administrativo incluindo diretores, curadores, funcionários graduados e

subalternos; formação técnico-profissional, tendo em vista a seleção, preparação, especialização e aperfeiçoamento do pessoal; remuneração, acesso e estabilidade; ética e disciplina funcionais. **IX) Organização técnico-administrativa das instituições:** Administração; divisão e coordenação de serviços técnicos; divisão e coordenação de serviços administrativos; órgãos de patrocínio e auxílio. **X) Cooperação:** Congressos internacionais, nacionais e regionais: ICOM; Associação ou Federação Brasileira de Museus; associações regionais de museus; acordos de colaboração permanente ou temporária entre as instituições.

Outros trabalhos que tratassem de assuntos que fossem de interesse e correspondessem às finalidades do Primeiro Congresso também seriam aceitos. Os trabalhos deveriam ser enviados para o Comitê Nacional do ICOM, localizado no Edifício Sede do Ministério da Educação e Cultura.

## 2.4 Membros e participantes

Por meio das reuniões que circunscreveram a aprovação e a execução do referido congresso, foram consolidados alguns aspectos centrais dentro de sua organização, como a divisão entre comissões.

A Comissão Organizadora do Congresso, escolhia os membros das demais comissões. A Comissão Executiva, composta pelo presidente, secretários e tesoureiro, ficou encarregada da direção do evento até seu encerramento. As Comissões Técnicas, foram incumbidas do estudo dos projetos apresentados; essa Comissão poderia ser escolhida mediante a familiaridade dos temas. Cada Comissão Técnica teria um Coordenador designado pelo Presidente da Comissão Organizadora, e contaria com outros relatores se necessário. Já a Comissão de Publicação dos Anais, deveria ser constituída por um redator e dois assessores escolhidos pelo presidente da Comissão Executiva; a esta categoria caberia a responsabilidade de publicar os Anais.

A partir da documentação consultada, podemos inferir que cada delegação contava com uma comissão de Museus de Ciência, Museus de Artes, Museus de História, Museus de Arte Sacra, enfim, divididas de acordo com as tipologias dos museus brasileiros.

Participaram da Comissão de Organização então, a presidente Heloísa Alberto Torres, os vice presidentes Gustavo Barroso e Oswaldo Teixeira, Francisco Matarazzo Sobrinho, Maurício Nabuco, José Valadares, Sérgio Buarque de Holanda, Dante de Laytano, José Maria de Albuquerque, Américo J. Lacombe, Mário Barata, Lygia Martins Costa, Iolanda Portugal, Regina Real e Lourival Gomes Machado. Entre os coordenadores do Congresso, podemos nomear Luís de Castro Faria e Renato Soeiro, em São Paulo, o representante da comissão regional, W. Pfeiffer.

Houve no Congresso, a divisão de membros e participantes em três categorias, sendo essas: Membros Ativos, Membros Observadores e Membros Convidados, como observado na imagem 18.

## 2.5 Patrocínio e verbas

Inicialmente, o patrocínio comentado com mais recorrência entre as matérias, foi o da Unesco e o do Icom. Entretanto, a partir da análise das matérias que trataram sobre formas para angariar recursos para a realização do Congresso em Ouro Preto, é possível inferir, de maneira substancial, qual teria sido o alcance geográfico dessas ações. No caso, o apoio financeiro se estendeu a estados brasileiros como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e municípios, contando com a participação da cidade mineira de Ribeirão Preto.

No tocante a Instituições brasileiras, o Tribunal de Contas da União ajudou com orçamento equivalente a Cr\$ 1.000.000,00; o Ministério da Educação e Cultura hipotecou todo o apoio ao empreendimento, e os participantes das Comissões Organizadoras, bem como os membros ativos e observadores, pagaram uma taxa de inscrição no valor de Cr\$ 200,00. Parte da venda dos Anais seria destinado ao Comitê Nacional do Icom.

Não se sabe como este dinheiro foi aplicado na estrutura do Congresso, sequer com relação a instalação dos membros, afinal, muitos participantes vieram de outros estados, assim como de outros países.

## 2.6 Os trabalhos apresentados

As matérias relatam a apresentação dos seguintes trabalhos:

1. Como apresentado nas imagens 4 e 5, *Guia Comentado dos Museus Brasileiros*, de Carlos José Pereira da Costa e José Mário Alves da Silva. O referido trabalho foi dividido em três volumes e trata da natureza específica de cada museu brasileiro atendendo a especificidades como sua origem, sua exposição, acervo, histórico, visitas, guias e catálogos. Apresentaram cerca de 100 fotografias, plantas e croquis;
2. Imagens 42 e 43, *Plano para a Formação de um Arquivo Central de Documentação Iconográfica Nacional* de Paulo César Vincent da Fonseca, cujo trabalho prevê a organização de um arquivo central que agrupasse a documentação fotográfica completa acerca das obras de arte brasileiras, bem com fotografias referentes a história do país;
3. Na imagem 46, o trabalho *Objetivos dos Museus de Ciência*, apresentado pelos representantes de Museus de Ciência do Estado de São Paulo. Este, divulgou esclarecimentos sobre os objetivos e finalidades dos museus de Ciências, a partir de alguns aspectos: a) Por meio de equipamentos, transformar a curiosidade do público em interesse científico; b) Visa a formação do maior número de cientistas, técnicos e engenheiros especializados; c) Contribuir para suprir a carência de técnicos especializados nas Universidades; d) Execução de programas de energia nuclear; e) Propiciar as demais instituições de ensino o uso de seus laboratórios, equipamentos, filmes e etc., auxiliando, desta forma, o ensino de jovens e assim, indiretamente, influenciar o interesse desses nas atividades científicas; f) Colaboração a indústrias para a melhoria de técnicas de produção; g) Divulgação científica entre a população, por intermédio de bibliotecas especializadas, exposições, planetários e outros meios; h) Organização de simpósios científicos para discussão de programas de aplicação prática das últimas descobertas da ciência, na lavoura, na medicina e na indústria; i) O museu contará com cientistas, engenheiros e técnicos, divididos em frentes de trabalhos, como Geofísica, Óptica, Fotografia, Cinematografia, Matemática, Aeronáutica, Observação Meteorológica, Química e Física; j) Auxiliar os novos inventores, prestando-lhes assistência de caráter geral; k) Patrocínio ao museu, ao que tange a explicações sobre equipamentos científicos

em exposição, demonstrações completas sobre assuntos científicos, novas técnicas, entre outras atividades de cunho educativo e por fim, I) Culto à memória de cientistas brasileiros, a partir de exposições que retratam suas obras;

4. Segundo a imagem 48, *Museu e Educação Visual* de Wolfgang Pfeiffer, que trata essencialmente de problemas relacionados a atividades educativas, sob a perspectiva ótica das exposições em museus de arte;
5. Imagem 50, proposta apresentada pelos representantes do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro;
6. Na Imagem 51, apresentação da tese do professor Lourival Gomes Machado, *O Filme sobre Arte nos Museus*, foi aprovada pela Comissão de Arte. O intuito do trabalho é incentivar os museus de arte a melhorarem a divulgação dos filmes sobre arte estrangeira;

## 2.7 O território

*Sem dúvida, o amor e o apego dos ouro-pretanos às tradições emocionantes de sua terra só poderiam incliná-los, espontaneamente, a velar pela conservação do aspecto tradicional de Ouro Preto. A inteligência, a cultura e a sensibilidade de seus habitantes, levam-nos naturalmente a defendê-la com energia apaixonada contra qualquer iniciativa tendente a desfigurá-la. (Andrade, 1987, p. 55 apud AGUIAR, 2016, p. 92)*

Em 1933, a cidade de Ouro Preto é declarada Monumento Nacional e tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), em 1938, em reconhecimento ao seu conjunto arquitetônico e urbanístico. É comum percebermos entre as matérias menções a Ouro Preto como "cidade histórica", "museu a céu aberto" ou "tradicional cidade mineira". Isso se dá, pelo fato de Ouro Preto carregar consigo título de Patrimônio Nacional, concedido por meio do seu tombamento em 1938. Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a receber tal titulação.

Segundo Maria Regina Romeiro Chuva (2009), as redes de relações tecidas entre agentes e agências da preservação cultural do Brasil nas décadas de 1930 e 1940, foram fortes de tal maneira que, legitimaram a ascensão de um determinado

grupo ao controle da agência do Estado criada a fim de garantir ações frente ao patrimônio histórico e artístico nacional, o Sphan.

Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar a figura de Rodrigo Melo Franco de Andrade, e a memória histórica evidenciada nos anos de sua gestão, chamada “fase heroica”, nome atribuído por sua devoção a causa do patrimônio.

A discussão que se acentua no período se dá acerca da preservação do patrimônio nacional e da busca pela construção da nação brasileira. Discurso esse já proferido anteriormente pelo movimento modernista.

Neste âmbito, as tarefas atribuídas ao Sphan foram definidas por meio do Decreto-lei n. 25/1937, o qual inscreve o órgão na problemática da cultura material. Os museus participaram conjuntamente com o Sphan no processo de buscar iniciativas para preservação do patrimônio e a inicialmente por alguns museus<sup>37</sup>. Para Chuva (2009), esse aspecto partiu de um recurso concreto sobre a cultura material, que deveria se constituir sobre um passado selecionado. A ênfase na valorização do patrimônio nacional, foi reafirmada nas regiões de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Chuva (2009) nos diz que

Minas Gerais, com suas cidades históricas e a opulência de suas igrejas barrocas, constituía-se, progressivamente, a partir especialmente da década de 1920, na representação mais genuína das origens da nação e fundadora de uma produção artística ‘autenticamente nacional’. (CHUVA, 2009, p. 156).

Complementa, ainda, que “a ‘arquitetura arcaica’ era representada pelas construções anteriores ao século XVIII, marco a partir do qual Minas Gerais assumia papel preponderante, cuja produção arquitetônica foi denominada ‘tradicional’” (CHUVA, 2009, p. 156).

Rodrigo Melo Franco de Andrade, agindo à frente do órgão recém criado, encaminha ao ministro da Educação, em julho de 1936, o projeto de lei federal para organização definitiva do Sphan, cuja a finalidade seria “promover em todo o País, de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional” (Lei n. 378/1937, art. 46. Sphan, 1980a, p. 1). O referido projeto é encaminhado ao Congresso Nacional em outubro de 1936 e é aprovado pela lei 378, de 13 de janeiro de 1937.

---

<sup>37</sup> Como já vinha sendo desenvolvidos mecanismos para a preservação da coleção étnica e arqueológica no Museu Nacional, ou a Inspetoria de Monumentos Nacionais no Museu Histórico Nacional.

Nesse mesmo contexto, Chuva (2009) relata que ainda em 1937, foram idealizados dois museus em Minas Gerais, o Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, e o Museu de Ouro, de Sabará.

Segundo Lia Motta (2008), a cidade de Ouro Preto "foi o lugar das experimentações do Iphan, constantemente em evidência" (MOTTA, 2008, p. 12). A autora faz tal afirmação para explicar os empreendimentos que se sucederam na cidade, cuja justificativa se baseia na sua preservação. O contexto de atuação do Sphan apresentado por Motta (2008), se refere a intervenções urbanas realizadas nos conjuntos arquitetônicos tombados.

A fim de explorar o potencial turístico da cidade de Ouro Preto, o governo de Minas Gerais decide construir um hotel com apoio do Sphan. Inicialmente, o projeto apresentado foi de autoria do arquiteto Carlos Leão e fundamentado na arquitetura colonial, entretanto, este projeto não foi aceito e um nova proposta foi encomendada ao arquiteto Oscar Niemeyer. A nova planta contempla então padrões da arquitetura moderna.

A discussão sobre o projeto de construção do Grande Hotel de Ouro Preto exemplifica as ações do Sphan influenciadas pelo pensamento do arquiteto modernista Lúcio Costa, que trabalhou com Rodrigo Melo Franco de Andrade durante seu período como presidente do Iphan.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, inicia em 1949 uma campanha de arrecadação de fundos para as obras que seriam feitas na cidade, a fim de preservar o conjunto arquitetônico de casas que estavam em estado grave de deterioração.

Segundo Letícia Julião em seu texto *O Sphan e a cultura museológica no Brasil*, juntamente com o Sphan, veio uma nova matriz histórica que se perpetua em espaços museais. Em detrimento ao império, tornam-se protagonistas do passado brasileiro a sociedade setecentista, com a arte colonial, a estética barroca e o movimento da inconfidência mineira, que nesse sentido, recaem sobre os museus como novas maneiras de estudar e exhibir os acervos.

A questão central para este estudo, se refere ao preciosismo de Rodrigo Melo Franco de Andrade frente ao patrimônio e, também, aos novos museus criados pelo Sphan. Nesse sentido, a escolha pela cidade de Ouro Preto se dá tanto pela valorização tradicional e histórica, como pela divulgação de museus menores, fato que ganha destaque por meio das palavras de Rodrigo Melo Franco de Andrade



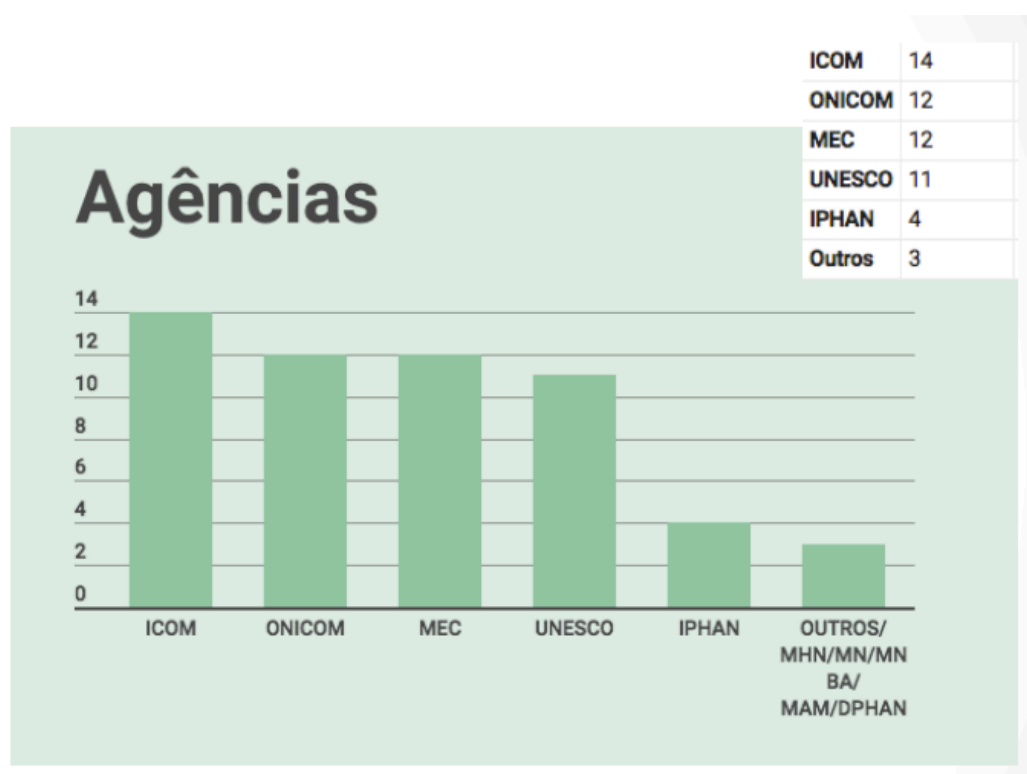
o número de museus organizados em seu território é ainda bastante reduzido e o respectivo acervo não impressiona pela riqueza antes pela modéstia, isso ocorre porque tanto os poderes públicos do Estado quanto suas instituições privadas tardaram a providenciar para a criação de organização daquela natureza, julgando por certo que Minas Gerais possuía em suas cidades históricas, em seus monumentos de arte e em seus estabelecimentos de ciência elementos que lhe dispensavam a organização de museus. (Diário de Notícias, 20 de julho de 1956, p. 2).

As discussões que envolvem Ouro Preto aconteceram anos antes da realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus. É possível induzir, portanto, que a escolha da cidade para sediar o evento, não aconteceu de maneira espontânea. A abordagem que trata a cidade de Ouro Preto, desvela, a um só tempo, relações fundamentais entre o governo e agências de fomento à cultura no Brasil.

### 3. Agências e agentes

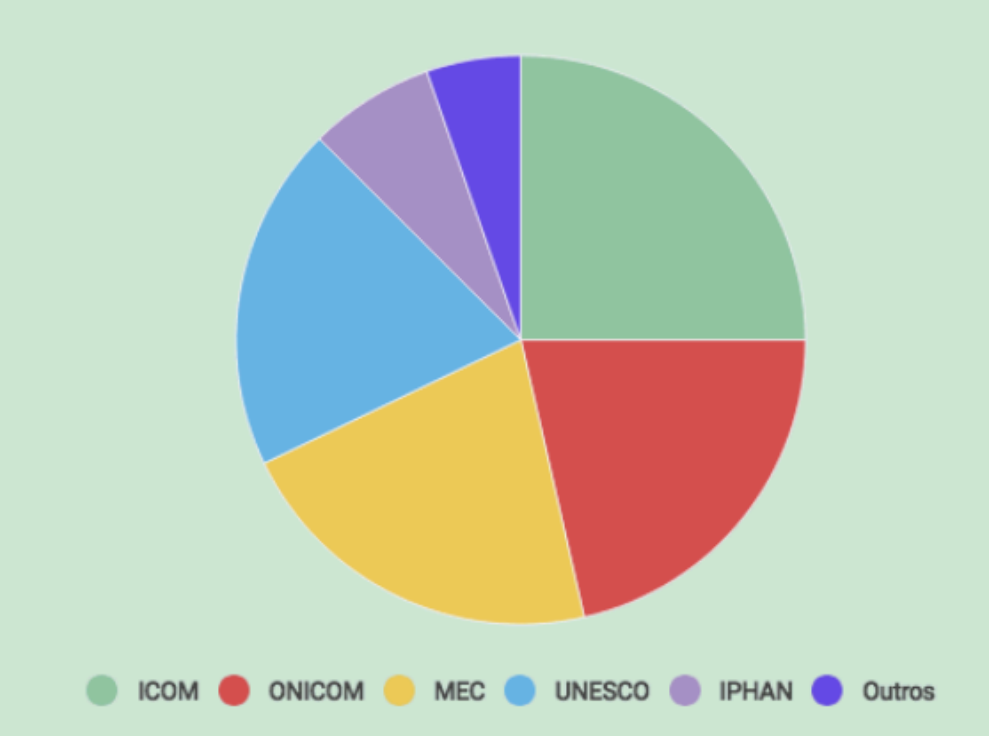
Após as análises realizadas nos referidos periódicos, desempenhamos um levantamento quantitativo sobre os participantes e as agências que estiveram presentes na idealização e organização do Congresso. Desta forma, o levantamento desses dados foram dispostos em infográficos, para que pudessem justificar ao leitor a escolha de determinadas agências e agentes.

Quadro 2 – levantamento quantitativo agências



Fonte: autoria própria

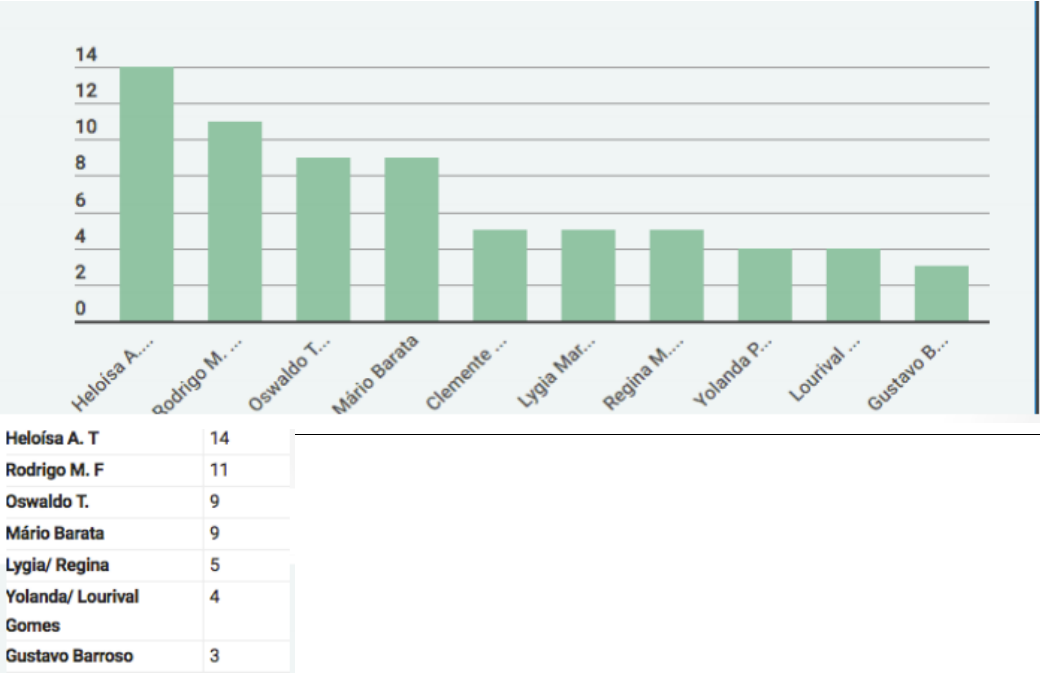
Quadro 3 – infográfico agências continuação



Fonte: autoria própria

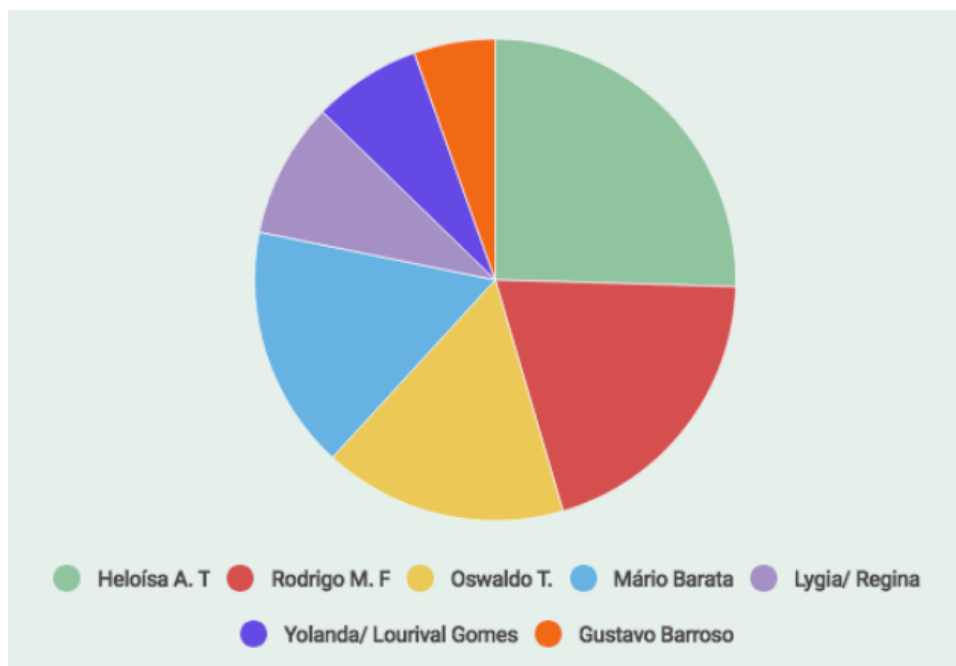
Já o infográfico de agentes, está representado nos quadros 4 e 5

Quadro 4 – levantamento quantitativo agentes



Fonte: autoria própria

Quadro 5 – infográfico agentes



Fonte: autoria própria

### 3.1 As Agências

Em *Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: Pioneiras na formação das Ciências Sociais no Brasil* (2015), Adelia Miglievich-Ribeiro se deteve na trajetória de duas intelectuais brasileiras, a partir dos círculos sociais que pertenceram. Nesse sentido, nos apresenta como a inserção nesses círculos foi determinante e contribuiu, de certa forma, para a formação das Ciências Sociais no Rio de Janeiro.

O livro em questão, nos ajuda a compreender as mudanças no campo das ciências sociais entre as décadas de 1930, 1940 e 1950 no Rio de Janeiro. Segundo Adelia Miglievich-Ribeiro (2015), com base no estudo de Sérgio Micelli (1979), a ampliação desses círculos sociais podem servir de exemplo de como os indivíduos foram se expandindo, conjuntamente com a criação e ampliação de instituições relacionadas ao desenvolvimento do campo das Ciências Sociais.

Me apoiei nos estudos de Adelia Miglievich-Ribeiro, para desenvolver a ideia principal que esse capítulo deseja abordar: a relação entre as agências e os agentes do cenário cultural e intelectual que circundam o Primeiro Congresso Nacional de

Museus. Durante a análise dos periódicos, pode-se identificar um grupo de pessoas que circulavam entre instituições e participavam ativamente do cenário cultural.

A intenção foi de observar como se deu a participação desses agentes em suas agências, o vínculo entre esses personagens e essas organizações, sendo possível estabelecer uma rede de autoridades atuantes nas decisões e nas atividades culturais.

Ao que chamamos de agências, se destacam então, o Ministério da Educação e Cultura (M.E.C.), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Unesco, o Icom-Brasil<sup>38</sup> e algumas instituições museológicas, a saber, Museu Nacional, Museu Histórico Nacional e Museu Nacional de Belas Artes, cujas relações entre si, se deram por meio da circulação de seus agentes.

José Reginaldo Santos Gonçalves (2002), indica que as novas políticas culturais e educacionais fizeram parte de um projeto mais amplo de modernização política, econômica e cultural no país, implementado por uma nova direção que se opunha às velhas elites agrárias. Nova diretriz, essa, regida sob a orientação de uma ideologia nacionalista e autoritária.

Em meio a essa narrativa histórica, algumas medidas foram desenvolvidas para dar continuidade ao planejamento de modernização no país.

Ainda que o contexto político fosse caracterizado por autoritarismo, é nesse momento em que se reverbera a atuação de grupos de vanguarda, que por meio do Ministério da Educação e Saúde (MES), utilizaram de seus instrumentos burocráticos e políticos para realizar as mudanças na área cultural.

O autor ainda explica que, observando a atuação de parte dos intelectuais brasileiros dos anos 1930, foi nesse decênio que a política cultural e educacional passa a ser compreendida e assumida enquanto tarefa do governo federal. Em 14 de novembro de 1930, Getúlio Vargas cria uma secretaria de Estado denominada Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, por meio do Decreto n. 19.402. Para o recém criado ministério, foram atribuídas as funções de estudar e despachar "todos os assuntos relativos ao ensino, saúde pública e assistência hospitalar" (BRASIL, 1930). Segundo o artigo 5º apresentado no decreto, pertenciam ao mesmo ministério as instituições cujas delegações propunham a realização de estudos ou serviços especificados no artigo 2º. Para tal, inserem-se nessa divisão,

---

<sup>38</sup> A criação da Unesco, bem como do Icom se encontram no primeiro capítulo desta monografia.

entre outras instituições, a Escola Nacional de Belas Artes e o Museu Nacional. Posteriormente, no Decreto n. 19.444, é incorporado ao ministério, o Museu Histórico Nacional<sup>39</sup>.

Em 1937, por meio da Lei n. 378, de 13 de janeiro do mesmo ano, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública passa a ser denominado Ministério da Educação e Saúde Pública (MES)<sup>40</sup>. A mesma lei determinou outros órgãos subordinados ao Ministério, como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). No que tange os assuntos relacionados à educação, o artigo nº 46 determina que o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes entre outros museus que fossem criados com aspectos nacionais, históricos ou artísticos, deveriam cooperar com as atividades do Sphan<sup>41</sup>.

De fato, a mais importante atribuição do Sphan foi estabelecida a partir do decreto-lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, cujas práticas foram determinadas pelos modernistas<sup>42</sup>, que encontraram espaço de estudo e atuação em meio ao Estado Novo, na presença de Gustavo de Capanema, Ministro da Educação do então Ministério da Educação e Saúde Pública (MES).

A defesa do patrimônio era questão antiga, pauta adotada pela corrente tradicionalista desde as décadas de 1910 e 1920. Segundo Letícia Julião, vertente essa concebida "dentro do 'espírito' de culto à pátria" (JULIÃO, 2008, p. 71). Nesse sentido, temos como exemplo a criação do Museu Histórico Nacional, no ano de

---

<sup>39</sup> Os documentos se encontram na plataforma digital da Câmara dos Deputados: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19402-14-novembro-1930-515729-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acessado em 20 de maio de 2018, e <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19444-1-dezembro-1930-506386-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acessado em 20 de maio de 2018.

<sup>40</sup> Segundo os estudos apresentados pelos pesquisadores Maria Beatriz Rezende, Bettina Grieco, Luciano Teixeira e Ana Lúcia Thompson (2015), o Ministro Washington Pires passa o cargo a Gustavo Capanema em 1934.

<sup>41</sup> Texto original em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_378\\_de\\_13\\_de\\_janeiro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf)>. Acessado em 20 de maio de 2018.

<sup>42</sup> Letícia Julião (2008) comenta em sua tese que existiam embates entre os modernistas e os tradicionalistas. Entretanto, diferente dos conservadores, que atuavam no campo do patrimônio mediante a idéia de nacionalismo voltado para o culto ao passado, o saudosismo e moralismo, os modernistas atribuíram ao tema do patrimônio, caráter científico, logrado em produzir um saber mais sistêmico sobre a arte e a cultura brasileira.



1922, em sequência, a criação da Inspetoria dos Monumentos e o Serviço de Proteção aos Monumentos Históricos e Obras de Arte, em 1934<sup>43</sup>.

O Phan foi o centro de difusão das ideias sobre a criação de nação que emergia no século XX. Segundo Mariza Veloso Motta Santos, o Phan foi espaço de discussão e de leituras críticas sobre o que se era produzido, baseando-se principalmente na documentação histórica e fotográfica. Contavam com a ajuda de arquivos, bibliotecas e museus. Para tal explicação, Letícia Julião nos diz que

Concorria para isso o fato do organismo reunir em torno de si importantes figuras da intelectualidade brasileira e colaboradores competentes em diferentes Estados, credenciando-o para constituir não apenas em lugar de produção de um conhecimento específico, mas de institucionalização de um discurso, de reconhecida autoridade pública, no qual se articulavam categorias como passado, história, cultura e nação (JULIÃO, 2008, p. 72).

O grupo dos modernistas, foi devidamente representado pela figura de Mário de Andrade<sup>44</sup> frente à elaboração do anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (Sphan), elaborado por ele em 1936, a pedido do próprio ministro Capanema, e no ano seguinte, o decreto n. 25, criação efetiva do Sphan.

Letícia Julião (2008) ainda nos explica que o anteprojeto de Mário de Andrade, por tratar de imaterialidade, cultura popular, foi considerado um documento muito desenvolvido para a época em questão. Talvez esse seja um dos motivos pelo qual o anteprojeto não foi aprovado. Entretanto, cabe registrar a escolha de Rodrigo M.F. de Andrade nesse contexto. Juntamente com a validação e vigor do decreto n. 25, a entrada de Rodrigo Melo Franco de Andrade na presidência dessa organização.

<sup>43</sup> A criação do PHAN foi alvo de diversos embates, principalmente, embates entre os modernistas e os tradicionalistas. O momento mais emblemático para tais discordâncias, se expressa sobretudo nos anos 1935, com o concurso para a escolha do projeto do novo prédio do Ministério da Educação e Saúde quando Capanema desconsidera a escolha do representante tradicionalista, contemplando a figura de Lúcio Costa para arquiteto do referido projeto. Letícia Julião sinaliza o gesto do Ministro como "o desejo de associar a construção de um novo Brasil a uma arquitetura cuja linguagem arrojada se prestaria como símbolo da nação do futuro" (JULIÃO, 2008, p. 70).

<sup>44</sup> A concepção do anteprojeto elaborado por Mário de Andrade revela o que o modernista esperava dessa categoria. Letícia Julião (2008) comenta em sua tese que Mário de Andrade "contempla os bens materiais, as paisagens agenciadas pela indústria humana e os bens de caráter intangível, classificados na subcategoria "folclore", onde estão incluídos vocabulários, cantos, lendas, magias, saberes médicos, culinária, danças etc. Além da inclusão inovadora de aspectos ambientais e imateriais do patrimônio, a idéia de monumento, historicamente associada aos patrimônios nacionais, não constitui um conceito preponderante no anteprojeto." (JULIÃO, 2008, p. 83). O anteprojeto não previa então, monumentos ou edificações propriamente compreendidas enquanto patrimônio material. O momento foi propício para discussões sobre o folclore. Os estudos de Mário de Andrade ecoaram muito além da criação de um setor desenvolvido para estudos no campo.

Para uma determinada historiografia já bastante consolidada, durante a gestão de Gustavo de Capanema, houve uma intensa articulação com movimentos intelectuais, onde se circulavam ideias inovadoras que podiam se aproximar ou se distanciar do autoritarismo do Estado Novo. A relação estabelecida pelos modernistas e pelo Ministério, culminou em uma fase harmônica para implementação de políticas culturais. Letícia Julião (2008) complementa que

O Phan, em particular, pode atuar com certa autonomia política e intelectual, o que favoreceu a construção de um discurso do patrimônio que se pretendia científico, tecnicamente alicerçado, com autoridade capaz de se sobrepor às pressões de atores do âmbito público ou privado (JULIÃO, 2008, p. 89).

Ainda que não houvesse a existência da Unesco nesse momento, as iniciativas em prol do patrimônio orientam e revelam um peso nas relações entre países, tornando esta temática, objeto de discussão e iniciativas<sup>45</sup>. Embora a preocupação com a iminência da guerra tenha orientado debates nesse âmbito, o Brasil passava por um momento no qual a preservação de bens culturais aparecia como um elemento importante nas relações entre nações. Para Julião (2008), "ao institucionalizar uma política nessa área, o Brasil credenciava-se a integrar esse fórum internacional" e "a construção de um patrimônio nacional era moeda de prestígio na mediação das relações culturais entre os países" (JULIÃO, 2008, p. 94).

Os museus, por sua vez, estiveram vocacionados a tecer a relação Estado-Nação na construção de identidades coletivas. Nesse sentido, discorre-se sobre a criação do Museu Histórico Nacional em 1922, ano do centenário da independência do Brasil, cujos parâmetros de criação revelam o culto ao passado e a nacionalidade brasileira<sup>46</sup>. Concebido por Gustavo Barroso, a narrativa histórica foi afirmada sob os acontecimentos do século XIX no império, estimulado pelo discurso da história nacional representada em "dois pilares, a nobreza e o exército" (ABREU, 1996, p. 193).

Letícia Julião (2008) comenta que a instalação do monarca português no Brasil assinala o processo de descolonização. Nesse sentido, a escolha de

<sup>45</sup> Vale mencionar, que muitas das medidas propostas para o Sphan, já estavam sendo discutidas em âmbito internacional, principalmente com a Carta de Atenas em 1931. A própria conferência já determinava a interação entre nações a partir de legislações "cujo objetivo é proteger os monumentos de interesse histórico, artístico e científico pertencente às diferentes nações" (CARTA DE ATENAS, 1931). Para mais informações:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>.

Acessado em 21 de maio de 2018.

<sup>46</sup> A respeito de museus e constituição da identidade nacional, ver Letícia Julião (2008).

acomodar no Rio de Janeiro "instituições culturais dignas de uma corte europeia, ao mesmo tempo, era um prenúncio de nação emergente" (JULIÃO, 2008, p. 43). Tal afirmação serve tanto para explicar a necessidade de criação de um Museu Real<sup>47</sup> ou Museu Nacional, como para a criação da Academia Imperial de Belas Artes.

A história de criação do MNBA pode ser analisada sob a visão das políticas culturais desenvolvidas durante o Estado Novo e reflete uma relação estreita com a Academia Imperial de Belas artes, e posteriormente, a Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Sobre tal afirmação, a autora Cláudia Rocha comenta em sua dissertação *"Da Pinacoteca ao Museu: historicizando processos museológicos"* (2014) que

Fundem-se aqui as características de um museu enciclopédico e de uma Pinacoteca ligada a uma instituição de ensino que tinha uma forma de sistematização do ensino artístico através do conhecimento das Escolas tradicionais de formação de artistas e de valorização da abordagem cronológica (ROCHA, 2014, p. 23).

A autora relata que em 1932, Manuel de Araújo Porto-Alegre Filho resgata o projeto de lei elaborado pelo pintor e deputado Pedro Américo, defendido em plenário no ano de 1892 sobre a criação da Galeria Nacional de Bellas Artes. Ainda comentando sobre o primeiro projeto de criação da Galeria, a autora salienta que estaria voltada para a "construção e enaltecimento do Nacional" (ROCHA, 2014, p. 19), concepções bem próximas às do Sphan, mesmo que a instituição sequer existisse no período<sup>48</sup>.

As discussões apresentadas por Porto-Alegre Filho sucedem até 1936, quando o crítico de arte e sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Belas Artes e diretor da Enba (entre 1926 e 1927), José Marianno Filho, apresenta medidas para a organização e adaptação do edifício para a instalação do MNBA. Dividindo espaço com a ENBA e vinculado ao Sphan<sup>49</sup>, o museu passou a existir por meio da lei 378 de 13 de janeiro de 1937.

---

<sup>47</sup> Como já foi explicado o contexto de criação do Museu Nacional no Capítulo um deste trabalho, buscamos para este momento, apresentar a criação do Museu Nacional de Belas Artes (MBNA).

<sup>48</sup> Cláudia Rocha sugere nesse sentido, que o projeto apresentado tanto por Pedro Américo, como Manuel de Araújo Porto-Alegre Filho conferem às atribuições e características similares a defesa do Patrimônio.

<sup>49</sup> Previsto pelo referido artigo 46 da lei n. 378 de 13 de janeiro de 1937.

### 3.2 Os agentes

Acredita-se que outras instituições museológicas participaram do Primeiro Congresso Nacional de Museus em 1956. Entretanto, como já explicado anteriormente, o Rio de Janeiro foi cenário de instituições de fomento à cultura, que se mostram mais presentes nas discussões sobre museus nesse momento. Isso não deixa de indicar e também não invalida a participação de outros estados no evento. Apenas expressamos aqui, que o maior número de agentes e agências que participam das decisões culturais se encontravam nesse território, segundo os jornais pesquisados.

Apresentados os MN, o MHN, MNBA e o Sphan, pode-se perceber que seus agentes estavam diretamente ligados, naquele contexto, à direção do Icom-Br, também designado naquele período, Onicom. Visto que as entidades propulsoras de discussões mais amplas sobre museus a nível mundial foram a Unesco conjuntamente com o Icom, acredita-se que gerou-se a necessidade de encontros que se propusessem a debater abordagens envolvendo essas instituições, como, acreditamos, foi o caso do próprio Congresso em Ouro Preto. É válido destacar como diretores e técnicos de museus brasileiros passam a representar o Brasil no Icom.

Para tal, apresentamos os representantes dessas instituições, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Heloísa Alberto Torres<sup>50</sup>, Gustavo Barroso e Oswaldo Teixeira, respectivamente, gestores do Sphan, MN, MHN e MNBA. Os mencionados nomes estiveram também na direção e presidência<sup>51</sup> do Icom.

#### 3.2.1 Rodrigo Melo Franco de Andrade

*A criação e sedimentação do SPHAN é indissociável da imagem pública de Rodrigo. É impossível dizer que, em certo sentido, Rodrigo, durante determinado período, modela o patrimônio cultural brasileiro, ao mesmo tempo em que o patrimônio o modela, enquanto persona pública (GONÇALVES, 2002, p. 46).*

<sup>50</sup> Maior ênfase se dá a Rodrigo Melo Franco e Heloísa Alberto Torres, que além de presidirem o ICOM-BR, estiveram detidos na organização e realização do Primeiro Congresso.

<sup>51</sup> Exceto Gustavo Barroso, que permaneceu na condição de vice- presidente.

Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898 - 1969) nasceu em Belo Horizonte em 17 de agosto de 1898, primogênito do casal Rodrigo Bretas de Andrade<sup>52</sup> e Dália Melo Franco de Andrade. Iniciou sua carreira profissional como colaborador do jornal *O Dia*. Em 1926, torna-se redator-chefe da Revista do Brasil, que diante do comando de Rodrigo, publicou cerca de dez edições da *Revista do Brasil*, importante veículo de manifestação dos modernistas. Entretanto, sua atuação no então Sphan é que lhe confere protagonismo nas ações do Estado no campo da cultura.

Na fase experimental do Sphan, em 1936, Rodrigo Melo Franco de Andrade passa a ocupar cargo de presidente, o que se perpetua até 1967. Os 30 anos de atuação na instituição, demonstram quão devoto ele foi às causas ligadas ao patrimônio.

Iniciamos o tópico "Rodrigo Melo Franco de Andrade" com a citação de José Reginaldo S. Gonçalves em seu livro *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil* (2002) para destacar quão forte foi a identificação de Rodrigo M. F. Andrade com o Sphan<sup>53</sup>. Seus anos de permanência, marcaram o que alguns autores comumente chamam de "fase heroica"<sup>54</sup> da instituição.

O discurso que se inaugurou no país decorria de dois aspectos: a convicção de que a política preservacionista tinha uma missão salvacionista, de conter o processo de perda que ameaçava o patrimônio da nação e a associação do patrimônio nacional ao patrimônio da humanidade

Se a percepção do processo da perda era a estratégia mais corrente nos discursos em defesa do patrimônio, ao concebê-lo integrado ao patrimônio comum de todos os povos, Rodrigo de Andrade sinalizava a disposição de incorporar os pressupostos disseminados no plano internacional, priorizando a integração do Brasil ao "concerto das nações" civilizadas (JULIÃO, 2008, p. 96).

Não obstante a atuação do Serviço do Patrimônio na capital federal, é em Minas Gerais que se projetam atividades museológicas mais relacionadas à concepção disseminada pela política preservacionista dos anos 1930 e 1940. O

<sup>52</sup> Seu pai foi professor de Direito Criminal e procurador da República. A ascendência não nega a adoração a arte barroca, seu bisavô paterno, Rodrigo José Ferreira Bretas, primeiro biógrafo de Aleijadinho. Para mais informações: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodrigo-melo-franco-de-andrade-1898-%E2%80%93-1969>>. Acessado em 31 de maio de 2018.

<sup>53</sup> Segundo Gonçalves (2002), a vida pessoal de Rodrigo Melo Franco foi narrada por companheiros de trabalhos ou amigos como completamente dedicada ao Sphan e a as questões envolvendo o patrimônio brasileiro.

<sup>54</sup> O autor da expressão "fase heroica" foi Luís Saia, braço direito de Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco na gestão do patrimônio em São Paulo.

primeiro empreendimento nesse sentido, ocorreu no Rio Grande do Sul, com o projeto do Museu das Missões, em 1938. Entretanto, a criação do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (1940); do Ouro, em Sabará (1945); do Diamante, em Diamantina (1954) demonstram um certo apreço pela região mineira.

Esses museus, por meio da seleção dos objetos que comporiam seus acervos, construíram um passado, uma herança histórica daquilo que os próprios gestores do patrimônio no período selecionaram como os primeiros indícios de civilização brasileira. Dessa maneira, a capital mineradora da colônia no século XVIII - a cidade de Ouro Preto - foi apontada como representante do passado e da civilização brasileira, quer por meio de suas manifestações artísticas, consistidas principalmente, no barroco, quer por seu complexo arquitetônico cujas "matrizes histórico-culturais que convinham ao desafio de produzir um patrimônio capaz de operar uma identidade nacional unificada, e ao mesmo tempo, credenciar o país a participar do 'concerto das nações' cultas" (JULIÃO, 2009, p. 153). As justificativas de Rodrigo Melo Franco eram favoráveis a "seu estado de origem era assinalar, assim como fizera com os bens arquitetônicos, caráter singular do patrimônio mineiro" (JULIÃO, 2009, p. 148), onde o legado histórico representava herança patrimonial, cujo valor ultrapassa interesses regionais, sendo considerado assim, patrimônio nacional.

A atuação de Rodrigo M. Franco de Andrade na defesa do patrimônio é evidente, mas em relação aos museus, também apresenta um nova prática museológica durante o Estado Novo

Categorias de objetos antes valorizadas caem no ostracismo e novas tipologias de acervos, assim como formas inéditas de exibi-los, comandam as experiências museais do Sphan. O privilégio dos saberes eruditos e antiquários, assim como o foco exclusivo no passado, cedem lugar ao interesse cognitivo e colecionista mais abrangente que se estende ao campo da arte e da estética. À paixão colecionadora pelas coisas antigas, típicas de antiquários e amadores, o Sphan, sob a direção de Rodrigo M. F. de Andrade, buscou imprimir um caráter científico as coleções dos museus, assim como fez no trato de todo o patrimônio (JULIÃO, 2009, p. 145).

Para a execução deste trabalho, Rodrigo M. Franco<sup>55</sup> recorreu a especialistas e colaboradores que pudessem orientá-lo. Esses peritos e artistas

---

<sup>55</sup> A escolha dos objetos que compõem o acervo dos museus mineiros, foi quase o mesmo, pela singularidade e raridade. Eram vestígios do período colonial, cujo discurso pretendia abarcar e apresentar indícios da sociedade mineradora (JULIÃO, 2009).



influenciavam diretamente suas decisões. Gustavo Barroso e Lygia Martins Costa são alguns deles. Em seus anos trabalhando no Sphan, Lygia Martins Costa colaborou muito para o estudo desse acervo, devido a sua formação como museóloga e sua especialização em história da arte. Seu conhecimento subsidiou a constituição e o gerenciamento dessas coleções.

Intelectual, produziu conhecimento sobre o patrimônio que se pretendia científico e especializado. Desenvolveu metodologias de pesquisa nesses territórios, a partir de pesquisa bibliográfica, acesso a documentos inéditos e históricos e registros fotográficos.

Segundo relatórios da Biblioteca Virtual do MHN, a Organização Nacional do Icom teve destaque sob a presidência Rodrigo M. Franco de Andrade, principalmente pela elaboração de Estatutos, conseguiu incentivo do M.E.C para a filiação de instituições e técnicos brasileiros e a assinatura da revista da Unesco, "Museum", planejou e organizou o Primeiro Congresso Nacional de Museus, "sob orientação e responsabilidade da atual presidenta, Profa. Heloísa Alberto Torres" (RELATÓRIO, 1969, p. 110)<sup>56</sup>.

Durante os anos em que esteve na direção do Sphan, e posteriormente, o Iphan, dedicou sua vida pessoal a carreira pública. Rodrigo Melo Franco de Andrade veio a falecer no ano de 1969, sendo lembrado enquanto uma das mais notáveis personalidades da área cultural no Brasil.

### 3.2.2 Heloísa Alberto Torres

Na trajetória de Heloísa Alberto Torres (1895-1977) é importante considerar a atuação de uma mulher em pleno cenário intelectual habitado majoritariamente por homens. Há alguns estudos que debatem a questão de gênero na academia brasileira e o de Adélia Mieghevich-Ribeiro (2015) busca conhecer a trajetória de Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo Vasconcellos.

Ambas desempenharam funções públicas em ambientes caracterizados pelo mando e autoridade notoriamente masculina. Não se podem excluir fatores externos

---

<sup>56</sup> Documento original disponível em:

<<http://docvirt.com/docreader.net/cache/1373708112146/I0044494->

60Alt=001925Lar=001281LargOri=002562AltOri=003850.JPG>. Acessado em 05 de junho de 2018.

que corroboram diretamente para o ingresso dessas mulheres nesse contexto. Talvez elas tenham alcançado cargos inimagináveis por mulheres da época em decorrência de dividirem com esses intelectuais, o mesmo processo histórico-social, ou até mesmo por relações próximas de amizade. Privilegiadas ou não, teceram relações fortuitas pelos lugares em que passaram, realizando trabalhos cujo destaque se manteve até os dias atuais.

Heloísa Alberto Torres nasceu em uma família abastada do Rio de Janeiro. Seu pai<sup>57</sup> obteve destaque entre o final do século XIX e início do século XX, devido a seu posicionamento abolicionista e nacionalista, o que facilitou a entrada de Heloísa A. Torres no cenário intelectual. Adélia Miglievich (2015) não vê a origem familiar de Heloísa como o único fator que explique sua trajetória, visto que Heloísa A. Torres, empenhou-se muito durante os anos em que assumiu cargos públicos.

Heloísa Alberto Torres inicia suas atividades no MN com 22 anos. Ingressou como estagiária, no momento em que opta por estudar antropologia. Para tal, procurou o professor Edgard Roquette-Pinto, e iniciou seus estudos. Segundo Miglievich-Ribeiro (2015), "os laços entre o mestre e a discípula dez anos mais nova, foram se estreitando ao ponto de ela se tornar praticamente sua *mão direita* no dia a dia do Museu Nacional" (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 48).

Dedicou anos de sua vida a esse museu. Roquette-Pinto, por sua vez, teve influência determinante para a formação intelectual da aluna, cujo entendimento, culminou na devoção pela causa indígena e na dedicação quase que exclusiva ao Museu Nacional e a preservação da cultura.

Na trajetória de Heloísa A. Torres apresentada por Adelia Ribeiro (2015), o ano de 1925 é um divisor de águas: Heloísa decide prestar o concurso para a vaga de professor substituto na seção cuja direção cabia a Roquette-Pinto. Foi aprovada por unanimidade, obtendo a primeira colocação. Foi então nomeada como professora da Divisão de Antropologia. Adelia Miglievich chama a atenção pelos recorrentes elogios feitos a primeira mulher a ingressar como professora naquela

---

<sup>57</sup> Filha preferida de Alberto Torres, nasceu no bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1895. Alberto Torres ocupou cargos políticos, foi ministro da Justiça entre os anos de 1896 a 1898, assumiu a presidência do Estado do Rio de Janeiro em 1897, permanecendo até 1900. Encerrou a carreira como ministro do Supremo Tribunal. Faleceu novo, com 51 anos em 1917. Ver tese de Adélia Miglievich-Ribeiro (2015). A trajetória de figura pública e intelectual de Alberto Torres inspirou diretamente Heloísa. Seu pai era conhecido por muitos dos intelectuais que mais tarde, vieram a dividir espaços com ela, como exemplo de Roquette-Pinto.

instituição. Os comentários da imprensa carioca, na maioria das vezes, atrelaram a figura de Heloísa Alberto Torres a de seu pai<sup>58</sup>.

Ainda segundo Adelia Miglievich-Ribeiro (2015) à medida em que Roquette-Pinto vai se afastando do museu para dedicar-se a assuntos ligados à educação no Brasil, cada vez mais, Heloísa A. Torres vai se envolvendo com as atividades institucionais, substituindo o professor muitas vezes. Nos anos 1926, iniciou suas viagens de campo. Viajou para São Paulo para estudar e verificar o estado dos sambaquis de Iguape, em 1927, continua sua expedição em Vespasiano, Minas Gerais, para examinar sítios arqueológicos. Dedicou-se principalmente aos estudos das cerâmica marajoara, cujos resultados foram apresentados e publicados em 1929. Participou do Conselho de Fiscalização criado em 1930. No ano seguinte, em 1931, assume a cadeira de professor-chefe da Seção de Antropologia e Etnografia do MN. Neste cargo, passou a fomentar e ministrar cursos de extensão universitária. De 1935 a 1937, exerce função de vice-diretora de Alberto Betim Paes Leme. Por decisão da congregação, foi eleita mais uma vez, de forma unânime, para dar continuidade ao cargo na direção. Em 1938, é eleita diretora do museu, permanecendo até 1955.

Em 1953, Heloisa Alberto Torres saiu a campo para pesquisar as instituições museais no Brasil. Dessa pesquisa, originou-se a publicação *Museums of Brazil*. Foi presidente do Onicom, também por indicação de Rodrigo Melo Franco de Andrade, e posteriormente, do Icom. Anos depois, participou da formação de técnicos em museus. Destaco o ano de 1968, quando então diretor do MHN, Léo Fonseca e Silva lhe envia o anteprojeto para a regulamentação da profissão de museólogo.

Permaneceu no Sphan até 1967. Adelia Miglievich-Ribeiro destaca que não se sabe até que ponto a saída de Rodrigo M.F. impactou seu distanciamento da instituição (2015). Com 70 anos, Heloísa A. Torres parte para sua cidade de origem, Itaboraí- RJ, com sua irmã, onde residiu até falecer. Assídua e dedicada a questões ligadas à antropologia, ao patrimônio do Brasil e aos museus, Heloísa Alberto Torres marca a trajetória da museologia brasileira.

---

<sup>58</sup> Os depoimentos também acentuam como ela era uma pessoa fina e elegante. Uma *lady*, cuja figura de autoridade destacava-se no cenário masculino.

### 3.2.3 Gustavo Barroso

Gustavo Adolpho Luiz Guilherme Dobt da Cunha Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888 em Fortaleza. Foi redator do Jornal do Ceará e cursou direito na Faculdade Livre de Direito no Ceará, não concluindo o curso, mudou-se para a capital federal em 1910, tornando-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, um ano depois.

No Rio de Janeiro atuou como professor na Escola de Menores e redator no Jornal do Comercio entre 1911 e 1913. Sua atuação na literatura começou ainda cedo, com 23 anos<sup>59</sup>. Dedicou parte de sua trajetória à vida intelectual e suas publicações ao longo da carreira o levaram a ser nomeado para a Academia Brasileira de Letras.

Entre ofícios públicos ligados desde secretário Superintendência da Defesa da Borracha no Rio de Janeiro até Deputado Federal pelo Ceará (1915 - 1918), também desempenhou um trabalho muito importante no Museu Histórico Nacional. Criado em 1922, na capital, sua dedicação ao museu lhe atribui título de fundador da instituição.

O MHN foi criado pelo decreto n. 15.596 de 2 de agosto de 1922 pelo Presidente Epitácio Pessoa, no contexto da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Gustavo Barroso assumiu com muita rapidez a direção do museu, em outubro do mesmo ano. Barroso já vinha pensando em um museu militar, que não havia dado certo. Segundo Dumans (1997), o presidente foi responsável apenas por desenvolver o material e entregá-lo para Gustavo Barroso. Assim lhe é atribuído a ideia de que foi o criador do museu.

Esteve à frente da instituição desde 1922 até 1959 (ano de sua morte), na função de diretor. Apenas durante os anos de 1930 e 1932, Gustavo Barroso não esteve na direção do museu<sup>60</sup>. A concepção do museu e os direcionamentos das exposições, bem como a organização do acervo passavam por sua aprovação. Regina Abreu (1995) comenta que o diretor reuniu muitos colaboradores que estiveram no museu por meio de sua rede pessoal de amigos, o que, para ela, facilitou uma "homogeneidade de pensamento" (ABREU, 1995, p. 12).

---

<sup>59</sup> Para mais informações: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acessado em 01 de junho de 2018.

<sup>60</sup> Ocasão em que criou o Curso de Museus no interior da estrutura do museu.

Barroso deixava claro seus posicionamentos tradicionalistas. Abreu (1995) comenta sobre seu ideal de progresso, que estaria ligado principalmente à civilização europeia elitizada. O MHN foi diretamente atingido, uma vez que o museu tinha como missão, tratar da história da nação brasileira e sua civilização. Entretanto, estava voltado para a nação sob os empreendimentos de D. Pedro II e demais feitos no império brasileiro. O enaltecimento de figuras históricas, de figuras públicas da elite, sobretudo, estiveram representados pelos espaços expositivos do museu.

Criou o Curso de Museus dez anos depois da criação da instituição, pelo decreto n. 21.129 de 7 de março de 1932, onde também lecionou. Ficava a cargo do diretor a escolha dos demais docentes, que deveriam fazer parte da instituição. Segundo o mesmo decreto, no Art. 2º, o curso contava com as seguintes cadeiras: História do Brasil; Numismática e Sigilografia; Arqueologia brasileira Epigrafia, Cronologia e Técnica de museus<sup>61</sup>. Publicou juntamente com seus colaboradores uma revista especializada em temas museológicos: *Anais do Museu Histórico Nacional*. As publicações tinham uma regularidade anual e a revista circulou entre 1940 e 1975<sup>62</sup>.

Dos artigos publicados, tanto como o Museu Militar e Culto da Saudade<sup>63</sup>, respectivamente, nos anos 1911 e 1912, que Gustavo Barroso expressa sobre a tradição histórica que se é deixada no Brasil, o que vem a influenciar, mais de vinte anos depois, a criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN)<sup>64</sup>. Mais tarde, Barroso se dedicou a questões envolvendo os museus de folclore.

<sup>61</sup> Texto retirado do documento disponível online em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html> > Acessado em 04 de junho de 2018.

<sup>62</sup> Segundo informações oferecidas no site oficial do Museu Histórico Nacional, a publicação dos anais ficou paralisada por duas décadas. De fato, param de circular no ano de 1975, mas a equipe retoma as edições em 1995. Ainda hoje, o MHN são editados anualmente e recebem trabalhos para publicação com frequência. O texto original se encontra disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh-anais.htm>> Acessado em 05 de junho de 2018.

<sup>63</sup> Em 1912, ainda como redator do Jornal do Commercio, Barroso escreveu o artigo "Culto da Saudade", no qual, ele comenta como no Brasil não havia culto as tradições, e que as maiores relíquias desse país estavam abandonadas. Fala sobre Ouro Preto, que para ele, era um centro de tradições e glórias, que assim como os demais, estava se perdendo dia a dia. Para mais informações, ver Dumans (1997), página 387.

<sup>64</sup> Acoplada no MHN, a IMN foi criada a partir do decreto n. 24.735, de 14 de julho de 1934, assinada pelo presidente Getúlio Vargas, onde aprovava o Museu Histórico a funções de inspeção das edificações de valor histórico e artístico, bem como o controle do comércio de objetos de arte e antiguidades. E assim apresentavam ao governo federal aqueles que deveriam ser declarados

Segundo Mário Chagas (2003), quando menciona os três primeiros presidentes do Icom (Oswaldo Teixeira, Rodrigo M. Franco e Heloísa Alberto Torres, respectivamente), ele comenta que esses representavam uma vertente museológica bem distinta daquela já proferida por Gustavo Barroso. Entretanto, tal distinção comentada por Mário Chagas, não foi capaz de distanciar Barroso do Icom. Desde 1946, ano de criação da Onicom, e em 1956, ano de realização do Congresso, Gustavo Barroso participava do quadro organizacional enquanto vice-presidente.

Henrique Cruz (2008) relata a presença de Gustavo Barroso na primeira reunião do Onicom em 1948 para discutir o Conselho Executivo da mesma organização. No mesmo encontro, foram firmadas questões como o envio de relatórios periódicos sobre a realidade de museus brasileiros para o Icom e a organização de publicações brasileiras que pudessem discutir e abordar as principais atividades e problemáticas nesses museus. O autor comenta que a mesma reunião estava marcada para acontecer em 1947, contudo, a partir do acesso à documentação, em uma carta enviada de Oswaldo Teixeira a J. Hamlin, Cruz (2008) relata que era um pedido para que a reunião fosse adiada devido à ausência de Gustavo Barroso, que até então, estava representando o Brasil nas comemorações do centenário de Cervantes; o encontro foi remarcado para janeiro de 1948.

É certo comentar que independente de divergências políticas, tradicionalistas e modernistas dividiram espaço dentro do Sphan e no cenário cultural como um todo. Gustavo Barroso dedicou a maior parte de sua vida a estudar museus e tipologias de acervo.

---

enquanto Monumentos Nacionais, não podendo passar por nenhuma modificação sem a permissão e do MHN. A IMN também se encarregava de entrar em acordo com os governos dos estados a fim de uniformizar a legislação sobre a proteção e conservação destes monumentos e/ou objetos. Cada estado estava responsável por essas atividades em seus territórios, como já vinha sendo feito na Bahia e em Pernambuco desde os anos 1927 e 1928, respectivamente, com a Inspetoria Estadual dos Monumentos Nacionais. A partir de então seriam articuladas pela a IMN. Para mais informações, ver < <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/29/inspetoria-de-monumentos-nacionais-1934-1937> > Acessado em 11 de junho de 2018.



### 3.2.4 Oswaldo Teixeira

Oswaldo Teixeira do Amaral nasceu em 1905 no Rio de Janeiro. Inicia seus estudos nas artes no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e na ENBA. Desenvolveu técnicas pictóricas e em 1924, recebe o prêmio de Viagem ao Exterior, concedido pela 31ª Exposição Geral de Belas Artes, com a tela *Pescador Brasileiro*.

Assume a função de docente na ENBA em 1932, onde permaneceu até 1937, ano de criação do MNBA, que lhe conferiu título de primeiro diretor da instituição. Além de diretor, Oswaldo era um estudioso das artes plásticas, crítico de arte e historiador. Não é surpresa que os interessados nesse campo, se juntaram a ele no MNBA.

Acadêmico, Oswaldo Teixeira expressou severas críticas ao modernismo. Acreditava que o academicismo era o único caminho que possibilitaria os pintores a desenvolverem técnicas necessárias para o desenvolvimento de seu trabalho. Não obstante, o MNBA recebeu exposições modernistas<sup>65</sup>.

Em 1946, é nomeado primeiro representante do Brasil no Conselho Executivo do Icom. Nomeado presidente do Onicom, permaneceu até 1953, sendo substituído por Rodrigo M. Franco de Andrade. A explicação para tal mudança é dada por Regina Real em carta para de 1956, enviada para o naturalista do MN, José Araújo Feio

Sob a presidência de Oswaldo Teixeira, contrário a qualquer atividade de conservadores, a instituição deixou praticamente de funcionar. Existiu porque mantive regularmente a todo questionário que me chegava às mãos e bem assim solicitando constantemente as publicações da Unesco. Mais de uma vez tentei dar vida ao Comitê Nacional: quando fui a Londres e quando aqui esteve Paulo Carneiro (afinal nosso representante na UNESCO). Somente com a vinda e a autoridade do Hamlin, meu velho amigo, foi possível resolver o caso, com a eleição de Dr. Rodrigo que recebeu o cargo com noção de responsabilidade. O Comitê começou a funcionar. [...]É preciso prosseguir e não desanimar. Sabemos que as coisas de espírito, neste país, são postas de lado, mas aqueles que delas e para elas vivem, tem a responsabilidade de trazê-las à tona.<sup>66</sup> (CRUZ, 2008, p. 12)

E por Lygia Martins Costa (2005), “o Oswaldo então foi eleito presidente, mas não ligava muito para ser presidente daquilo. Porque Oswaldo Teixeira era um

<sup>65</sup> Informações retiradas de <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa706/oswaldo-teixeira>>. Acessado em 01 de junho de 2018.

<sup>66</sup> Carta de Regina Monteiro Real para José Lacerda de Araújo Feio, em 7 de novembro de 1956. Arquivo Histórico do Museu Nacional, Fundo José Feio, JF 0.ON.20/5.

estudioso, um artista e, sobretudo, protetor dos artistas" (*apud* Costa, 2005, p. 283; Cruz, 2008, p. 12).

Independente do afastamento da presidência do Icom, Oswaldo Teixeira permanece no Onicom enquanto vice-presidente, juntamente com Gustavo Barroso e Heloísa Alberto Torres, e participa do Comitê de Organização do Primeiro Congresso Nacional de Museus. Dirigiu o MNBA até 1961; o pintor e educador encerra as atividades no cenário cultural e artístico em 1974, quando veio a falecer na cidade do Rio de Janeiro.

### 3.2.5 Agentes no Primeiro Congresso Nacional de Museus

No que tange à atuação de agentes no Primeiro Congresso, foram identificadas as presenças e a participação de Heloísa Alberto Torres, Rodrigo M. F. Andrade, Mário Barata, Oswaldo Teixeira, W. Pfeifer, Francisco Matarazzo Sobrinho, Yolanda Portugal, Regina Real, Lygia Martins Costa, Maurício Nabuco, José Valadares, Sérgio Buarque de Holanda, Dante de Laytano, José Maria de Albuquerque, Américo J. Lacombe e José Valadares<sup>67</sup>.

Lygia Martins Costa ingressou no Curso de Museus em 1938. No ano de sua formatura, 1939, presta o concurso público para Conservador de Museus divulgado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), com finalidade de

<sup>67</sup> Devido a falta de maiores informações bibliográficas, aqui se apresenta o cargo dos respectivos Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Rui Barbosa; Sérgio Buarque de Holanda, diretor do Museu Paulista do Ipiranga, ParáDante de Layano, diretor do Museu Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, José Valadares foi diretor do Museu do Estado de Salvador (CRUZ, 2008).

Mário Barata (1991) explica que o livro de José Valadares diretor do Museu da Bahia, *'Um estudo sobre museus americanos'* foi muito difundido no Rio de Janeiro, por meio do Sphan, entidade na qual o autor estava vinculado.

Francisco Matarazzo Sobrinho é considerado um mecenas e amante das artes. Entusiasta no assunto, fomentou exposições e ofereceu ajuda financeira. Entre os anos de 1946 e 1947 adquiriu obras modernistas italianas para integrar o acervo do MAM-SP (ainda em momento de construção).

Para mais informações, o artigo de Ana Gonçalves Magalhães (2010), disponível online em:

<[http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha\\_2010\\_Magalhaes\\_Ana\\_art.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha_2010_Magalhaes_Ana_art.pdf)>.

Acessado em 30 de maio de 2018.

Maurício Nabuco nasceu em Londres no dia 10 de maio de 1891, filho do historiador e abolicionista, Joaquim Nabuco. Não teve atuação em museus brasileiros, mas participou de órgãos ligados ao Poder Executivo. Foi diretor do arquivo, biblioteca e mapoteca do Itamarati em 1934, integrou a Comissão de Eficiência do Ministério das Relações Exteriores durante 1936 e 1937. Foi ministro interino em 1941, embaixador no Vaticano em 1944. Se despede da carreira diplomática em 1952, e passou a trabalhar em empresas privadas. Foi diretor da companhia de cigarros Souza Cruz no Rio de Janeiro, onde ficou por 12 anos. Informações retiradas da plataforma digital do CPDOC:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-hilario-barreto-nabuco-de-araujo>>. Acessado em 30 de maio de 2018.

suprir o quadro técnico do MHN e do MBNA (SÁ, 2015). Em 1940, começa sua carreira como conservadora do MNBA, onde permaneceu por 11 anos. Lá trabalhou com Regina Real e outras técnicas que haviam feito o mesmo curso no MHN. Segundo Sá (2015), na equipe que Lygia Costa, somente o restaurador Manoel Constantino Gomes foi o "único não oriundo do Curso de Museus". (SÁ, 2015, p. 136).

A procura por estudos em novos campos da museologia foi impulsionando Lygia M. Costa a buscar especialização. Ivan de Sá (2015), comenta em seu texto, *Recordações de Lygia M. Costa* sobre um caso específico da chegada de obras estrangeiras vindas da França no MNBA. Foi diante das orientações de Oswaldo Teixeira, que ela percebeu a necessidade do aprofundamento no estudo da História da Arte.

Oswaldo Teixeira era um estudioso das artes. Na ocasião, Lygia M. Costa relata como o diretor era capaz de identificar exatamente autoria de cada obra que chegava para as exposições. Sua conclusão, foi de que ele conhecia muito de arte, sobretudo a arte do século XVIII, XIX e XX.

Em 1952, Lygia M. Costa é convidada por Rodrigo M. F. de Andrade para trabalhar no Iphan, sendo então, a primeira museóloga a trabalhar na instituição. Foi museóloga no Iphan durante os anos de 1952 a 1996. No ano de 1956, participou como delegada e vice presidente na Conferência Internacional de Museus organizada pelo Icom na Suíça. No mesmo ano, "Mário Barata, colega do MNBA e do Iphan, convida-a para ser professora assistente de História da Arte, na Escola Nacional de Belas Artes" (SÁ, 2015, p. 143).

No estudo de Ivan de Sá destinado às memórias da museóloga, Lygia Martins Costa o autor relembra que a escolha do diretor do MNBA para presidência do Icom-Br, foi, na verdade, uma estratégia sua e de Regina Real para promover a instituição. Nesse intuito, foram as primeiras a responder com prontidão a correspondência enviada por J. Hamlin, requisitando a participação do Brasil no Icom. Assim Sá (2015) constata

Entusiasmada com as possibilidades de intercâmbio com museus, pesquisas e profissionais do exterior, Lygia interessa-se vivamente em criar uma representação do Icom no Brasil. Graças a seu entusiasmo o Museu Nacional de Belas Artes foi o primeiro a responder ao chamado do Icom. Juntamente com Regina Real, D. Lygia preenche os formulários e encaminha a documentação. Com isto, ficou criada, no Brasil, a Onicom, Organização Nacional do ICOM. Como primeiro presidente, o diretor do MNBA, Oswaldo Teixeira, medida estratégica imaginada por Lygia e Regina

para dar mais visibilidade à organização, ao passo que as duas se mantiveram como secretárias (SÁ, 2015, p. 139).

A aproximação de Regina Real e Lygia M. Costa se deu, principalmente, no momento em que ambas passam a trabalhar no MNBA como conservadoras. As colegas de trabalho tiveram a mesma formação no Curso de Museus de Gustavo Barroso, no MHN. Regina Real concluiu o Curso de Museus em 1937, um ano antes da colega Lygia M. Costa<sup>68</sup>.

No mesmo ano de sua formatura, Regina Real inicia também sua carreira no MNBA. Henrique Cruz (2010) comenta que a forma como a conservadora consegue o trabalho nesse museu é bastante curiosa, "ela enviou uma carta ao ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema, solicitando sua nomeação como Conservadora de Museus. Essa correspondência consta do arquivo de Gustavo Capanema, na Fundação Getúlio Vargas" (CRUZ, 2010, p. 96). Dessa forma, foi nomeada como uma das primeiras conservadoras de museu com formação especializada.

Assim como Lygia Martins Costa, Regina M. Real realizou o primeiro concurso público para Conservador, promovido pelo Departamento de Administração do Serviço Público - Dasp. Tornou-se diretora da instituição anos depois, em 1952, permanecendo apenas um ano no cargo. Cruz (2010) justifica não saber que motivos levaram Regina Real a deixar o MNBA. Contudo, em 1955, começa a trabalhar na Casa de Rui Barbosa, configurando o quadro de funcionários efetivos meses depois, solicitação essa feita pelo diretor da instituição, Américo Jacobina Lacombe.

Segundo Cruz (2010), por mais que a atuação de Regina Real dentro de museus estivesse ligada à preservação do acervo, acondicionamento e exposições, sua área de pesquisa era no campo teórico-metodológico da museologia e sobretudo, o estudo sobre a relação entre museus e educação.

Percebe-se aqui, portanto, que o ciclo de técnicos no Rio de Janeiro teve início principalmente no Curso de Museus. Além do caso exemplificado acima, Mário Barata e Yolanda Portugal também concluíram seus estudos na mesma instituição.

---

<sup>68</sup> Para mais informações, ver CRUZ, Henrique de Vasconcelos. *Cuidando de uma casa: Regina Monteiro Real na Casa de Rui Barbosa*. In: I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casa, 2010, Rio de Janeiro - RJ. I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. p. 95-103. Disponível on-line em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/anais/FCRB\\_Anais\\_I\\_Encontro\\_Luso\\_-\\_Brasileiro\\_de\\_Museus\\_Casas.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/anais/FCRB_Anais_I_Encontro_Luso_-_Brasileiro_de_Museus_Casas.pdf)>. Acessado em 28 de maio de 2018.

Mário Barata formou-se poucos anos depois de Lygia Martins Costa. Pouco tempo após sua formatura, prestou concurso para conservador do MHN, onde a colega veterana Yolanda Portugal já trabalhava<sup>69</sup>. Como foi nomeado no MNBA antes do resultado do mesmo concurso, assume o cargo de conservador-auxiliar no MBNA, onde dedica boa parte de sua trajetória profissional. Se especializou em História da Arte, o que explica sua aproximação com Lygia Costa, a quem Mário Barata frequentemente se refere como uma amiga próxima. Nesse sentido, comenta que

Eu e Lygia M. Costa somos exemplo dessa tendência à História da Arte, que caracterizou bastante a época. Quando os museólogos, com predominância dos conservadores do MNBA, foram (fomos) criar uma primeira associação do tipo AMB, optamos inicialmente pela criação do Instituto Brasileiro de História da Arte, necessário momento e ligado ao sucesso da exposição de pintura francesa<sup>70</sup>, de 1940, no Rio de Janeiro (BARATA, 1991, p. 557)

Para Mário Barata, o 'espírito associativo' (BARATA, 1991, p. 557) entre os profissionais de museus, se consolida principalmente entre os anos 1940 e 1950

A partir do final dos anos 40, o Comitê Brasileiro do ICOM, desde as presidências de Rodrigo M. F de Andrade e de Heloísa Alberto Torres (ambas já na década de 50), atuará exemplarmente nesse campo associativo - técnico, ligado a atividades internacionais, mas realizando Congressos de Museus do Brasil, como o efetuado em 1959 em São Paulo e o anterior em Ouro Preto (BARATA, 1991, p. 557)

A afirmação de Mário Barata foi capaz de fundamentar as argumentações levantadas após a análise de fontes. Não foi possível reunir informações sobre o Congresso realizado em São Paulo, mas novamente, percebe-se a associação do Primeiro Congresso de Museus com a primeira motivação de contato entre os técnicos especializados na área de museus

(...) e o anterior em Ouro Preto, em série reunindo especialistas de todo o País em trabalho construtivo, e, às vezes, com a participação de convidados estrangeiros. Esse bom trabalho abriu caminho para atividade posterior de gerações mais jovens (BARATA, 1991, p. 557).

Mário Barata recebe grande destaque entre as análises realizadas nos jornais, uma vez que aparece assinando matérias que divulgam o colóquio. É sabido

<sup>69</sup> É interessante perceber o ciclo de intelectuais que atuavam em questões relacionadas a museus e a cultura. A banca examinadora do concurso realizado por Mário Barata foi composta, entre outros, por Rodrigo M.F de Andrade e Américo Jacobina Lacombe. Para mais informações, ver BARATA, Mário. *50 anos de museologia I - Um fragmento pessoal*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1991. Páginas 554 – 561.

<sup>70</sup> Mesma exposição mencionada anteriormente neste capítulo a partir dos estudos de Ivan de Sá (2015) sobre Lygia Martins Costa.

que além da profissão de museólogo, Barata também atuou como jornalista, o que explica sua participação no Diário de Notícias. Sua inserção nos meios jornalísticos sustentam a hipótese de que a figura de Mário Barata atrelada ao jornal proporcionou um número maior de matérias sobre o evento<sup>71</sup>.

### 3.3 A construção da relação entre as agências e agentes

Este tópico, analisado à luz das leituras acima e de fontes jornalísticas, nos permitem demonstrar que a consolidação do campo dos museus enquanto área sistematizada, foi também consequência dessas relações. O que se pretende neste estudo, é demonstrar que a medida que os componentes dessas instituições, vão se aproximando, ou distanciando, determinam os participantes das atividades culturais dos anos que antecedem o Congresso.

Antes sequer de existir o Sphan, havia outras instituições que por meio de seus diretores, cuidaram de questões relacionadas a salvaguarda do patrimônio. Uma delas era dona Heloísa Alberto Torres, frente a direção do Museu Nacional e Gustavo Barroso, no Museu Histórico Nacional. O Museu Nacional estava envolvido na proteção e conservação do patrimônio arqueológico e etnográfico, já o MHN, na Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Com a criação do Sphan, participam do Conselho Consultivo, ao lado de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nesse sentido, Heloísa Alberto Torres, mesmo no MN, contribui para as atividades do Sphan e Rodrigo Melo Franco de Andrade, por sua vez, já estabelecia relações com Gustavo Barroso, no MHN, justamente pelos estudos iniciados por ele para proteção do Patrimônio. Rodrigo Melo Franco de Andrade, Heloísa Alberto Torres, e Oswaldo Teixeira participam do Conselho Consultivo do Iphan desde o ano de 1938<sup>72</sup>.

Estudos demonstram que em 1940 foi efetivado um acordo entre o Sphan e o Museu Nacional, assinado por Rodrigo M. Franco e Heloísa A. Torres, ambos diretores dessas instituições. A partir dessa cooperação, outras alianças vão sendo

<sup>71</sup> O nome de Clemente Magalhães Bastos foi notado frequentemente devido ao número expressivo de matérias assinadas em seu nome. Entretanto, pouco se sabe sobre sua personalidade pública ou privada.

<sup>72</sup> Para mais informações, ver Ata Extraordinária do Conselho Consultivo do Iphan: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938\\_\\_01\\_\\_1a\\_sesso\\_extraordinria\\_\\_17\\_de\\_maio\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_maio(4).pdf)>. Acessada em 07 de junho de 2018.



firmadas entre eles. Como percebido durante a análise das reportagens, Rodrigo Melo Franco de Andrade, com problemas de saúde, se vê impedido de continuar a organização do Congresso Nacional de Museus em Ouro Preto. Dessa forma, não somente o cargo de presidente do Congresso passa para Heloísa Alberto Torres, como também, a presidência do Onicom.

Adélia Miglievich-Ribeiro, a partir de uma entrevista concedida por Heloísa Alberto Torres em 1957, comenta que

Heloísa justificava suas atividades pela lealdade a dois homens. Cândido Rondon e Rodrigo Melo Franco. Aquela, que assumira, ao longo da vida, o compromisso com a modernização e a regulamentação da esfera cultural e de sua relação com o Estado – que implica a seleção de funcionários e técnicos, para o exercício de organização e de preservação da cultura brasileira, com base em critérios objetivos, prescritos por estatutos e leis – fala da não remuneração pecuniária de seu próprio trabalho e revela sua motivação pautada nos sentimentos pessoais, de fidelidade àqueles que a antecederam, tanto na criação do SPHAN, como constituição do CNPI (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 118).

Para a autora, o fim da dita "fase heroica" da instituição é marcada pela aposentadoria de Rodrigo M. Franco de Andrade e pelo afastamento de Heloísa Alberto Torres da instituição. Entretanto, não se pode inferir sobre a relação desses agentes sem uma historiografia consolidada. Alguns questionamentos permanecem sem respostas, principalmente ao que tange a relação pessoal/profissional entre eles.

Dando continuidade ao mapeamento entre agências e agentes, Gustavo Barroso, como diretor do MHN e docente do Curso de Museus, estabelece uma rede menor com seus alunos. Esses mesmos alunos que se diplomaram no MHN, vão desempenhar trabalhos em outros museus e assim estabelecem novas redes de relação. Lygia Martins Costa, Regina Real e Mário Barata trabalharam no MNBA juntamente com Oswaldo Teixeira. Mais tarde, como já explicado nos parágrafos acima, Lygia Martins Costa é chamada por Rodrigo M. F de Andrade para trabalhar no Sphan e Regina Real sai do MNBA e começa a desempenhar novas atividades na Casa de Rui Barbosa, trabalhando com Américo Jacobina Lacombe, na função de diretor da instituição. Yolanda Portugal permanece no MHN como conservadora.

Todos os nomes mencionados participam da Organização Nacional do Icom, e dessa forma, estiveram ligados a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus. Ao final, o que se percebe, é que o círculo social de agentes iniciados no

Rio de Janeiro na década de 1930, permanece quase o mesmo até 1956<sup>73</sup>. Essas relações entre agentes e agências pode ser visualizado por meio do apêndice 1 – mapa de conceitos – relações agentes e agências.

---

<sup>73</sup> Ano de realização do Primeiro Congresso.

#### 4. Conclusão

Como já explicado no primeiro capítulo do presente trabalho, os anos 1950 foram marcados por movimentações do Icom e da Unesco para buscar informações e conhecimento sobre museus, seus espaços, suas atividades e seu corpo técnico. Impulsionados por demandas externas, os profissionais do campo tomaram um conhecimento mais amplo sobre as atividades realizadas nos mais diferentes museus, buscando desenvolver reuniões e encontros que discutissem questões e problemáticas envolvendo museus. Esse intercâmbio de informações, a nível nacional, tornou possível uma conformidade de esforços para a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus, que propiciou um olhar diferenciado para as demais instituições da capital federal e de outros estados brasileiros.

Com o intuito de refazer a trajetória do Primeiro Congresso Nacional de Museus, decidimos buscar por informações contidas em documentos acessíveis, uma vez que não identificamos bibliografia que tratasse do assunto em questão. As respostas que não foram respondidas a partir dos pontos elucidados na análise de fontes jornalísticas, foram analisados em documentos<sup>74</sup> e em outras fontes históricas, como livros especializados datados do período<sup>75</sup>. Para tal, recorreremos a obras publicadas após a realização do Congresso, e que nesse sentido, destacam diferentes aspectos do evento. Aqui apresentamos, sob a junção de análises de fontes, o que teria sido o Primeiro Congresso Nacional de Museus.

Durante o ano de 1954, o Onicom iniciou as reuniões para a organização do Primeiro Congresso de Museus, previsto para acontecer inicialmente em agosto daquele ano, na antiga Casa dos Contos, Ouro Preto, MG. Não havendo a possibilidade de realizá-lo naquele ano, as reuniões voltam a acontecer no ano seguinte, 1955, até que culminaram em sua organização e realização em 1956.

Com a recorrência de reuniões para se definir a organização do Congresso, bem como a ordenação das Comissões Técnicas e Executivas, que se estabelecem novas datas para o encontro e as eventuais normativas a serem seguidas na apresentação de trabalhos (teses, relatórios, memórias, notícias e afins). Presidido

---

<sup>74</sup> Documentos encontrados na base de dados do Museu Histórico Nacional e da base de dados do Museu Nacional.

<sup>75</sup> *Museus e Educação* de Florisvaldo S. Trigueiros (1958) e *Museu Ideal* de Regina Real (1958).

inicialmente por Rodrigo Melo Franco de Andrade, o então presidente apresenta complicações em sua saúde, sendo substituído por Heloísa Alberto Torres, que deu continuidade às atividades de organização do seminário. Nesse momento, o corpo técnico do Onicom era composto por Heloísa Alberto Torres enquanto presidente, Oswaldo Teixeira e Gustavo Barroso enquanto vice-presidentes e os membros, Lourival Gomes Machado, Américo Lacombe, Francisco Matarazzo Sobrinho, Maurício Nabuco, Dante de Laytano, José Maria de Albuquerque, Regina Monteiro Real, Yolanda Portugal, Lygia Martins Costa e Sérgio Buarque de Holanda. Ao que se pode inferir sobre a análise realizada nos jornais, que os membros do Onicom juntamente com os profissionais Luis de Castro Farias, Renato Soeiro e Wolfgang Pfeiffer, representaram a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Nacional de Museus.

A essa delegação cabia a responsabilidade de organizar as atividades do evento e escolher os membros da Comissão Executiva, que deveriam dirigir o seminário até o seu encerramento, bem como a definição e escolha das Comissões Técnicas, que estavam incumbidas de estudar os trabalhos enviados pelos congressistas. Para tal, se dividiram entre temáticas<sup>76</sup>.

Seu início ocorreu às 14 horas do dia 23 de julho de 1956, na cidade de Ouro Preto, na Escola de Minas e Metalúrgica (antiga residência dos governadores) o Primeiro Congresso Nacional de Museus. Segundo as matérias e o relato de Florisvaldo dos Santos Trigueiros (1958), participaram do Congresso cerca de 140 congressistas, vindo dos mais diversos estados. Segundo Trigueiros (1958) os participantes vieram desde o "Amapá até o Rio Grande do Sul" (TRIGUEIROS, 1958, p. 91).

No mesmo dia, no salão nobre da Escola de Minas e Metalúrgica, foram escolhidos os presidentes e vice-presidentes de honra do Congresso, sendo estes, então, Francisco José Bias Fortes; o ministro da Educação, Abgar Renault, Celso Melo de Azevedo, Amadeu Barbosa, Salathiel Tôrres, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Heloísa Alberto Torres.

---

<sup>76</sup> Segundo as informações retiradas dos jornais presentes do Capítulo Dois deste trabalho, a Comissão Executiva, era composta por um Presidente, Secretários, e Tesoureiro. Já as Comissões Técnicas, foram compostas por membros escolhidos pela Comissão Organizadora. Cada Comissão Técnica teve um Coordenador designado pelo presidente da Comissão Organizadora. Definido as Comissões Técnicas e suas delegações, cada participante da mesa deveria eleger um presidente e um secretário. Ao que tange as mesas, foram divididas por tipologias, nesse caso, Comissão de Ciência, de Artes, de História, Arte Sacra e etc.

A Comissão Executiva foi constituída por Aderbal Jurema, secretário da Educação de Pernambuco, na condição de presidente da Comissão; Lourival Gomes Machado; e, Florisvaldo dos Santos Trigueiros. Nas Comissões Técnicas, cinco funcionaram na Escola de Minas e uma na Escola de Farmácia. As mesas de comissários técnicos foram compostas da seguinte maneira: Antropologia - presidido por Luiz de Castro Faria; Arquitetura - presidido por Paulo Thedim Barreto; Arte - presidido por Mário Barata; Ciências - presidido por José Cândido Melo Carvalho; Educação e Generalidades - presidido por Juracy Silveira; e, História - presidido por Antônio Joaquim de Almeida. Compareceram entre essas delegações também, os técnicos Geraldo Britto Raposo (representando a delegação do Museu Imperial e membro da Comissão de Educação), Geraldo Alves de Carvalho<sup>77</sup>, José Valadares, José Maria de Albuquerque, W. Pfeiffer, Darcy Ribeiro, Lourival Gomes Machado, Orlandino Seitas, Ailton de Carvalho, Silvio de Vasconcelos, Paulo Vanzolini, entre outros técnicos do Dphan, conservadores e naturalistas.

Entre os convidados especiais, o Conservador do Vaticano, Dioclécio Redig de Campos, os educadores, Professora Juracy Silveira e Professor Guy de Hollanda, ambos funcionários do Ministério da Educação e Cultura (MEC). F. dos Santos (1958) constata que os Serviços Administrativos do Congresso, contaram com uma equipe organizada no Rio de Janeiro, com o apoio das secretárias Ayla Martins, Célia de Almeida Seabra e Célia Terezinha de Oliveira, juntamente com um grupo de taquígrafos e outros auxiliares contratados.

Nos relatos de F. Santos Trigueiros (1958), foi possível esclarecer que além da visita e estadia na cidade de Ouro Preto, foram proporcionados aos congressistas visitas às cidades mineiras de Mariana, Sabará e também a algumas igrejas, edifícios antigos e o Museu da Inconfidência.

Ao que tange a apresentação dos trabalhos, F. dos Santos Trigueiros diz que foram apresentados setenta e dois trabalhos e Regina Real indica que foram oitenta. Entretanto, o que sabemos, é que foram apresentados os trabalhos aprovados pelas Comissões Técnicas: Carlos José Pereira da Costa e José Mário Alves da Silva com o trabalho *Guia Comentado dos Museus*

---

<sup>77</sup> Sobre Geraldo Britto Raposo Câmara e Geraldo Alves de Carvalho, ver Curriculum Vitae em < <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669> > Acessado 05 de junho de 2018.

*Brasileiros*<sup>78</sup>; Wolfgang Pfeiffer com *Museu e Educação Visual*; Lourival Gomes Machado com a tese *O Filme sobre Arte nos Museus*; e, Paulo César Vincent da Fonseca com *Plano para a Formação de um Arquivo Central de Documentação Iconográfica Nacional* - aprovados pela Comissão Técnica de Arte; aprovado pela Comissão Técnica Ciência na sessão plenária do dia 27 de julho de 1956, a proposta de Nelson Lins de Barros, Agostinho Lage Ornelas de Sousa e Henrique Batista da Silva Oliveira, representantes do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas para o fomento cultural do Museu de Ciências do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro. Sobre os trabalhos, Regina Monteiro Real comenta

Perto de oitenta trabalhos, entre teses, noções, propostas, foram discutidos nas seções de Arquitetura, Arte, Ciência, História e Generalidade (Educação e Museologia) e, em sessões plenárias lidos os pareceres. Os resultados desses esforços coletivos, certamente, virão beneficiar a museologia nacional e contribuir para que os museus cumpram a sua finalidade estética, científica e educativa. (REAL, 1958, p. 9)

De fato, não sabemos o quantitativo exato dos trabalhos apresentados. Durante a análise documental e diante dos relatos de alguns participantes, foi possível descobrir que os trabalhos mencionados nas reportagens do Diário de Notícias, tiveram, de certa forma, um destaque dentro do Congresso. Todos os trabalhos foram devidamente avaliados pelas Comissões Técnicas. Seguindo os critérios de realização dos trabalhos (como originalidade, veracidade, relevância e etc.) a Comissão Técnica estaria apta a julgar e avaliar os trabalhos recebidos e levá-los a sessão de plenário para leitura dos pareceres e aprovação destes. Alguns trabalhos foram indicados para o uso prático de algumas instituições ou indicados a publicação nos Anais do Congresso<sup>79</sup>. Isso nos revela, que nem todos os trabalhos foram publicados, assim como nem todos foram divulgados<sup>80</sup>.

Como o objetivo deste encontro era, na verdade, conhecer as problemáticas envolvendo os museus brasileiros, mas também, buscar soluções e

---

<sup>78</sup> Fica a suspeita que talvez Florisvaldo dos Santos Trigueiro tenha apresentado seu livro, intitulado como *Museus e sua importância na Educação do povo* no qual originou a obra *Museus e Educação*, tão famoso e discutido no seminário de 1958 e fonte documental neste trabalho.

<sup>79</sup> Não se sabe, até o presente momento, onde se encontram esses documentos.

<sup>80</sup> Há a informação de que Berta Ribeiro teria se apresentado o trabalho Modelo de fichas catalográficas para registro de coleções". Esse dado foi retirado do site da Fundação Darcy Ribeiro < <http://www.fundar.org.br/controller.php?pagina=29> > Acessado em 05 de junho de 2018. Fomos buscar a veracidade desse dado no Beijodromo, na Universidade de Brasília, onde se encontram todas as documentações de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro, contudo, até o presente momento, não se teve a confirmação da equipe responsável pelo acervo.



aperfeiçoamentos (seja nos espaços, nas técnicas, na documentação), faz sentido examinar os dados levantados pelas reportagens desta maneira.

Após consultas à base de dados do MHN, novas informações foram reveladas. Houve, no Congresso, apresentações de outros profissionais, como o conservador do MHN, Clóvis Bornay, com a apresentação da tese *O Museu fala a infância*, onde tratou sobre as visitas guiadas; Dulce Ludolf, com o trabalho *Novas Diretriz dos Museus*, aprovada pela Comissão Julgadora; e a palestra apresentada por Regina Real, intitulada *A Importância da Museologia: Os Museus Regionais*<sup>81</sup>.

A perspectiva que o Congresso Nacional de Museus gerou em alguns museus foi maior do que o esperado<sup>82</sup>. Foram discutidas medidas sobre a necessidade de exigir o diploma para inscrição de concurso público para Conservador de Museu para garantir a melhoria de salários e melhor classificação da profissão. Desta forma, a resolução foi que o curso deveria ser de nível superior, mas para tal, deveriam apresentar monografias. Os conservadores de museus de arte e história presentes no Congresso, manifestaram para a adequação da categoria de conservador. Ao que tange a temática discutida sobre as visitas guiadas, foram estabelecidas medidas atinentes ao funcionamento de um sistema de visitas guiadas. Neste sentido, caberia à Comissão do Congresso então, designar uma comissão temporária de técnicos de museu e educação, filiados ao Onicom, que apresentassem um plano de curso de monitores de visitas guiadas, e se

---

<sup>81</sup> Para mais informações, consultar "Relatórios, Curso de Museus e Acervo Gustavo Barroso\Curso de Museus\Curriculum Vitae - Professores 1969, 71, 76". Disponível online em <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669>>. Acessado em 05 de junho de 2018.

<sup>82</sup> A partir do parecer do relator Édson Mota sobre o trabalho apresentado por Paulo César Vincent da Fonseca, a Comissão de Arte aprova e estipula de acordo com o plano apresentado por ele, "a organização de um Arquivo Central, agrupando uma completa documentação fotográfica sobre as obras de arte e de história do país, apresenta-se como a solução necessária para ampliar a documentação organizada e sistemática do nosso patrimônio histórico e artístico" (Diário de Notícias, 12 de agosto de 1956, Suplemento literário, p. 05) Isso nos diz que foram discutidos no encontro, o desenvolvimento do Arquivo Fotográfico do DPHAN, visando torná-la uma Iconoteca Nacional autônoma, e assim, a Comissão de Museus propôs essa indicação. Participou deste estudo também o convidado especial Dioclécio Redig, que opina a favor desta medida. Outro caso, também indicado pela Comissão de Arte, foi a tese de W. Pfeiffer, indicada a sua publicação nos Anais do Primeiro Congresso Nacional de Museus. Ou, a indicação do Professor Paulo Antonio Peretti Evin, que comenta sobre a tese apresentada por Lourival Gomes. A Comissão de Arte apresenta a sessão plenária que transforma a tese em uma iniciativa para melhor divulgação dos filmes sobre artes, para que se façam legendas as falas estrangeiras. Dessa forma, os filmes circulariam de maneira mais acessível às instituições que não contassem com um tradutor. No caso da tese apresentada por Nelson Lins de Barros, Agostinho Lage Ornelas de Sousa e Henrique Batista da Silva Oliveira, caberia ao Congresso pedir ao Prefeito do Rio de Janeiro as verbas prometidas ao Museu.

aprovado, encaminhar as devidas autoridades federais, estaduais, municipais e a diretores de museus. Outras pautas foram discutidas, como o objetivo dos Museus de Ciência, representado pela Comissão de Ciência com membros de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Diante da entrevista de Lygia M. Costa e Yolanda Portugal no Diário de Notícias e durante a análise documental nos periódicos, foi possível elucidar que o Primeiro Congresso Nacional de Museus representou uma oportunidade de convivência e troca entre profissionais de diversos estados brasileiros. Não somente os técnicos de museu, mas outros profissionais como arquitetos, por exemplo. Já mencionado no segundo capítulo deste trabalho, a presença de alguns arquitetos no Congresso, o trecho retirado dos Anais do MHN, sustenta essa afirmação na fala de Lygia Martins Costa

[...] Nessa época, afirmou, surgiu o Tratado de Museologia que ampliava o até então restrito entendimento do acervo. Assim, acredita que apenas a partir do 1º Congresso Nacional de Museus, realizado em 1955, os arquitetos começaram a trabalhar junto com museólogos". (Anais do Museu Histórico Nacional - Volume 34 de 2002. p. 44)<sup>83</sup>

As matérias jornalísticas nos revelaram que um grupo de arquitetos estiveram presentes para estudar e discutir arquitetura em museus, como Alcides Rocha Miranda, Renato Soeiro, Lina Bo Bardi, Maurício Dias e Noel Marinho. Segundo F. S. Trigueiros, o grupo de arquitetos da Dphan que estiveram presentes no Congresso, montou uma exposição cuja narrativa consistiu em demonstrar como a técnica moderna para a apresentação dos objetos pode ser efetiva na realização de uma exposição bem feita, nesse sentido, utilizaram apenas do material existente no local. É difícil afirmar quais seriam os arquitetos do quadro profissional do Dphan neste momento, ainda mais que a instituição trabalhava com muitos colaboradores, entretanto, as informações que temos sobre essa exposição,

---

<sup>83</sup> Texto na íntegra: "Para Lygia Martins Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade, o primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que foi assessorado por Lúcio Costa durante toda a trajetória *iphani*ana, 'achava que museu era um lugar para juntar e exportar para a classe culta'. Em inícios da década de 1930, museologia, disse Lygia, era uma palavra que definia um 'sentido novo'. Essa atividade, prossegue ela, teve no período de 1937-39 sua primeira sistematização científica'. Nessa época, afirmou, surgiu o Tratado de Museologia que ampliava o até então restrito entendimento do acervo. Assim, acredita que apenas a partir do 1º Congresso Nacional de Museus, realizado em 1955, os arquitetos começaram a trabalhar junto com museólogos". (Anais do Museu Histórico Nacional - Volume 34 de 2002. p. 44) Disponível em <<http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>>. Acessado em 28 de maio de 2018.

é de que os participantes foram os arquitetos Oscar Niemeyer, Aldaracy Toledo, Lina Bo Bardi e A. E Reidy<sup>84</sup>.

Foi possível perceber também, durante a análise, que houve uma interação entre os profissionais e, mais ainda, hoje comumente falamos da museologia enquanto área interdisciplinar, e o Congresso proporcionou tal interdisciplinaridade. O registro retirado da publicação *O Museu Ideal* de Regina Monteiro Real (1958) demonstra exatamente a interação entre os mais diferentes formações profissionais, que tiveram contato no Primeiro Congresso. Vale a constatação, de que houve participantes de vários estados brasileiros

Mais de cem congressistas (diretores, conservadores, naturalistas, arquitetos, educadores, pesquisadores, etc.) vindos, inclusive, de Estados e Territórios longínquos, num entusiasmo louvável de intenções a aprender, corrigir e acertar, reuniram-se, de 23 a 29 de julho de 1956, em Ouro Preto (REAL, 1958, p. 9)<sup>85</sup>

As informações demonstram que o Congresso aglutinou técnicos de museus de história, de artes e de ciências naturais, educadores, naturalistas e antropólogos. Esses museus foram representados por diversas pessoas que estiveram presentes em Ouro Preto para a ocasião. Segundo a autora Adelia Ribeiro (2015), o Congresso foi "o primeiro encontro brasileiro a congregar centenas de museólogos de todo o território nacional" (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 117).

Entre os demais participantes do Congresso, estiveram presentes 14 técnicos do Museu Nacional, sendo o museu brasileiro que mais teve representantes no evento. Segundo José Cândido de Melo Carvalho, diretor do MN naquele momento, o museu ofereceu total apoio para o Icom e para a realização do Primeiro Congresso<sup>86</sup>. Entretanto, o mesmo não pode ser dito para os representantes dos museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Com tantos nomes mencionados durante as informações retiradas dos periódicos e dos demais documentos, sentimos falta da presença de Gustavo

<sup>84</sup> Informações retiradas das análises realizadas em fontes jornalísticas

<sup>85</sup> O livro também se encontra disponível online em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=O%20Museu%20Ideal>>. Acessado em 30 de maio de 2018.

<sup>86</sup> Para mais informações, ver Relatório Anual do ano de 1956 do MN. Disponível em <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20\(1956\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20(1956).pdf)> Acessado em 04 de junho de 2018.

Barroso: até o presente momento não se tem registros de sua participação efetiva em nenhuma dessas fontes consultadas por nós.

Diante de tantos temas e tantas novidades, é possível que não se tenha uma constatação exata sobre o que tratou o Primeiro Congresso Nacional de Museus. Suspeita-se que o tema mais estudado durante as apresentações de trabalhos e discussões, foram temas relacionados a museus e educação. E dessa forma, teria impulsionado a realização de um segundo encontro, o seminário comumente conhecido como A Função Educativa dos Museus, no Rio de Janeiro em 1958<sup>87</sup>.

O Primeiro Congresso Nacional de Museus foi tido como um sucesso em sua organização e realização, sendo um dos mais importantes encontros do país. Foi o primeiro a discutir problemáticas fora dos museus das capitais, incluindo museus regionais, reuniu diversos profissionais que atuavam em museus, o que influenciou outros encontros como este a acontecerem. Muitas questões ainda não foram reveladas, mas fica a necessidade de se investigar ainda mais sobre este congresso e tantos outros não estudados. Momentos como esse, marcam a trajetória da museologia enquanto campo científico e demonstra o quão grande e não explorada é sua história.

---

<sup>87</sup> Inicialmente, a suspeita de que o Primeiro Congresso Nacional de Museus teria influenciado um segundo congresso, partiu da própria autora. Porém, recorrendo a arquivos do Iphan que se encontram no Rio de Janeiro, foi possível confirmar de acordo com a Ata de Criação do Congresso, precisamente no regimento IX, Art. 18 – Disposições gerais, a informação que o Primeiro Congresso de Museus seria responsável por fixar em sua última sessão plenária, o local da realização do próximo congresso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2008. 200p.

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Paradigma Evolucionista e o Museu Histórico Nacional**. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 27, n.1, p. 7-19, 1995.

AGUIAR, Leila Bianchi. **Desafios, permanências e transformações na gestão de um sítio urbano patrimonializado: Ouro Preto, 1938 a 1975**. Estudos Historicos (Rio de Janeiro), v. 29, p. 85-104, 2016

ATENAS. **Carta de Atenas**. Sociedade das Nações - Outubro de 1931. Conclusões Gerais e Deliberações da Sociedade das Nações, do Escritório Internacional dos Museus. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_378\\_de\\_13\\_de\\_janeiro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

BARATA, Mário. **50 anos de Museologia I: um fragmento pessoal**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, ano 152, n.371, p.554 - 561, abr./jun. 1991.

BARROS, Flávio Luís Soares de. **Civilização, diversidade, desenvolvimento: A UNESCO e as dimensões da cultura- bens, serviços e conteúdos culturais**. São Paulo, 2017.

BRASIL, **Decreto n. 21**. 129, de 7 de março de 1932. Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus". Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

\_\_\_\_\_, **Lei n. 378**, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_378\\_de\\_13\\_de\\_janeiro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Saúde Pública. **Decreto n. 19.444**, de 1º de dezembro de 1930a. Dispõe sobre os serviços que ficam e cargo do Ministério da Educação e Saúde Pública, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19444-1-dezembro-1930-506386-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

BRASIL. Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. **Decreto lei n. 19.402** de 14 de novembro de 1930a. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19402-14-novembro-1930-515729-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

CARVALHO, M.J. C; **Relatório Anual de 1956** In: Coleção José Cândido M. Carvalho, Rio de Janeiro: Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1956. Disponível em: <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20\(1956\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20(1956).pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ, 2008.

CHAGAS, Mário de Souza. **A Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

CHUVA, Márcia Romeiro. **Os Arquitetos da Memória. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (1930-1940)**. RIO DE JANEIRO: UFRJ Rio de Janeiro, 2009.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos. **Cuidando de uma casa: Regina Monteiro Real na Casa de Rui Barbosa**. In: I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. p. 95-103. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/anais/FCRB\\_Anais\\_I\\_Encontro\\_Luso\\_-\\_Brasileiro\\_de\\_Museus\\_Casas.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/anais/FCRB_Anais_I_Encontro_Luso_-_Brasileiro_de_Museus_Casas.pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos. **Era uma vez, há 60 anos...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus**, 2008.

DUMANS, Adolpho. A ideia de criação do Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 29, p. 13-23, 1997.

EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. **A Unesco e o mundo da cultura**. Campinas, SP, 1999.

FARIA, Ana Carolina Gelmini. **Educação em museus: um mosaico da produção brasileira em 1958**. Mouseion (UniLasalle), v. 19, p. 43-52, 2014.

FIGUEIRÔA, Silvia F.M. **Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição ao século XX)**. Asclepio (Madrid), Madri, v. 50, n.2, p. 95-111, 1998.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. **“De Olinda a Olanda”: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)**. Campinas, SP, 2009.

GARCIA, Afrânio da Silva. **Semântica histórica**. SOLETRAS (UERJ), São Gonçalo, v. 1, n.2, p. 66-75, 2001.



GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 2002.

GUIMARAENS, Cêça. **O problema do estilo na ideia de museu**. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 34, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números**. Brasília, 1.v, 2011.

JULIÃO, Letícia. **Enredos museais e intrigas da nacionalidade: museus e identidade nacional no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Sphan e a cultura museológica no Brasil**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 22, p. 141-161, 2009.

KNAUSS, Paulo. **A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil da década de 50 do século XX**. In: RAMOS, Francisco Regis Lopes; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e (Org.). Cultura e memória: os usos do passado na escrita da história. Fortaleza: NDC-UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB; 2009. 369p.

LUCA, Tânia Regina de. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937)**. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/29/inspetoria-de-monumentos-nacionais-1934-1937>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

MAGALHÃES, Ana Gonçalves. **Margherita Sarfatti e o Brasil: a coleção Francisco Matarazzo Sobrinho enquanto panorama da pintura moderna**. In: Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro, p. 257-263, 2010. Disponível em: <[www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha\\_2010\\_Magalhaes\\_Ana\\_art.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha_2010_Magalhaes_Ana_art.pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **Meio ambiente e museus: para um quadro inicial de referências**. In: Francisco Régis Lopes Ramos; Antonio Luiz Macedo e Silva Filho. (Org.). Cultura e memória: os usos do passado na escrita da história. 1ed. Fortaleza - CE: Instituto Frei Tito de Alencar - Núcleo de Documentação Cultural/UFC, 2011.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2015.

MOTTA, Lia. **Ouro Preto: de monumento nacional a patrimônio mundial**. In: SORGINE, Juliana. (Org.). *Salvemos Ouro Preto: a campanha em benefício de Ouro Preto, 1949-1950*. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008, p.12-17.

**Nosso Século**. São Paulo, Círculo do Livro, 1989, vol.5

NUNES, Rosiane. **UNESCO: Patrimônio Cultural Imaterial e Sociomuseologia**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2011.

PETITJEAN P., ZHAROV, V., GLASSER, G., RICHARDSON J., DE PADIRAC, B. and ARCHIBALD, G. (orgs) **Sixty Years of Science at UNESCO 1945–2005**. Paris, UNESCO, 2006.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. **Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural**. In: Betânia Gonçalves Figueiredo; Diana Gonçalves Vidal. (Org.). *Museus - dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna*. 1ed.Belo Horizonte: Argumentum, 2005, v. 1, p. 151-162.

REAL, Regina. **O Museu Ideal**. Belo Horizonte. Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais/ Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 67 p, 1958. Disponível em:  
<<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=O%20Museu%20Ideal>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. **Ministério da Educação e Cultura**. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

ROCHA, Cláudia Regina Alves da. **Da Pinacoteca ao Museu: historicizando processos museológicos**. São Paulo, 2014. Disponível em:  
[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde.../ClaudiaRochaREVISADA.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde.../ClaudiaRochaREVISADA.pdf)  
Acesso em 12 de jun. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1999.

SÁ, Ivan, Coelho de. **Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, p. 129-146, 2015.

TRIGUEIROS, F. Santos. **Museu e Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1958.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Museus de ciências e tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950**. 2008. 278 f. Tese (Doutorado

em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

## SITES

ANAIS DO MHN - MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em:  
<<http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh-anais.htm>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

ATA EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO CONSULTIVO DO IPHAN. Disponível em  
<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938\\_\\_01\\_\\_1a\\_sesso\\_extraordinria\\_\\_17\\_de\\_mai\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_mai(4).pdf)>. Acesso em 12 de jun. 2018.

BIOBIBLIOGRAFIA BERTA RIBEIRO. Disponível em:  
<<http://www.fundar.org.br/controller.php?pagina=29>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

BIOGRAFIA GUSTAVO BARROSO. Disponível em:  
<<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

BIOGRAFIA OSWALDO TEIXEIRA. Disponível em:  
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa706/oswaldo-teixeira>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO - SÉRIE MEMÓRIA/ CORREIO DA MANHÃ.  
Disponível em  
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101412/memoria1.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2018

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO - SÉRIE MEMÓRIA/ DIÁRIO DE NOTÍCIAS.  
Disponível em:  
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2018

CONSTITUIÇÃO UNESCO. Disponível em:  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147273por.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

CONSTITUTIVE ASSEMBLY OF ICOM <<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icoms-general-assemblies-1946-to-date/paris-1946/>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

MAURÍCIO HILARIO BARRETO NABUCO DE ARAÚJO. Disponível em:  
<<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-hilario-barreto-nabuco-de-araujo>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

OURO PRETO (MG). Disponível em:  
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

PERIÓDICOS BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em  
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

RELATÓRIO 1969 - ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS. Disponível em  
<<http://docvirt.com/docreader.net/cache/1373708112146/I0044494-60Alt=001925Lar=001281LargOri=002562AltOri=003850.JPG>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

RELATÓRIOS, CURSO DE MUSEU E ACERVO GUSTAVO BARROSO/CURSO DE MUSEUS/CURRICULUM VITAE- PROFESSORES 1969, 71, 76. Disponível em:  
<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

VIDA E OBRA: RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE (1898 – 1969). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodrigo-melo-franco-de-andrade-1898-%E2%80%93-1969>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

## DOCUMENTOS

BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **ATA PRIMEIRO CONGRESSO DE MUSEUS**, 1956. Rio de Janeiro. Acessado em 01 de ago de 2018.

## APÊNDICE

Apêndice 1 - Mapa de conceitos - relação agentes e agências / Fonte: autoria própria.

